

INTRODUÇÃO

O filósofo e teólogo Leonardo Boff e as psicólogas Carol Gilligan e Nel Noddings expõem um relevante estudo sobre o cuidado e seu possível desenvolvimento na moralidade de homens e mulheres. Esse estudo traz à tona a natureza inata do cuidado humano que se expressa pela preocupação, responsabilidade, reflexão e interesse por nós, pelo outro e por tudo que nos cerca. O cuidado é que dá vida à ética do cuidado ou da responsabilidade durante o processo de amadurecimento das mulheres. A ética do cuidado revela o quanto é importante o respeito, o cuidado e a atenção à nossa vida e à vida do nosso semelhante - principalmente se este divide conosco uma relação de cuidado e afeto recíprocos - para a efetivação da nossa humanidade e dignidade.

Como base para este trabalho, foi feita uma análise sobre o que é o cuidado e a ética do cuidado a luz destes três autores. E como para tal conhecimento ser efetivado é necessário se conhecer o humano, foi realizado também um estudo sobre as diferenças de desenvolvimento moral e comportamental de homens e mulheres, visto que as particularidades de cada gênero influem no florescimento do cuidado e no seu desenvolvimento dentro das relações íntimas e sociais.

A importância e relevância do cuidado – o quanto ele fortalece, auxilia e dignifica o humano - são mostradas detalhadamente em todo trabalho, sendo interessante ressaltar que é dada a ênfase na abordagem ao cuidado humano e suas propagações para a natureza como um todo. Deixamos de lado, no momento, o cuidado que sabemos existir entre os animais irracionais, pois o objetivo deste trabalho é revelar como o cuidado pode participar ativamente do agir moral de homens e mulheres e entender, assim, a diferença de uma ética baseada na responsabilidade para uma ética baseada na justiça social, no intuito de encontrar um equilíbrio entre ambas para a edificação de uma renovada e melhorada ética social.

Partindo das colocações acerca do cuidado – suas características, necessidades e origem – e do diferente, mas engrandecedor, desenvolvimento da moralidade feminina e masculina ao longo da vida, evoluímos no decorrer do texto ao encontro da ética do cuidado ou da responsabilidade, a qual tem como base forte para sua aparição o afeto, o zelo, a atenção e o amor despertados pelo convívio com as pessoas queridas. Essa ética traz para a realidade social o valor das nossas emoções no nosso agir e sua estreita ligação com os relacionamentos afetivos. Embora a ética do cuidado ainda seja utopia,

ela é lançada aqui como um poderoso meio para se alcançar um aperfeiçoamento futuro de todas as formas de vida.

Observando o que faz o cuidado e a ética do cuidado surgirem nas relações, percebemos que eles demandam uma educação de qualidade, firme e rígida da infância à idade adulta para que na formação de nossa personalidade tenhamos o conhecimento do que realmente é relevante na vida e possamos construir nosso caráter com base em ensinamentos fundamentados no bem, no respeito, na paz, no amor e na responsabilidade pela vida. Mas, para que a ética do cuidado pudesse acontecer hoje teríamos que reeducar os adultos para que eles reformulassem sua visão e seu posicionamento diante da vida e assim, conseguissem dar ensinamentos e exemplos dignificantes para seus filhos e/ou alunos.

Sabemos, por estudos da psicologia, que depois da personalidade formada na infância o mais que podemos fazer é tentar melhorá-la - com algum esforço e dedicação. Assim percebemos que a ética do cuidado só terá chances de se fazer presente na moralidade a muito longo prazo, quando o cuidado for pouco a pouco sendo presente na educação infantil, nos exemplos e no comportamento diário de cada um. E mesmo assim, ainda não temos como afirmar se ela surgirá, pois vivemos uma realidade diferente para cada região e para cada país, com culturas, costumes, ensinamentos, educação e possibilidades particulares.

Mas se pararmos para refletir sobre como vivemos, principalmente nas últimas décadas, acabamos desejando imensamente que o cuidado se faça presente em nossas relações. Podemos dizer que a grande maioria das pessoas quer ser cuidada, amada e querida, como também, quando recebemos todo esse amparo e afeto tendemos a nos acalmar, a nos equilibrar e ficamos mais aptos a ser carinhosos, atenciosos e amáveis com os outros. Por mais que a ética do cuidado seja uma utopia, ainda alimentamos dentro de nós, uns mais que outros, a ilusão de que uma transformação positiva em nosso comportamento e moralidade pode surgir, solucionando muitos dos nossos problemas e trazendo dias melhores para todos.

A verdade é que temos pressa para mudar situações que nos transtornam, entristecem e nos diminuem. E a vida, principalmente nas grandes cidades, não está nada fácil de ser vivida. A violência, o desrespeito e descaso têm tirado o sono de muitas pessoas e feito inúmeras vítimas. A noção de vida interdependente que a ética do cuidado tenta nos lembrar é subestimada pela maioria das pessoas - algumas apenas não cooperam, outras, além disso, destroem. E a forma de destruição tem se tornado mais

grave e mais banal. Hoje, mata-se por um par de tênis, por uma simples discussão, como também, insultamos e ferimos moralmente quem atravessa o nosso caminho num dia não muito feliz.

Essa preocupante realidade dos nossos dias tem feito com que algumas pessoas pensem em mudar de cidade, de religião, de profissão e até de país na tentativa de se livrar das violações a seus direitos e das dores causadas pela insegurança de se viver sem uma proteção e amparo confiáveis. Mas, aonde quer que formos e qualquer que seja nossa crença, a solidão, a violência e a falta de cuidado provavelmente ainda serão presentes. Pois não é trocando de país, de objetivo ou de ideais de vida que vamos encontrar o “paraíso” – um lugar onde todas as pessoas são boas, pacíficas, cuidadosas e confiáveis. A mudança tem que acontecer dentro de cada um, dia após dia, na observação do que nos faz bem e do que nos faz mal para querermos nos habituar ao primeiro e relegar o segundo.

O cuidado que esperamos receber das pessoas que nos relacionamos, o qual muitas vezes não recebemos, faz nascer na humanidade a vontade de construir uma ética que o valorize e o priorize nas relações particulares e sociais. Essa nova ética que o cuidado dá forma não quer ser absoluta, pelo contrário, a ética do cuidado sabe da importância e eficácia da ética social atual, mas sabe também que nós esperamos e até precisamos mais que justiça e respeito das pessoas. A ética do cuidado entende que as ligações afetivas de amor, carinho, preocupação e atenção são primordiais para o nosso bem-estar e para o aparecimento do desejo de ser bom em cada um de nós.

O estudo do cuidado e da ética do cuidado se mostra relevante por esclarecer que o humano é feito pelo cuidado, levando-o pela vida inteira no íntimo, o que lhe dá vontade e prazer em cuidar, assim como, faz-lhe desejar ser cuidado.

No capítulo I – O CUIDADO NA FILOSOFIA – o estudo está dividido em dois tópicos: 1.1 O cuidado e seu significado e 1.2 Leonardo Boff e a fábula-mito do cuidado: o cuidado que devemos ter em equilibrar o ser-trabalho (céu) e o ser-cuidado (terra) dentro de nós. A análise foi feita mais detalhadamente com base no livro *Saber cuidar* de Leonardo Boff. Expõe-se nesse capítulo a etimologia da palavra cuidado, sua natureza, origem, seu contrário (descuido), sua importância e eficácia no desenvolvimento e aperfeiçoamento do humano e de toda a natureza. Também é explicado o surgimento do homem - tendo como referência a fábula-mito do cuidado, seu papel no mundo e seu poder de construir e destruir orientado de acordo com o equilíbrio ou desequilíbrio das dimensões do feminino e do masculino em seu ser. A

abordagem do ser-trabalho e do ser-cuidado abre uma discussão sobre as peculiares diferenças entre os sexos e também entre as dimensões, e revela o que isso pode trazer de conseqüências positivas e negativas para a vida familiar e social.

O cuidado é caracterizado como responsabilidade, interesse, atenção e está presente no íntimo do homem e da mulher do nascimento à morte. Ele brota de dentro de nós quando respeitamos e somos respeitados, quando nos deixamos ser afetados e acarinhados por gestos ou palavras de pessoas queridas. O cuidado pode ser revelado no abraço de um amigo, numa ajuda ao desconhecido desamparado ou na repreensão de pais a filhos; ele age como um antídoto aos pensamentos e emoções negativas, impulsionando-nos para a prática do bem e, se preciso, com o uso da reflexão. O cuidado é essencial à vida porque sem ele o homem esquece sua humanidade, passando a cometer descuidos e irresponsabilidades, destruindo sua vida e inevitavelmente a vida da natureza em sua totalidade.

O homem é construído pelo cuidado, e traz em si além do próprio cuidado, a sabedoria e as dimensões masculina (animus) e feminina (anima) que correspondem respectivamente à dimensão céu (espírito) – a qual nos orienta para o ser-trabalho e dimensão terra (corpo) – que nos direciona para o ser-cuidado. O animus desperta o humano para o progresso e para as transformações, deixando-o arrogante, egoísta, dominador, individualista e, portanto, descuidado se essa dimensão for superiormente desenvolvida no seu ser. Já a anima nos acrescenta a sensibilidade, o amor, o desejo de cuidar e proteger tudo que vive. Essa dimensão nos possibilita sentir com o outro, enxergar a interligação de todas as formas de vida e quereremos cooperar e agir com cautela e compaixão. Mas se esta dimensão também for superiormente desenvolvida em nós, ela pode nos deixar com quietude, preocupação e zelo em demasia prejudicando a nossa vida e possivelmente a vida de outras pessoas. Devemos tentar ajustar equilibradamente a dimensão céu com a dimensão terra em nosso ser para que possamos viver nem somente para o trabalho nem somente para o cuidado, e para isso contamos com a ajuda do nosso cuidado e sabedoria.

Trazemos uma tendência a desenvolvermos e nos adaptarmos mais a uma das duas dimensões durante a vida. O sexo masculino ajusta-se melhor à dimensão céu (dimensão do masculino), por encontrar nela uma relação de semelhança com seus ideais e um aconchego que lhe permite extravasar sua objetividade e seu natural gosto pelo poder. O sexo feminino identifica-se com a dimensão terra. E isso torna o

desenvolvimento da alma um prazer para a mulher, que na sua maioria, é sensível ao outro e atenta ao que acontece em suas relações.

No capítulo II – A ÉTICA DO CUIDADO – o estudo está dividido em três tópicos: 2.1 Carol Gilligan: o feminino e o masculino; 2.2 Ética do cuidado x Ética da justiça e 2.3 Nel Noddings: a ética do cuidado e a valorização do feminino e dos afetos. Este capítulo concentra suas análises baseadas na leitura dos livros: “Uma voz diferente” (Carol Gilligan), “Ética – conceitos chave em filosofia” (Dwight Furrow) e “O cuidado: uma abordagem feminina à ética e à educação moral”. (Nel Noddings). É exposto aqui as diferenças de desenvolvimento moral de homens e mulheres e as implicações dessas particularidades no comportamento familiar e social de ambos os sexos. As peculiaridades de cada sexo fazem homens e mulheres terem formas distintas de construir a moralidade e de observar e viver a vida. Porém, ambos caminham ao encontro do ideal da justiça, da igualdade e do respeito para todas as pessoas, no entanto, com um fator determinante que complica o entendimento entre os gêneros: a mulher vê a vida como unida, apegada e o homem a vê como separada, individualizada. Com isso, parece ser mais fácil para a mulher do que para o homem manter uma boa convivência social com o uso da tolerância e do bom senso, e ter cuidado para que na busca dos seus objetivos não ultrapasse os limites entre o seu espaço e o espaço do outro. Independente das diferenças entre os gêneros, foi estipulado na sociedade uma ética que delimita os direitos e os deveres de todo cidadão, assim como, suas obrigações para com a sociedade em geral. A ética da justiça, como pode ser chamada, baseia-se nos direitos humanos de igualdade e justiça de maneira imparcial, os quais são mais facilmente adaptáveis aos homens e parecem insuficientes e bastante inflexíveis para muitas mulheres. Estas, além de justiça e igualdade, desejam que o cuidado às pessoas queridas e os relacionamentos sejam mais valorizados pela ética e possam admitir exceções à imparcialidade em casos difíceis e extremos. Assim, na maturidade, a mulher expõe sua dificuldade em adaptar-se a ética atual, ao mesmo tempo em que revela a vontade de contribuir com sua melhoria, unindo a ética do cuidado – provinda de sua sensibilidade – à ética da justiça.

A psicologia no estudo do desenvolvimento e comportamento humano, com o passar dos anos e depois de inúmeras pesquisas se desfez do antigo pensamento machista de que a mulher, com sensibilidade e empatia mais apuradas que no sexo oposto, é inferior ao homem em seu desenvolvimento e capacidade de lidar com os dilemas, preocupações e responsabilidades da vida social. Mas, esse equívoco cometido

por experiências e interpretações masculinas tendenciosas, prejudica até hoje as relações de homens e mulheres, e a educação e tratamento que ambos recebem em seus lares, escolas, universidades, trabalhos e até em ambientes de lazer. A mulher ficou estigmatizada como frágil e dependente, sendo prejudicada em sua socialização e em sua aceitação própria, e podemos dizer que esse estigma ainda há de perdurar por um bom período.

As distinções entre os sexos desvelam a necessidade de complementação, de união, sendo uma forma que a sábia natureza encontrou de ligar o homem à mulher de maneira que um dependesse do outro e assim utilizassem essa co-dependência ao seu favor, unindo-os na formação da família, da sociedade pacífica e na edificação do bem. Mas, ao que parece, entendemos tudo errado. Muitas mulheres desejam que os relacionamentos sejam cada vez mais afetivos, mais próximos, mostrando um interesse pela vida cuidadosa, respeitosa e uma maior lucidez sobre a interdependência da vida, o que contribui para que elas sintam a necessidade da efetiva junção da ética do cuidado à ética social. Mas, em muitos casos, faltam-lhes a coragem de falarem por si mesmas, de expressarem suas vontades, pensamentos e revelarem sua personalidade, e isso muito devido ao receio de estarem equivocadas e, assim, serem julgadas e ridicularizadas. Por outro lado, muitos homens desejam que a individualidade seja preservada, que as relações não se tornem tão próximas e afetivas, demonstrando certo descompromisso com a vida do semelhante, uma maior inclinação para cometer descuidos e uma falta de conhecimento sensível à ligação dependente de toda a natureza, o que os fazem não sentirem necessidade de reformular a ética da justiça e também não compreenderem muito bem as colocações femininas.

A tendência da mulher à desenvolver o cuidado dentro de si e priorizá-lo nas suas relações, ela adquire em parte da Mãe terra – por sentir uma semelhança com sua ternura e cuidados –, e em parte de sua referência feminina materna – por se ver como ela e desejar compartilhar de todo amor, proteção e apego. Essa ligação amorosa e afetiva que faz a maioria das mulheres despertar na maturidade para a grandeza de seus sentimentos é que faz elas sentirem a necessidade da efetivação da ética do cuidado. As idéias e sentimentos do universo feminino podem favorecer o desenvolvimento do cuidado e dos afetos na humanidade, e particularmente nos homens – por meio de atitudes, exemplos ou até mesmo de um bom diálogo, e trazer uma maior qualidade e tranquilidade para a nossa vida íntima e social.

Pela maioria dos homens ficarem privados de uma maior percepção do cuidado por boa parte da vida – por causa do desapego com que se relacionam com suas mães, devido às diferenças de gênero, desejos, e também por desenvolverem facilmente seu lado do ser-trabalho -, seria interessante pensarmos numa forma de educar os filhos homens de maneira que eles sentissem a troca, o afeto e o aconchego como inseparáveis da pessoa humana, e para isso o pai deve se fazer presente tão carinhoso e afetivo quanto às mães na educação familiar dos meninos, já que os filhos homens se reconhecem na figura paterna.

O presente capítulo, “A Ética do cuidado”, tem o objetivo de expor que as emoções humanas são determinantes no nosso agir moral e por isso uma ética baseada em princípios universais se torna muitas vezes injusta e desigual com as nossas relações particulares quando visa primeiramente o bem geral. A ética do cuidado entende que os relacionamentos afetivos são importantes na construção da moralidade e da ética, porque por meio deles percebemos as fragilidades, limitações e necessidades humanas com maior clareza e sensibilidade, assim como, nos habituamos a ser virtuosos e exercer nossa solicitude e compaixão também com pessoas que não são próximas a nós. Entendemos com as pessoas que amamos que a vontade que temos de vê-las bem e felizes surge justamente do tempo e cuidado que dedicamos à relação e por sentirmos a reciprocidade desse amor. A ética do cuidado, portanto, deseja que não sejamos guiados na vida apenas por obrigações e regras imparciais, ela nos alerta para a unicidade de cada ser, e para a precisão de darmos atenção à nós, ao outro e as nossas particularidades e necessidades, no intuito de um dia chegarmos a compartilhar de uma ética naturalmente justa e igualitária.

1.0 O CUIDADO NA FILOSOFIA

1.1 O cuidado e seu significado

O dicionário *Houaiss da língua portuguesa* traz o seguinte significado da palavra cuidado: “submetido a rigorosa análise, meditado, pensado, aprimorado, que foi ou é objeto de tratamento especial, zelo, desvelo que se dedica a alguém ou a algo”. E caracteriza cuidar como: “cogitar, pensar, ponderar, atentar para, prestar atenção em, preocupar-se com, responsabilizar-se por (algo ou alguém), ter muita atenção para consigo mesmo (exterior ou interiormente)”. E isto está de acordo com a colocação de Leonardo Boff que diz: “Alguns estudiosos derivam cuidado do latim cura. Outros derivam de cogitare-cogitatus e de sua corruptela coyedar, coidar, cuidar. O sentido de cogitare-cogitatus é o mesmo de cura: cogitar, pensar, colocar atenção, mostrar interesse, revelar uma atitude de desvelo e preocupação”. (BOFF. 1999. p. 90-91). Cuidado é reflexão, sentimento e emoção, é o que caracteriza-nos como pessoas humanas. Onde há cuidado, há alguém que cuida e algo que é digno desse interesse, dessa atenção. Cuidar é ser humano com vistas à completude. “Cuidado consiste em uma forma de viver, de ser, de se expressar. É uma postura ética e estética frente ao mundo. É contribuir com o bem-estar geral, na preservação da natureza, na promoção das potencialidades e da dignidade humana e da nossa espiritualidade.” (WALDOW. 2004. p. 176).

A palavra cuidado tantas vezes proferida por nós, ganha alma e valor quando conhecemos melhor a sua representação. Se cuidar é cogitar, pensar - dentre outras coisas -, então o cuidado está na natureza humana. Externar a essência humana cuidadosa é fazer emergir o nosso “eu” superior e anterior a toda idéia. “Não temos cuidado, somos cuidado.” (BOFF. 1999. p. 89). Dessa forma, uma pessoa responsável, afetuosa, solícita e prudente põe em prática o amor que há em si sob a forma de cuidado às pessoas e a vida em geral, desencadeando com isso a prática das virtudes. Assim, vemos que é a atitude de cuidar que proporciona o aparecimento das virtudes e seu desenvolvimento nas relações humanas, sem ser o cuidado, por si mesmo, uma virtude como afirma Nel Noddings.

Quando cuidamos evidenciamos que nos importamos não somente conosco, mas também com todo o ciclo de vida. Mostramos que temos consciência da responsabilidade de cada ser em manter o equilíbrio das relações e a harmonia da

natureza. Mas precisamos cuidar do cuidado para que ele se faça presente em nossas ações espontaneamente e com o tempo deixe de ser algo buscado, passando a existir naturalmente em nosso comportamento diário.

É o cuidado que faz nossa vivência responsável e respeitosa. Se nos distanciamos dele nos perdemos de nós mesmos e conseqüentemente dos outros seres. Sem cuidado ficamos propensos a agir contra a nossa própria natureza, passamos a ter atitudes destrutivas. Magoamos, insultamos, roubamos, mentimos, matamos, tudo isso porque esquecemos quem somos e qual é o nosso papel no mundo. Assim, perdemos o cuidado com a vida, perdemos nossa dignidade e integralidade. “O cuidado possui uma dimensão ontológica que entra na constituição do ser humano. É um modo-de-ser singular do homem e da mulher. Sem cuidado deixamos de ser humanos.” (BOFF. p. 89).

O cuidado conjuntamente com a ética, é responsável pela construção do homem, do seu caráter e de seus valores. Diz-se que um sujeito não tem cuidado nem ética, por exemplo, quando seus valores são egoístas e individualistas ao ponto de suas vontades e necessidades se tornarem mais importantes do que as dos demais humanos e de todos os seres vivos. Muitas vezes a falta de ética e de cuidado nem é percebida por quem pratica ações injustas, talvez pelo hábito de praticá-las desde a infância, caracterizando-o como descuidado; outras vezes, embora seja percebida, ela é praticada, configurando aí um caso de cinismo, egoísmo e irresponsabilidade.

De acordo com Boff, para sentirmos o que há em nós necessitamos do nosso semelhante. Nós humanos, nos conhecemos e nos reconhecemos através do outro - se sou disciplinado, só poderei conhecer minha disciplina pelo convívio com as pessoas. Isso faz lembrar o exercício das virtudes em Aristóteles, o qual é feito por meio das verdadeiras relações de amizade. O convívio e a troca possibilitam a lucidez das nossas virtudes e dos nossos erros e desvios. Com esse entendimento atestamos que quanto mais nos relacionamos com os outros mais nos conhecemos e menos nos enganamos. Assim, querer fazer da vida um jogo e do semelhante um adversário é dar chance ao descuido, ao descaso consigo e com os demais, é admitir que a humanidade sobrevive na insensatez e na solidão. “O eu somente se constitui mediante a dialogação com o tu. O tu possui uma anterioridade sobre o eu. O tu é parteiro do eu.” (BOFF. p. 139).

Boff frisa que assim como o cuidado é intrínseco à humanidade, seu contrário, o descuido, também faz parte da natureza humana. Possuímos dentro de nós bons e maus sentimentos e emoções, convivendo entre si eles podem aflorar ou ficar

imperceptíveis para a sociedade e até para nós mesmos. As pessoas mais cuidadosas, ou seja, as pessoas prudentes, atenciosas e responsáveis, estão mais propensas a terem boas atitudes e a alimentarem dentro de si os bons sentimentos. Já com as pessoas descuidadas – irresponsáveis, desatentas -, acontece o contrário, pela falta do cuidado, elas agem de forma insensata e egoísta, dando vazão aos sentimentos e emoções destrutivos como a ira, a impulsividade, a tristeza e o desamor. “O descuido, inerente à nossa humana condição, mais do que um obstáculo é um desafio para a vivência do cuidado essencial e de suas formas alternativas e mais aperfeiçoadas.” (BOFF. p. 160).

Tornamo-nos responsáveis por nossos pensamentos e ações ao longo da vida. Na fase adulta concluímos que estamos aptos a governar nosso destino e vamos em frente sem muita reflexão, afinal já somos “grandes”. Acontece que, sem pensamento e interesse aprofundados sobre os fatores que nutrem a vida, o humano se perde em si mesmo, se deslocando da sua natureza de cuidado e responsabilidade para cair por inteiro na despreocupação e desatenção a respeito de tudo. Essa atitude irresponsável gera mais desequilíbrio para si e para quem está a sua volta, pois se passamos a fazer coisas nas quais não colocamos o cuidado a probabilidade dessas ações provocarem desajustes e desentendimentos na nossa vida e na vida de outras pessoas é imensa. Esquecemos que não vivemos só no mundo? Que uma ação nossa pode afetar muitos outros seres que nada têm a ver com nossa desarmonia interna? Ou será pior, será que nos lembramos disso tudo, mas o que nos importa mesmo é o que nos afeta, e como o que nos toca a alma hoje são poucas coisas, então vivemos para a nossa própria glória? A oportunidade de pensar e refletir é dada a todos os seres saudáveis, resta-nos parar e escutar a nossa parte mais humana e fiel à natureza e dela tirar o melhor proveito, é o que propõe Boff.

“A responsabilidade é o cuidado reconhecido como obrigação em relação a um outro ser, que se torna “preocupação” quando há uma ameaça à sua vulnerabilidade.” (JONAS. 2006. p. 352). O sentimento de responsabilidade, colocado por Hans Jonas, está silenciosamente desaparecendo entre nós. Já não nos sentimos responsáveis por quase nada. Hoje o significado de responsabilidade que temos é aquele ligado ao dever para com o cuidado dos nossos parentes e amigos próximos, o qual muitas vezes também é violado com naturalidade e sem remorso. Acreditamos que cuidando de nós, e dos nossos familiares, estamos cumprindo com toda nossa responsabilidade humana. Mero engano. Não que isso não seja, sem dúvida, um grande começo, levando-se em conta o número de descuidados com a vida. Mas, olhando de maneira mais ampla,

constatamos que sendo indiferentes às pessoas com as quais não temos parentesco, que são a grande maioria, estamos contribuindo, aceleradamente, com o desaparecimento do respeito, da compaixão, da atitude, e com isso, caminhamos para a morte da dignidade e a separação do homem de sua humanidade.

“No entrelaçamento indissolúvel dos assuntos humanos, bem como de todas as coisas, não se pode evitar que meu agir afete o destino de outros; logo, arriscar aquilo que é meu significa sempre arriscar também algo que pertence a outro e sobre o qual, a rigor, não tenho nenhum direito.” (JONAS. p. 84). O cuidado tem que ser um aliado constante no processo da vida. Embora tenhamos um ritmo acelerado de trabalho e atividades, não estamos liberados para tratar os outros com indiferença e desrespeito. Mas na prática, no nosso dia-a-dia, nos deparamos com situações extremas nas quais tendemos a violar o espaço do outro, sua individualidade e sua vontade. Quantas vezes comprometemos outras pessoas com os nossos descuidos? Quantas vezes fazemos mal a alguém por esse alguém estar no caminho que nos conduz a um bem pessoal? É fato, como afirmam Jonas e Boff, que necessitamos pensar e repensar nossas atitudes e comportamentos. A reflexão é uma aliada do cuidado e do bem viver. Ela permite que não sejamos inconseqüentes e injustos, e na maioria das vezes reacende o desejo de sermos melhores.

Qual o móvel último subjacente aos movimentos dos sem-terra, dos sem-teto, dos privados de direitos sociais, dos meninos e meninas de rua, dos idosos, dos povos da floresta, entre outros, senão o cuidado com a vida humana? É o cuidado e o enternecimento pela inalienável dignidade da vida que move as pessoas e os movimentos a protestar, a resistir e a mobilizar-se para mudar a história. (BOFF. 1999. p. 141).

Apesar de tantos descuidos diante da vida, somos dotados de uma sensibilidade que muitas vezes nos faz reavaliar o sentido de toda existência, e nos impulsiona a estender a mão para o desconhecido desamparado. Embora a violência seja crescente nos nossos dias, juntamente dela presenciamos cenas de profunda sensibilidade e entrega, como pudemos ver na solidariedade aos desabrigados da enchente de Santa Catarina em 2008. Dezenas de pessoas deixaram seus estados, trabalhos e famílias para ajudar àqueles a quem nem conheciam - outros tantos não podendo estar presentes se fizeram solícitos por meio de doativos, e parece-nos que, na maioria dos casos, o que move tudo isso é o sentimento de compaixão, solidariedade e de amor que desenvolvemos no nosso íntimo. O sentir com o outro e envolver-se com

suas causas faz parte do cuidado humano natural, desencadeador da sensibilidade moral no homem e na mulher.

Mas como podemos provar que o ato de ser solidário é puramente resultado da nossa sensibilidade à dor do próximo? Se bem avaliarmos, percebemos que não há como obtermos provas de que as boas ações nascem do sentimento de responsabilidade e da vontade de cuidar e proteger o outro. No próprio caso acima descrito, por exemplo, vimos que algumas pessoas foram ver de perto o desespero alheio, mas mesmo estando próximas de tanta agonia e dor, desviaram donativos para seu uso pessoal, como agasalhos, tênis e até alimentos. Será que essas pessoas já foram até lá com tal intenção ou foram sucumbidas momentaneamente pelo descuido e deixaram se levar pela cobiça ao que não lhes pertencia? Ficamos sem respostas, pois possivelmente cada pessoa teria um “motivo” diferente para justificar sua falta de cuidado e respeito à vida ética.

O Cuidado liga-se à ética de forma íntima e dependente para formar a base constitutiva do ser humano. Com eles construímos nosso caráter, superamos as adversidades e lutamos por um mundo melhor. Tornamo-nos mais fortes e determinados quando adquirimos a consciência ética, quando somos inclinados a ter e sentir cuidado, quando entendemos o quanto somos responsáveis pela continuação do ciclo da vida. Nessa hora, compreendemos o mistério das relações, suas diferenças e encaixes, assim como a possibilidade de semelhanças e desajustes. Vendo desta forma parece menos difícil nos adaptarmos ao meio no qual vivemos. Quando olhamos para nós e enxergamos nossas limitações, dependências e fraquezas, percebemos a necessidade do outro em nossa vida, aceitamos, então, conviver para compreender e dialogar para sermos justos.

Edgar Morin no livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, endossa o pensamento de Boff quando diz que somos inteiramente capazes de razão e de emoção, afloradas muitas vezes em desequilíbrio. Somos capazes de sentir amor, afeto, respeito, responsabilidade, cuidado, carinho e compaixão. Como também temos capacidade para sentir raiva, tristeza, angústia, medo, insegurança, para sermos descuidados, desatentos e irresponsáveis. Temos enraizado na alma e no espírito todos os sentimentos e emoções, assim como, a magia da percepção e da inteligência. Temos uma mistura única dentre todas as espécies de seres vivos. Apesar de tamanha potência, ainda não conseguimos assimilar que não somos melhores que o restante da natureza. Nem todas as nossas qualidades reunidas fizeram de nós humanos seres mais importantes e mais fortes que os outros, pois vivemos num mundo de co-dependência,

de interação e de fragilidades e precisamos entender isto. De nada adianta tantas potencialidades se não aceitarmos nossas limitações e nossa responsabilidade em relação a todo ser vivo.

Caminhamos pela vida em busca do bem-estar, da satisfação, do conforto e da tão sonhada felicidade, e esse trajeto só é possível graças à natureza e tudo que ela compõe. Como fala Boff, somos inteiramente dependentes de todas as formas de vida e estamos interligados com o todo de maneira a sentir as causas e conseqüências de um comportamento desordenado. Dependemos das plantas para purificar o ar que respiramos, para nos dar sombra e frutos; necessitamos dos animais para equilibrar a cadeia alimentar e dar continuidade ao ciclo da vida; precisamos do nosso semelhante - na troca de idéia, no trabalho, no lazer, na satisfação e insatisfação a presença do outro é fundamental para a vida ser concreta. Toda essa ligação e coexistência nos parecem óbvias desde a nossa infância, quando passamos a estudar na escola o importante papel que cada ser vivo realiza na natureza. Com o tempo o aprendizado se vai e quase não encontramos mais aquele homem dito racional em meio a tantas necessidades, a tanto poder e consumo e profunda incompreensão e hostilidade. Onde foi parar a nossa humanidade? Por que a cada dia nos distanciamos mais de nossa essência cuidadosa?

O ser humano é um ser capaz de medida e desmedida; sujeito de afetividade intensa e instável. Sorri, ri, chora, mas sabe conhecer com objetividade; é sério e calculista, mas também ansioso, angustiado, gozador, ébrio, extático; é um ser de violência e de ternura, de amor, e de ódio; é um ser invadido pelo imaginário e pode reconhecer o real, que é consciente da morte, mas que não pode crer nela; que secreta o mito e a magia, mas também a ciência e a filosofia; que é possuído pelos deuses e pelas idéias, mas que duvida dos deuses e critica as idéias; nutre-se dos conhecimentos comprovados, mas também de ilusões e de quimeras. (MORIN. 2007. p. 59).

É interessante lembrar, seguindo o raciocínio de Boff, que o cuidado - capacidade de pensar, sentir, responsabilizar-se - é a característica que nos torna racionais e que nos faz humanos. É ele que regula os nossos atos, nosso comportamento, nossa vontade. Sem cuidado beiramos a irracionalidade e junto com ela adquirimos hábitos autodestrutivos, como o desafeto, a solidão e a estupidez. Mas, apesar das evidências da importância do cuidado para a existência de uma sociedade sadia, muitos de nós o ignoram preferindo fortificar o descuido dentro de si, por este parecer um meio menos complicado e trabalhoso de viver. Ora, pensar e ter responsabilidade com vistas ao interesse e bem da maioria nunca foi tarefa fácil entre os humanos e nos dias de hoje

com o comodismo e a individualidade acentuados esse pensamento transforma-se em utopia.

Por que será que necessitamos da imposição de leis e de uma orientação governamental para nos comportarmos “bem”, para não invadirmos o espaço do outro ou até mesmo não dizirmos alguns seres vivos não humanos? Ou ainda, por que temos a propensão de fazer coisas contra a própria humanidade? Jonas nos responde dizendo: “Precisamos da ameaça a imagem humana – e de tipos de ameaça bem determinados – para com o pavor gerado, afirmarmos uma imagem humana autêntica. Enquanto o perigo for desconhecido não se saberá o que há para se proteger e por que devemos fazê-lo”. (JONAS. 2006. p. 70-71). Ou seja, necessitamos conhecer o mal para querer evitá-lo e para reconhecermos o bem. Em outras palavras, precisamos nos deparar com algo que nos faça sentir medo para que então esse algo tenha a sua representação negativa e conseqüentemente desperte a nossa repulsa e o nosso cuidado. Mas, e se coisas negativas não despertarem mais o medo em algumas pessoas? Já vemos isso acontecer, assassinos frios crescem em número a cada dia; mentirosos calculistas e golpistas se multiplicam ao nosso lado. Essas pessoas provavelmente não têm medo do perigo, não se preocupam com os outros e nem se importam com as conseqüências dos seus atos, agem assim para satisfazer uma vontade sua, momentânea ou não, e na hora do ato é só isso o que importa.

Atualmente quase todas as sociedades estão enfermas. Produzem má qualidade de vida para todos, seres humanos e demais seres da natureza. Pois estão assentadas sobre o modo de ser do trabalho entendido como dominação e exploração da natureza e da força do trabalhador. (BOFF. 1999. p. 136-137).

A visão de Boff de que a humanidade está adoecida, esquecida de si, propensa a multiplicar desafetos e descuidos, é preocupante. O que há conosco? Talvez muita preocupação com o trabalho, o salário, as contas a pagar e nenhuma preocupação com os pensamentos, com os sentimentos, com o cuidado com a saúde física, mental e espiritual, com a natureza. Vivemos uma época meio desumana, quase irreal, principalmente quando vemos as notícias que nos chegam pelos meios de comunicação como uma ameaça: olha, amanhã esse horror pode acontecer com você, cuide-se! Cuidar é isso que devemos fazer. Cuidar de nós mesmos, do outro, dos animais, das plantas, das coisas, da natureza em geral. Cuidar para proteger; para solidificar; para demonstrar amor, preocupação, zelo, respeito; para florescer a paz, a harmonia e o

equilíbrio entre os seres e a natureza. Cuidar para resgatar a humanidade no nosso espírito e o envolvimento com o nosso eu e com o nosso semelhante. “No momento em que o ser cuida, verdadeiramente, ele se envolve, interage, responsabiliza-se pelo crescimento e bem-estar do outro, seja uma idéia, seja uma planta, seja um animal, seja a natureza como um todo.” (WALDOW. 2004. p. 132). Cuidar para que o cuidado seja companheiro dos nossos ideais, desejos e objetivos no decorrer da nossa vida.

1.2 Leonardo Boff e a fábula-mito do cuidado: o cuidado que devemos ter em equilibrar o ser-trabalho (céu) e o ser-cuidado (terra) dentro de nós

“O cuidado é um modo de ser, a forma como a pessoa humana se estrutura e se realiza no mundo com os outros. Melhor ainda: é um modo de ser-no-mundo que funda as relações que se estabelecem com todas as coisas. Fundamentalmente há dois modos básicos de ser-no-mundo: o trabalho e o cuidado.” (BOFF. 1999. p. 92). Partindo das reflexões de Boff constatamos que o ser humano ao longo do tempo foi mudando sua visão a respeito do trabalho, deixando de vê-lo como meio de interação e evolução com o todo, com a natureza e transformando-o em um poderoso meio de intervenção e dominação dessa natureza mesma que lhe dá vida. Surge, a partir daí o antropocentrismo, ou seja, o ser humano projetado como centro do universo, como se estivesse acima de todos os outros seres e de todas as coisas. Nesse momento, sua vontade é imposta com ordem e tudo passa a estar ao seu serviço e de suas necessidades. O humano perde a sensibilidade peculiar a ele e se centra na objetividade, com foco nas relações sujeito-objeto¹, onde o que importa é seu interesse primeiro, seja ele bom para o restante da natureza ou não. A humanidade centrada no modo-de-ser-trabalho² se distancia da sua essência, das suas raízes e se isola em um mundo a parte que ela constrói a cada dia com mais fúria e frieza, acreditando que é possível viver com a natureza sob o seu controle e sua posse.

¹ Para Boff, o ser humano centra em si a dominação e faz do outro e da natureza meros objetos em seu poder. (BOFF. p. 94)

² Boff chama modo-de-ser-trabalho a maneira como o ser humano se realiza no mundo interagindo e intervindo em toda natureza, o que no passado era feito de maneira saudável e de poucos riscos para todo ser vivo. Hoje, enfatiza que é por meio do trabalho que nós humanos passamos a construir e destruir aceleradamente o meio-ambiente, usando a natureza e a humanidade como reféns do poder e da ganância, agindo de maneira violenta em todas as formas de vida. (op. cit., p. 93-95). O modo-de-ser-trabalho virou dominação. Diz Boff: “é a conquista do outro, da natureza, na forma do submetimento puro e simples. Esse modo de ser mata a ternura, liquida o cuidado e fere a essência humana”. (op. cit., p. 97-98)

“Essa atitude de trabalho-poder sobre o mundo corporifica a dimensão do masculino no homem e na mulher.” (BOFF. p. 95). “Na linguagem cunhada por C.G. Jung cada um possui em si o animus (a dimensão do masculino) e a anima (a dimensão do feminino).” (BOFF. p. 140). Hoje, a competitividade nas relações de trabalho e o ambiente hostil que encontramos em vários estabelecimentos públicos ou privados, têm a participação ativa de representantes do sexo feminino. O ser-cuidado expresso mais facilmente pela alma feminina começa a perder espaço para o ser-trabalho-dominação³. Algumas mulheres estão incorporando a objetividade nas atividades do dia-a-dia, com isso passam a ser mais agressivas, com inclinação ao poder e à dominação. Isto se deve à correria pela produção, pelo consumo, pela exigência do mercado de trabalho e das relações sociais, todos esses fatos tornam essas mulheres mais dispersas do seu eixo, mais distantes da sua disposição à ternura, ao cuidado e mais próximas do ser-trabalho-poder.

Já o homem, na sua maioria, tem certa displicência para fortalecer o cuidado em seu ser, por ter a dimensão do masculino acentuada e com isso ser menos sensível e mais objetivo que a mulher. O espírito masculino, naturalmente, tem uma propensão ao poder, à agressividade. E se no curso da vida essa disposição à dominação for alimentada - com atitudes insensatas de submissão da natureza aos seus caprichos - a tendência é que ela se torne dona de si, independente do próprio homem, e passe a prevalecer. Assim, o homem esquece quem é, de onde veio, e vira refém de sua própria ganância e perspicácia. Muitos já se encontram nesse estado, vivendo como poderosos, fechados em seu mundo particular, consumindo muito além do necessário sem ao menos parar para refletir sobre sua vida, sobre o que pretendem e esperam dela. Enquanto isso, maltratam a natureza com suas invenções e costumes, e junto com ela, maltratam a si mesmos, a humanidade, mas não conseguem perceber isso, pois pensam objetivamente e o foco é um só, seu bem-estar e prazer momentâneos. “Aqui deparamos com o encaramujamento do ser humano sobre seu próprio horizonte que, ao negar a essência de seu ser-cuidado, se torna cruel consigo mesmo. O resultado é um processo de desumanização e de embrutecimento das relações.” (BOFF. p. 160).

Com isso, a natureza perde, todos nós perdemos quando o cuidado é negligenciado em favor do possuir, do ter cada vez mais, quando o sentir com a natureza é substituído pelo fazer contra a natureza. Principalmente se o espírito

³ Modo de ser que, segundo Boff, é voltado para a exploração da natureza pelo humano, devido a separação e supervalorização do trabalho em relação ao cuidado.

feminino colabora com a força do descuido sobre o cuidado, pois, como afirma Boff, é a dimensão do feminino existente no homem e na mulher que propicia o florescimento do cuidado essencial, e se esta dimensão enfraquecer na própria mulher provavelmente ela enfraquecerá também no homem. “Importa colocar cuidado em tudo. Para isso urge desenvolver a dimensão alma que está em nós. Isso significa: conceder direito de cidadania à nossa capacidade de sentir o outro, de obedecer mais à lógica do coração do que à lógica da conquista e do uso utilitário das coisas.” (BOFF. p. 102).

Para Boff, o modo-de-ser-cuidado⁴ quando junto ao modo-de-ser-trabalho no homem e na mulher, atenua a possível insensatez humana colaboradora do poder desenfreado - destruidor das relações pacíficas e igualitárias entre as pessoas e causador de danos à toda natureza. O ser-cuidado caminhando lado-a-lado com o ser-trabalho evita que este seja usado como ferramenta para a posse do sujeito e do mundo como um todo. Essa união favorece o desenvolvimento e aperfeiçoamento dos seres vivos e de todas as coisas existentes na terra sem ameaçar a permanência da vida, sua dignidade, seu crescimento, e a convivência harmoniosa entre todos os seres. Com a presença do cuidado no ser-trabalho as relações não se tornam dominadoras, pois o sujeito interage com o todo consciente da sua responsabilidade e da importância do equilíbrio entre todas as formas de vida, não se vê como superior e senhor da verdade e também não admite alianças com o trabalho que menosprezem e destruam a natureza. “A centralidade não é mais ocupada pelo logos razão, mas pelo pathos sentimento.” (BOFF. p. 96).

A facilidade com que falamos do ser-cuidado não é a mesma que encontramos para incorporá-lo. O ser-trabalho, na maior parte da humanidade, supera o ser-cuidado e caminha na frente. Com a vida que temos hoje, muitas vezes, deixamos para trás alguns conceitos simples como o de amor, carinho, compaixão, respeito, tolerância entre outros. Vamos nos guiando pela razão, violando os limites entre o possível e o não permitido, possuídos pela soberba de quem acha que superou a própria natureza. O descuido emerge, ganha força e pouca coisa ainda nos toca. Parece que estamos sempre esperando o pior das pessoas e quando conhecemos alguém que age em favor do bem, com comportamento fiel ao cuidado, estranhamos, duvidamos que possa ser sincero,

⁴ Para Boff o modo-de-ser-cuidado significa estar no mundo co-existindo com tudo que há nele. O ser humano nesse modo de ser não domina a natureza nem seu semelhante, mas convive e interage com eles de maneira dependente e respeitosa. Boff enfatiza: “dar centralidade ao cuidado não significa deixar de trabalhar e de intervir no mundo. Significa renunciar à vontade de poder que reduz tudo a objetos, desconectados da subjetividade humana”. (BOFF. p. 102).

acreditamos se tratar de uma cilada ou simulação. O sentimento de fraternidade, o compromisso com a verdade e o respeito à vida se tornou mérito, pois poucas pessoas hoje conseguem harmonizar descuido e cuidado dentro de si, embora saibam que é o melhor a ser feito.

De modo bem geral: a especialização que caracteriza em si nossas profissões e nossa cultura é, de cabo a rabo, masculina em sua essência. Longe de se reduzir a um dado puramente exterior, só é possível, de fato, pela mais profunda especificidade psicológica do espírito masculino: a atividade objetivamente especializada, de um lado, e a subjetividade do outro, levam cada uma a sua própria vida, se assim posso dizer. Toda divisão do trabalho bastante avançada significa que o sujeito se separa de seu trabalho, o qual se integra então num contexto objetivo, em que se dobra às exigências de uma totalidade impessoal, enquanto os interesses subjetivos e os movimentos interiores do ser humano constituem, por sua vez, um mundo próprio e prosseguem de certa forma uma existência privada. Se essa possibilidade psicológica não subsistisse, nossa cultura, construída sobre a mais extrema divisão do trabalho, seria não só insuportável, mas a priori impossível. Ora parece que a diferença mais marcante entre o espírito masculino e o espírito feminino reside nisso, e que este último não pode existir, pelo menos a nível do tipo, com semelhante dissociação entre o desempenho singular e o eu dotado de seus centros afetivos e sensíveis. (SIMMEL. 2006. p. 72-73).

O filósofo Georg Simmel no livro *Filosofia do Amor* observa que a maioria dos homens nas suas relações tende a pensar e agir mais objetivamente que a maioria das mulheres, as quais se voltam mais para a subjetividade. Os primeiros se encaixam melhor às exigências do mercado de trabalho competitivo, por conseguirem administrar suas emoções - o que os tornam hábeis para tomar decisões e gerenciar grupos - e separar o que pertence ao trabalho do que pertence à vida privada. No entanto, esse perfil pode ser negativo quando o trabalho exige maior interação, cooperação, delicadeza e compreensão, virtudes difíceis de serem trabalhadas pelo espírito masculino. A maioria das mulheres, por sua vez, não tem a imparcialidade do homem. Elas se envolvem e participam da vida do outro, compartilham angústias e vitórias e se deixam levar pelas emoções, seja em casa, na rua ou no trabalho. Com isso podem perder um pouco o foco no trabalho quando algo não vai bem na sua vida particular e vice-versa. Mas, elas são aliadas em assuntos profissionais que exigem dedução, intuição, perfeccionismo, paciência, delicadeza e compreensão, características fortemente femininas e capazes de mudar a direção e o resultado de uma atividade.

“Todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana.” (MORIN. 2007. p. 55). O ideal seria a aliança, sem desequilíbrio, da dimensão do feminino com a dimensão do masculino no interior de

todo ser humano na construção do ser-trabalho-cuidado. Consciente da necessidade da justa medida⁵ entre o trabalho e o cuidado, esse ser produtivo, compreensivo, afetuoso, responsável, dinâmico, precisa nascer dentro de cada um de nós antes que maltratemos mais nosso planeta, nossa terra e natureza. A união pacífica entre a anima⁶ e o animus⁷ é benéfica na edificação do ser-trabalho-cuidado, porque resulta em avanços para a humanidade, tanto no sentido do desenvolvimento e aperfeiçoamento das atividades e relações humanas – com menos riscos ao ambiente e a vida de todos os seres -, como também, no sentido de promover um encontro reparador entre o ser-trabalho materialista com o ser-cuidado espiritual existentes em cada um de nós. “O modo-de-ser-cuidado revela a dimensão do feminino no homem e na mulher.” (BOFF. 1999. p. 96).

Não é de hoje que a essência do cuidado e suas peculiaridades é motivo de interesse entre os estudiosos da vida humana. Na antiguidade já se falava no cuidado com uma lucidez impressionante. Um sábio perspicaz do norte do Egito chamado Higino (I séc.a.C.), com sua inteligência e inquietação para conhecer os mistérios das espécies vivas e das coisas do mundo como um todo, reelaborou a fábula-mito do cuidado - que é de origem grega - nos termos da cultura romana, segundo Boff. Assim nascia a fábula-mito sobre o cuidado, uma obra literária que até hoje mexe com o nosso imaginário e sem muita pretensão explica a relação íntima que desde sempre existiu entre o cuidado e a espécie humana.

A fábula do cuidado é exemplar para um melhor entendimento da relação do humano com o cuidado e especialmente do humano com a natureza. Higino se utiliza de figuras mitológicas em sua narração para explicar o sentido do cuidado para a vida humana. Vamos agora, de acordo com a interpretação de Boff, analisar essa fábula-mito que dá suporte ao nosso estudo.

“Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma idéia inspirada. Tomou um pouco do barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter.

Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que júpiter fez de bom grado.

⁵ Boff coloca como sendo o equilíbrio entre o mais e o menos. (BOFF. p. 112).

⁶ Boff baseado em C.G. Jung afirma que é a dimensão feminina existente tanto na mulher quanto no homem, ficando aparente seu desenvolvimento ou não dentro de cada um pelo modo como a pessoa se comporta em sociedade. (op. cit., p. 193).

⁷ Da mesma maneira, Boff, explica essa dimensão masculina. Ela também existe na mulher e no homem, podendo seu desenvolvimento ser observado por meio do comportamento diário e social de cada pessoa. (op. cit., p. 193).

Quando, porém, Cuidado quis dar nome á criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome.

Enquanto Júpiter e o Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da terra. Originou-se então uma discussão generalizada.

De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa:

‘Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura.

Você, terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer.

Mas como você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver.

E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: essa criatura será chamada Homem, isto é, feita de húmus, que significa terra fértil’.” (BOFF. p. 46).

O primeiro ensinamento que tiramos da fábula de Higino é que o cuidado é anterior ao homem. É ele que inicia a formação do ser humano e o acompanha por toda a vida. Mas, na constituição do homem também existe o espírito, o qual é dado pelo divino (Júpiter - céu), assim como existe o corpo, dado pela terra (*Tellus*). E para orientar, no tempo e na história, esse corpo e esse espírito, acompanhado de Cuidado, chamado homem é necessário um deus sábio e justo como Saturno. “O ser humano é, simultaneamente, utópico e histórico-temporal. Ele carrega em si a dimensão Saturno junto com o impulso para o céu, para a transcendência. Nele revela também o peso da terra, da imanência. É pelo cuidado que ele mantém essas polaridades unidas e faz delas material da construção da sua existência no mundo.” (BOFF. p. 67).

A criatura moldada pelo Cuidado chama-se homem porque foi criado “a partir do barro da terra, plasmado a partir do húmus que significa terra fértil. De húmus deriva seu nome: homem, filho e filha da terra fecunda (húmus)”. (BOFF. p. 60). Boff, interpretando a fábula de Higino, diz que embora o ser humano tenha em si o espírito (Júpiter), o guia cuidador (Cuidado) e um deus orientador do tempo e da história (Saturno), ele antes de qualquer coisa é esculpido por argila, por barro, a partir de então é que existe a possibilidade de se ter espírito, de se ter vida no corpo, de movimento e comunicação entre o divino - céu (Júpiter) - e a terra (*Tellus*). “Viemos da terra e a ela

voltaremos. A terra não está à nossa frente como algo distinto de nós mesmos. Temos a terra dentro de nós.” (BOFF. p. 72).

Agora compreendemos melhor como o homem é natureza. Ele nasce a partir dela e com ela ao mesmo tempo. Fazemos parte do todo (natureza) no mesmo momento em que somos o todo. Essa interação e integração do todo com a parte (homem), onde a parte é o todo, encontra resistências em sua aceitação entre nós humanos. Preferimos acreditar que somos à parte da natureza em vez de a parte da natureza. É só observarmos o que fazemos contra os animais, as plantas, as pessoas; o quanto submetemos o meio-ambiente aos nossos caprichos bestiais. Seria muito melhor se tivéssemos continuado com o pensamento dos povos antigos, que, como lembra Boff, veneravam a natureza ao mesmo tempo em que temiam alguma vingança dela caso fosse desrespeitada com maus-tratos e destruições.

Gaia/Tellus, Deméter/Ceres e Héstia/Vesta eram as referências afetivas pelas quais os gregos e os romanos elaboravam sua ecologia, vale dizer, seu relacionamento reverente com o meio-ambiente. Tudo era carregado de respeito e veneração, pois viam as coisas não como simples seres inertes, mas cheios de irradiação e de significado. A Terra nas várias expressões de Grande Mãe, de terra cultivada e de lar, era sentida como um organismo vivo. Ele não pode ser violado e depredado. Caso contrário se vingava através de tempestades, raios, secas, incêndios, terremotos e vulcões. (BOFF. p. 64).

Ao longo do tempo, a humanidade foi se aperfeiçoando, desenvolvendo seus talentos e habilidades, entendendo as diferenças entre os seres e as coisas. Hoje necessita mais e mais retirar da natureza matérias-primas para ajudar no desenvolvimento dos seus trabalhos, das suas obras inacabáveis ao longo da vida. Com isso, esquece suas raízes, seu pertencer a terra sendo ela mesma. Assim, distanciando-se da sua natureza, continuamente constrói impérios, consome impulsivamente, idealiza projetos destruidores imediatos do solo e de algumas espécies vivas, e vai vivendo como se toda a natureza estivesse ao seu alcance e serviço, e como se tudo existente fosse infinitamente renovável. Contudo, todo esse desgaste tem um preço, a própria vida humana, pois se somos natureza e vivemos para destruí-la incessantemente, vivemos para destruir a nós mesmos. E o pior é que estamos demorando muito para entendermos isto.

Júpiter é o deus criador do céu, da terra, dos deuses e dos seres humanos. Por trás da palavra Júpiter se esconde a partícula *Jou* provinda do sânscrito *dew* que significa luz, brilho e claridade. *Piter*, presente em Júpiter é a fórmula antiga de *pater*, pai. Júpiter significa então o pai e o senhor da luz. Da raiz sânscrita *dyew* subjacente à língua grega, latina, germânica, céltica e

lituana, proveio Deus e dia. Deus neste contexto remete a uma experiência de luz. (BOFF. p. 61).

A dimensão Júpiter que trazemos no nosso íntimo é que nos proporciona possuir o brilho que irradia dos nossos olhos e que vem de dentro do nosso ser, a alegria de viver e conviver com todas as pessoas e coisas do mundo e a abertura de um horizonte que nos livre dos erros e das tristezas. Necessitamos constantemente buscar Júpiter em nós, buscar a luz que nos encaminhe para o sentimento de pertencer à natureza, à terra. Segundo Boff, o espírito soprado por Júpiter em toda a humanidade é o que nos faz ultrapassar o estado inerte e nos elevarmos ao movimento gerador da vida.

A terra é uma parte da realidade junto com a outra, o céu. Representa a Grande Mãe (*Magna Mater, Bona Mater*) aqui embaixo, esposa do Grande Pai lá em cima no céu. Como toda mãe ela gera, nutre, defende e continuamente dá vida. Sempre se compõe e contrapõe à outra parte do todo, ao Pai do céu (*Pater Coelorum*). Mas do casamento entre o céu e a terra se originam todas as coisas. O céu representa o princípio masculino, o sêmen, a semente e o elemento organizador. A terra, o princípio feminino, o útero que recebe o sêmen, o elemento acolhedor. (BOFF. p. 63).

A dimensão terra nos acolhe, nos dá a oportunidade à vida. É com ela que a humanidade ganha forma e é por ela que somos alimentados. De acordo com Boff, a Mãe terra uniu-se ao Pai do céu na perspectiva de gerar vida. Ou seja, o barro saído da terra e moldado por Cuidado recebe o sopro de espírito do céu transformando a criação em realidade viva. Mas, é a terra que concede à humanidade sua nutrição, seu alimento, tanto no sentido físico como no sentido espiritual. Isto é, é a terra que nos nutre com seu aconchego, com sua ternura de mãe, proporcionando o envolvimento e a convivência entre os seres no grande lar que é a natureza; assim como, também é a terra que nos concede o cultivo dos alimentos, a água e a matéria-prima para nosso desenvolvimento e bem-estar ao longo da vida.

Saturno é o deus das sementeiras e da agricultura, deus tipicamente itálico e mediterrâneo. Sua importância se traduz pela maior de todas as festas romanas, as saturnais. Eram um verdadeiro carnaval. Antecipava-se a grande utopia política da humanidade: o encontro, pelo caminho da festa e do inconsciente coletivo, com o mito da idade de ouro e do paraíso perdido. Segundo esse mito, originalmente não havia classes, nem leis, nem crimes, nem prisões; todos viviam em plena liberdade, em justiça, paz, superabundância e alegria como irmãos e irmãs em casa. Por causa destas festas, o deus Saturno dos romanos foi sincretizado com o deus *Crono* dos gregos. *Crono* era o deus antigo da utopia originária da sociedade feliz. *Crono/Saturno* era o deus antigo, anterior a Júpiter; foi o primeiro rei dos

deuses, senhor do céu e da terra. *Crono/Saturno* é o arquétipo do governante sábio, do legislador justo e do rei magnânimo. (BOFF. p. 65-66).

A dimensão Saturno entra no ser humano para regular e orientar seus movimentos durante a vida. Na análise de Boff, Saturno, deus antigo, sábio e justo, era o deus mais preparado para intermediar Céu e Terra no encontro de um nome a ser dado à criatura feita por Cuidado. Com a peculiar sabedoria dos antigos, Saturno dá o nome de Homem ao ser humano, assim como, determina o papel que Júpiter, *Tellus* e Cuidado terão a partir dali na vida do novo ser. O deus Saturno é comparado ao deus *Crono* pela alegria e sentimento de igualdade existente em seus reinados. *Crono/Saturno* insere-se no tempo e na história, acompanhando o homem por toda a vida. É ele o senhor das criações, das destruições e do destino dos humanos. “Isto significa que o ser humano se encontra enredado no tempo; está lançado na duração temporal; é um ser histórico que tem passado, presente e futuro e que constrói sua identidade no percurso do tempo, animado por uma utopia de integração, a idade de ouro.” (BOFF. p. 67).

Júpiter, Terra e Saturno são representações históricas retiradas da mitologia e trazidas aqui para ajudar de forma mais simples a mostrar a grandiosidade e complexidade do ser humano. Eles são caracterizados como “centros energético-espirituais ou arquétipos seminais que estruturam a vida em sua realização histórico-social. Outros preferem dizer que são concentrações privilegiadas do Espírito universal. Este enche o universo de razão e de propósito e faz de nós humanos órgãos de sua aparição e comunicação no tempo”. (BOFF. p. 71). Ou seja, Júpiter, Terra e Saturno existem não só simbolicamente, eles fazem parte da história humana e acompanham sua evolução desde o seu surgimento. Participam da criação interior do homem, como também do seu exterior, atuando como deuses no movimento da natureza.

O ser humano precisa refazer essa experiência espiritual de fusão orgânica com a terra, a fim de recuperar suas raízes e experimentar sua própria identidade real. Ele precisa ressuscitar também a memória política do feminino para que a dimensão *anima* entre na elaboração de políticas com mais equidade entre os sexos e com maior capacidade de integração. (BOFF. p. 78).

Nós humanos somos formados de corpo e espírito. Interligados eles se compõem e se completam formando um ser ativo, inteligente, sensível, um ser que é ao mesmo tempo matéria e energia, homem e natureza. De acordo com Boff, possuímos no nosso íntimo as mesmas partículas físico-químicas e biológicas existentes na terra,

somos terra e ao mesmo momento podemos pensar sobre ela de forma a vê-la fora de nós, mas com a consciência de não sermos diferentes dela. A nossa espiritualidade feminina, nossa inclinação ao cuidado, a sentir afeto e amor, vem da Mãe Terra. É a porção terra que há em nós que nos motiva a proteger a vida, a nos integrarmos com o todo em favor do bem de tudo o que existe na natureza. “Sentir que somos terra nos faz ter os pés no chão...ser terra é ser concreto, concretíssimo. Configura o nosso limite. Mas também significa nossa base firme, nosso ponto de contemplação do todo.” (BOFF. p. 76-77).

O espírito humano representado por Júpiter na fábula do cuidado mostra que “temos o céu dentro de nós. Ele representa a dimensão celestial de transcendência do ser humano”. (BOFF. p. 80). Assim, Boff nos fala que possuir o céu dentro de nós nos torna seres de buscas para além da terra, com energia para crescer e subir cada vez mais alto. Isso pode dar à humanidade a impressão da existência de dois mundos, o céu em cima e a terra embaixo. Com essa interpretação tendemos a separar o nosso eu humano do restante do mundo, o que alimenta o princípio masculino dentro de nós, o qual é “ordenador, rasgador de novos horizontes, errante e insaciável face a tudo o que está ao alcance de sua mão”. (BOFF. p. 80). Com isso, deixamos a dualidade – as coisas do mundo juntas formando o todo - para enxergarmos o mundo de forma dualista – as coisas separam-se umas das outras. Desta maneira, salienta Boff, pode formar-se em nossa sociedade uma realidade própria do patriarcado com a divisão entre o feminino e o masculino, entre o humano e a natureza, construindo relações pautadas no sujeito-objeto.

É na história, construída na força da utopia, que se elabora a síntese entre as exigências da terra e os imperativos do céu. É na história que se cria a oportunidade de uma experiência total de conexão com o todo (princípio feminino) e ao mesmo tempo de contínua abertura rumo ao infinito (princípio masculino). Em última instância somos um projeto infinito. E o infinito desequilibra qualquer síntese. Ele nos obriga a compreender nossa condição de sistema aberto, apto a novas incorporações e capaz de sempre novas sintetizações. (BOFF. p. 82).

Partindo das colocações de Boff vemos que, necessitamos harmonizar a dimensão terra com a dimensão céu em nossa vida para não criarmos tendências nem puramente imanentes nem puramente transcendentais. Tanto a inclinação ao enraizamento na terra sem uma mistura ao divino, ao espiritual é prejudicial para o desenvolvimento da humanidade e de todas as coisas do nosso planeta; quanto a elevação incessante ao céu - tirando os pés do chão com a fuga da realidade da vida

humana e terrestre, na busca de sempre ir mais além das possibilidades - acabando por ultrapassar os limites do benéfico a todo tipo de vida da terra. “A utopia é a presença da dimensão-céu dentro da dimensão-terra, nos limites estreitos da existência pessoal e coletiva.” (BOFF. p. 82). Ser só terra nos dá a sensação de inércia, de não vida, assim como ser só céu nos proporciona um sentimento de superioridade e infinitude diante da vida em geral. É por isso que os sonhos, projetos e planos, presentes e futuros, são tão importantes na história da humanidade. São eles que nos impulsionam a buscar novos caminhos, a descortinar o novo, a dar movimento e qualidade à vida. Juntamente com esse pensamento é preciso o desejo de justiça, de paz, o projeto de uma sociedade igualitária, integrada, que viva na alegria da comunhão e do bem querer. “O que constatamos é que o ser humano não pode viver sem uma utopia. Se não houvesse utopias, imperariam os interesses menores. A dimensão-Saturno, a utopia, ao contrário, destila sempre novas perspectivas e funda continuamente razões para lutar e para buscar formas melhores de convivência.” (BOFF. p. 81-82).

Com a formação do homem e da mulher, ambos compostos por céu e terra, espírito e corpo, dimensão masculina e dimensão feminina juntas, é possível evidenciar a existência do cuidado em cada ser. Para Boff, é o cuidado que nos propicia a harmonia interna entre céu e terra, é ele que regula nossas ações para a justa medida entre o excesso de cuidado e o descuido fatal. Pois se nos inclinamos para a dimensão céu, tendemos à dominação, ao egoísmo, à inquietação e a agressividade na busca de alcançar o poder, tendemos ao descuido fatal. E se nos inclinamos para a dimensão terra, ficamos propensos ao excesso de zelo, de perfeição, tendemos a ficar imobilizados e improdutivos quando incorremos no erro do excesso de cuidado. “Tarefa humana é construir esse equilíbrio com autocontrole e moderação, mas sobretudo com a ajuda do Espírito de vida que nunca falta.” (BOFF. p. 162).

O cuidado dá forma ao homem, participa na construção do seu caráter, da sua personalidade, dos seus desejos, projetos e realizações. Enquanto houver pulsão de vida no homem, haverá cuidado em seu íntimo. O cuidado é responsável pela vontade do homem de ser melhor, de contribuir para a evolução das formas de vida; pelo seu pensamento em favor da preservação do meio-ambiente e da justiça social. É por sentirmos cuidado que usufruímos da nossa capacidade de raciocínio e reflexão; da capacidade de sentir afeto e de nos interessarmos pela vida do outro.

Se o cuidado não existisse na intermediação das dimensões do masculino e do feminino o humano se perderia de si e cairia no descompasso entre razão, emoção e

sentimento. Sem a parcela de cuidado em nosso ser os nossos ideais seriam bobos e mesquinhos, nossa emoção estaria paralisada junto com nosso sentimento. Ou seja, é o cuidado que nos insere a condição de humanos, de seres sensíveis, responsáveis e comprometidos com toda a natureza.

A partir do momento em que Cuidado criou o homem ele se tornou responsável por sua criação, comprometeu-se a dar assistência àquele ser enquanto ele vivesse. Assim, Cuidado dá o exemplo de dignidade ao homem e nos ensina a ter comprometimento com aquilo que criamos e recriamos, com o que fazemos ao longo da vida. Ensina-nos a arte do equilíbrio, da harmonia, da justiça e sabedoria. O cuidado nos possibilita a humanização, a medida entre o que devemos ser e o que queremos ser, dar-nos uma referência de assistência, de amor, de preocupação, de responsabilidade, de atenção, de zelo, do que é sentir cuidado.

2.0 A ÉTICA DO CUIDADO

2.1 Carol Gilligan: o feminino e o masculino

A mulher é, por sua natureza, o ser que tem seu centro em si mesmo, cujas pulsões e pensamentos estão mais estreitamente reunidos em torno de um ou vários pontos, e são mais diretamente excitáveis a partir deles do que no homem, mais diferenciado, cujos interesses e atividades se desenvolvem muito mais numa autonomia objetivamente determinada, conforme uma divisão do trabalho que o isola da globalidade e da intimidade da pessoa. (SIMMEL. 2006. p. 98).

Simmel expõe um relevante estudo sobre a natureza feminina e masculina. Afirma que é comum vermos mulheres expressarem seus sentimentos, suas emoções, seu cuidado, por elas terem dificuldade de esconder algo que as incomodam e facilmente serem atingidas por bombardeio de sensações. A natureza feminina é naturalmente sensível, amável e cuidadosa, e essas características fazem da mulher um ser aberto ao outro, um ser participativo na luta em favor do bem da sociedade. A mulher, na sua maioria, tem um desprendimento natural para doar-se, para o auxílio, para a compreensão, empatia, e nessa troca ela se envolve por inteiro com o outro ser e sente com ele. Essa percepção aguçada e entrega própria da mulher acaba por atingi-la em todas as áreas da sua vida, seu espírito não separa o que pertence ao trabalho do que pertence a sua vida privada. A dor e a alegria de um amigo ou familiar irá tocá-la, assim como, as dores e as alegrias de um colega de trabalho, paciente ou cliente seu. “Toda a profunda beleza da essência feminina, que lhe dá preeminência sobre o espírito masculino, cuja libertação e reconciliação ela simboliza, baseia-se na indivisibilidade do eu, que só conhece um ‘ou tudo, ou nada’.” (SIMMEL. p. 73).

A natureza masculina, segundo Simmel, já é um pouco diferente da feminina. Ela consegue manter um distanciamento maior diante de situações extremas e de risco, assim como em situações de euforia e felicidade, por ser o homem mais centrado, menos sensível e emotivo que a mulher. O homem, na maioria dos casos, separa o que internamente pertence a si e o que pertence ao outro, ou seja, sabe diferenciar a sua própria dor e alegria da dor e alegria do seu semelhante. Assim, diferentemente da mulher, o espírito masculino não tem facilidade de se envolver e se entregar às emoções, de doar-se, de compreender e de sentir com o outro. Por isso, o homem está mais propenso a ter descuidos na vida, a não desenvolver o seu lado amável e reflexível, o seu lado cuidadoso. Na vida profissional talvez seja vantajoso para os homens não ter

propensão a se envolver com emoções alheias e nem deixar seus problemas e satisfações pessoais interferir no seu trabalho, no entanto na vida pessoal essa imparcialidade pode deixar suas relações pouco satisfatórias, algumas vezes desumanas.

Quando o que se passa ao nosso redor não nos atinge, existe uma brecha maior para termos atitudes que irão afetar negativamente outras pessoas, e com isso desencadear situações que fugirão ao controle. Prestando atenção à história da humanidade, percebemos que é crescente o envolvimento de pessoas do sexo masculino em casos de maus tratos à natureza como um todo. Ao observarmos as notícias diárias dos meios de comunicação constatamos que são os homens, muito mais que as mulheres, que roubam, matam, dissimulam, mentem, traem e pensam em tirar vantagem em tudo. Onde está a porção cuidado do espírito masculino? Será que é tão difícil encontrá-la e colocá-la em atividade? Alguns homens mostram que não. Que não é tão difícil para a alma masculina pensar coletivamente, expressar sentimentos, sentir e refletir com o outro, estar aberto a envolver-se com causas sociais. Apenas não é instantâneo como nas mulheres, exige certo esforço, persistência e interesse de ser melhor e de sentir e fazer o bem. O cuidado está lá, tanto na alma feminina quanto na masculina, a diferença está no caminho a percorrer e na disposição de encontrá-lo.

De acordo com Boff, somos cuidado e natureza, o masculino e o feminino juntos num só espírito. Possuímos em nós o peso e a leveza, o ser trabalho e o ser cuidado, a distração e a intuição, a rispidez e a emoção. Trazemos o lado sol e o lado lua em nossa alma desde sempre, somos seres mistos. Isso nos faz entender a força e a fragilidade do ser humano independente do sexo. Compreendemos aí como é possível o homem ser emotivo e cuidadoso; e como também é possível a mulher ser áspera e descuidada. Tudo vai depender do trabalho interior feito por cada um.

Tanto o homem quanto a mulher trazem em si inclinações negativas e positivas, que a qualquer momento podem transbordar sob a forma do mal e do bem. Resta a nós, homens e mulheres, fazer um exercício de escuta e conhecimento interior, de reflexão e análise profundas para não surpreendermos aos outros e a nós mesmos com os nossos atos e comportamentos. Com isso, evitamos também um maior desgaste emocional e o desconhecimento dos nossos limites. “Cuidar do outro implica um esforço de superar a dominação dos sexos, desmontar o patriarcalismo, por um lado, e o matriarcalismo excludente, por outro. Exige inventar relações que propiciem a manifestação das diferenças não mais entendidas como desigualdades, mas como riqueza da única substância humana.” (BOFF. 1999. p. 140).

O estudo de Boff sobre o cuidado remete à porção masculina (animus) o modo-de-ser-trabalho e à porção feminina (anima) o modo-se-ser-cuidado, estando estas duas dimensões presentes tanto no homem quanto na mulher. Essas colocações de Boff fazem lembrar a análise de Carol Gilligan sobre o desenvolvimento moral de homens e mulheres. O que Boff chama de modo-de-ser-trabalho Gilligan expressa como uma ética da justiça, a qual desenvolve-se com mais facilidade no homem, embora esteja presente também na mulher. E o que Boff trata como modo-de-ser-cuidado Gilligan relata como uma ética do cuidado, da responsabilidade, sensível mais facilmente às mulheres, mas também adaptável ao homem. “Compreender como as tensões entre responsabilidades e direitos mantém a dialética do desenvolvimento humano é ver a integridade de dois modos díspares de experiência que estão afinal interligados.” (GILLIGAN. 1982. p. 186).

Há algum tempo, quando se falava em cuidado havia uma tendência natural das pessoas associarem esse sentimento à figura feminina, por ser a mulher naturalmente mais suave e compreensiva que o homem. Podemos dizer que ainda hoje há quem pense que só a alma feminina é apta ao cuidado. “O cuidado foi difamado como feminilidade das práticas humanas, como empecilho à objetividade na compreensão e como obstáculo à eficácia.” (BOFF. 1999. p. 98). Na verdade, como diz Boff, o espírito feminino tem mesmo uma propensão maior para cuidar, por ser mais sensível e afetuoso. Mas isso não significa que o homem não seja possuidor de cuidado e que dele não se utilize, apenas precisa de uma maior atenção para descobri-lo e não perdê-lo de vista facilmente. “O homem desperta na mulher sua dimensão masculina expressa culturalmente pelo modo-de-ser-trabalho; a mulher evoca no homem sua dimensão feminina, concretizada historicamente pelo modo-de-ser-cuidado.” (BOFF. p. 140).

Durante muito tempo o estudo do desenvolvimento e comportamento humano e suas implicações morais, desenvolvido por psicólogos e psicanalistas, teve como base para pesquisas pessoas do sexo masculino. Para Gilligan, o pensamento puramente machista de tempos não tão distantes formou uma sociedade moldada em padrões masculinos, restrita ao seu interesse e a sua maneira de ver os fatos. Isso atrasou muito a descoberta das diferenças naturais de desenvolvimento, pensamento e comportamento entre homens e mulheres, como também classificou durante décadas a mulher como ser inferior ao homem, de personalidade dependente e frágil, por ser ela mais inclinada à

afetividade, enquanto o sexo oposto se comporta como separado e independente das outras vidas.

Gilligan em suas análises sobre as diferenças de desenvolvimento moral em homens e mulheres durante a vida, apura observações anteriormente feitas por estudiosos como Freud⁸, Piaget e Kohlberg e argumenta a respeito delas. Ela afirma que esses estudiosos do comportamento humano tomaram como medida padrão as características masculinas em suas observações, na inocência de que o desenvolvimento humano independe do gênero (masculino ou feminino). Será que era mesmo ignorância deles ou puro machismo? Se pensavam assim, por que ao menos não dividiram suas experiências igualmente entre homens e mulheres? Ou, por que não as fizeram somente com mulheres em vez de somente com homens? O preconceito existente desde o começo dos tempos sobre a capacidade da mulher em se desenvolver moral, emocional e socialmente sem ter um amparo masculino é a resposta mais certa. É como se a completude fosse encontrada no homem e a mulher precisasse estar sempre perto dele para encontrá-la.

Além de que, como fala Gilligan, todo o estudo científico e psicológico apurado em cima de observações do comportamento de machos era feito também exclusivamente por homens, o que pode ter acarretado uma maneira tendenciosa de elaborar e interpretar as pesquisas. Pois o olhar masculino, na maioria dos casos, difere do olhar feminino em relação a assuntos como moralidade, responsabilidade, justiça, cuidado, pelo modo como ambos os sexos enxergam a vida humana. E nisso não há nada de errado. “Considerando que é difícil dizer “diferente” sem dizer “melhor” ou “pioor”, considerando que há uma tendência a elaborar uma única escala de medida, quando as mulheres não se ajustam aos padrões da expectativa psicológica, as conclusões têm sido, em geral, que alguma coisa está errada com as mulheres.” (GILLIGAN. 1982. p. 24).

Esperava-se que a mulher tivesse o mesmo comportamento do homem diante da vida, diante de fatos relacionados a sentimento e moralidade. E como isso não acontece, por realmente haver diferenças entre os sexos, a mulher passou a ser discriminada na sociedade. A fêmea foge às normas quando submetida ao encaixe nos testes de desenvolvimento ideal masculinizados, e por isso construiu-se um pensamento

⁸ Gilligan diz que Freud depois de tentar ajustar, ao longo do tempo, as mulheres ao seu estudo masculino, reconhece a diferença de desenvolvimento entre eles, mas atribui essa diferença a uma falha no desenvolvimento feminino. (GILLIGAN. p. 16-17).

preconceituoso que perdura até os dias de hoje, no qual a mulher tem menos capacidade que o homem em lidar com o seu dia-a-dia, de assumir responsabilidades e de solucionar problemas morais e por isso necessita do exemplo e companhia masculina em sua vida.

Partindo de suas pesquisas, Gilligan observa que Freud se utiliza da experiência que fez com meninos para justificar sua teoria do desenvolvimento psicosssexual, que resulta no complexo de Édipo. Mas que, diante das diferenças mais tarde percebidas por ele, entre meninos e meninas em relação à anatomia e relacionamentos familiares primários, admite que o desenvolvimento dos afetos pré-édipicos difere entre homens e mulheres – observa que as mulheres são mais apegadas às suas mães. Freud conclui, deste modo, que esse vínculo mais forte e duradouro entre mãe e filha é o que indica um problema no desenvolvimento das mulheres. Essa dependência emocional do sexo feminino é entendida por Freud como fragilidade, impotência e vulnerabilidade, o que para ele torna as mulheres menos aptas a tomar decisões e posições diante da vida. Toda essa falha da teoria freudiana resulta de querer ajustar o sexo feminino ao modelo masculino pré-estabelecido através de experiências mal elaboradas e interpretadas.

Para Gilligan, Jean Piaget em seu estudo do julgamento moral da criança, trata do assunto como se o termo criança fosse sinônimo de meninos, omitindo esta palavra no decorrer de suas análises. Fala um pouco de meninas (à parte da palavra “criança”), mas como uma curiosidade, como algo diferente do normal. Esse preconceito também é percebido por ela nos estudos de Piaget sobre regras de jogo. Nele, Piaget observa os meninos com prioridade, a partir de então cria expectativas em relação às meninas, sujeitando-as a se encaixarem nas aptidões masculinas já descobertas e admiradas. O modelo de desenvolvimento masculino, observado em jogos por Piaget, é enquadrado como melhor e ideal em suas anotações pela maior capacidade que os meninos têm em resolver conflitos, respeitar e elaborar regras no jogo. Enquanto as meninas tendem a levar para os relacionamentos cotidianos as diferenças e intrigas existentes na hora da brincadeira e são mais sujeitas a dar um jeitinho e infringir as regras do jogo para evitar discussões. “Como resultado, o senso legal, que Piaget considera essencial para o desenvolvimento moral, ‘é muito menos desenvolvido nas meninas pequenas do que nos meninos’.” (GILLIGAN. p. 20). No surgimento das diferenças de comportamento entre os sexos, a peculiaridade feminina corresponde a um erro, a uma incapacidade, a uma falta no seu desenvolvimento.

Lawrence Kohlberg vai mais longe nas experiências ousadas. Em suas pesquisas ele se absteve de observar o desenvolvimento do sexo feminino. As meninas e mulheres ficaram de fora da análise primeira para a criação de sua teoria. Segundo Gilligan, Kohlberg formulou seis estágios⁹ que explicam o desenvolvimento moral da fase infantil à idade adulta, acompanhando o comportamento exclusivamente de meninos e homens durante vinte anos, e com o resultado obtido construiu sua tese. Como Kohlberg pôde pensar que analisando apenas o sexo masculino poderia chegar a um desenvolvimento moral universal? Pensou com idéias típicas masculinas, preconceituosas, que marcaram um período difícil para as mulheres.

Sem ser diferente do esperado, o sexo feminino não se enquadrou no desenvolvimento dos estágios de Kohlberg, nota-se uma dificuldade das mulheres em chegar aos três últimos estágios, colaborando para serem classificadas por ele como deficientes no desenvolvimento moral. O jeito tipicamente feminino cuidadoso, afetuoso e responsável com o que está a sua volta garante à mulher o título de bondosa, ótima para assumir liderança em seu lar e confusa para encarar a vida fora de casa, na concepção de Kohlberg analisada por Gilligan.

O julgamento das mulheres adapta-se perfeitamente apenas ao terceiro estágio da escala de Kohlberg. “Nesse estágio, a moralidade é concebida em termos interpessoais e a bondade é igualada com o ajudar e agradar a outrem. Essa concepção de bondade é considerada por Kohlberg como funcional nas vidas de mulheres maduras, na medida em que suas vidas acontecem no lar.” (GILLIGAN. p. 28). Kohlberg supõe que se as mulheres estiverem expostas a situações conflitantes fora do seu lar, em ambiente de trabalho ou outro que diferencie do seu cotidiano, elas estarão perdidas, por terem um comportamento altruísta e afetuoso, que provavelmente prejudicará suas decisões morais. Por isso em sua escala elas não alcançam os estágios finais, “onde os

⁹ “Equidade baseada na necessidade individual (estágios um e dois), concepção de equidade com base em convenções de acordo social e com elas partilhada (estágios três e quatro), e finalmente um entendimento da equidade que se baseia na lógica móvel de igualdade e reciprocidade (estágios cinco e seis).” (GILLIGAN. p. 38). Exemplos dos estágios de Kohlberg encontramos em Furrow: “quando crianças muito pequenas, fazemos o que os outros nos mandam para evitar punições. Logo nos damos conta de que se fizermos coisas em favor dos outros, eles nos ajudarão, o que é o segundo estágio de desenvolvimento moral. No terceiro estágio, de adolescente, começamos a buscar a aprovação dos outros e, conseqüentemente, conformamo-nos às normas vigentes. Mais tarde, na adolescência, adquirimos respeito pela lei e pela autoridade, e aprendemos que os outros nos respeitam por sermos honrados e seguidores da lei. Como jovens adultos, adotamos uma concepção de autonomia e a idéia de que a vida social é um contrato, mediante o qual os indivíduos podem fazer o que quiserem, conquanto não prejudiquem os outros. Alguns indivíduos, finalmente, atingem o estágio mais alto do raciocínio moral, uma perspectiva kantiana na qual já não somos mais governados pelo interesse próprio, pela opinião dos outros, ou medo de punição, mas vivemos de acordo com princípios universais auto-impostos, tais como o de justiça e respeito pela dignidade das pessoas”. (FURROW. 2007. p. 72).

relacionamentos estão subordinado a regras (estágio quatro) e as regras a princípios universais de justiça (estágios cinco e seis)". (GILLIGAN. 1982. p. 29).

Para Gilligan, o estudo de Kohlberg exalta o indivíduo e subestima os relacionamentos, ela observa que em seus estágios mais elevados encontra-se a moralidade dos direitos humanos como independente da moralidade da responsabilidade. Esse fato pode explicar o inferior desenvolvimento das mulheres, dentro do seu sistema, por "seu cuidado e sensibilidade às necessidades de outros...nessa versão do desenvolvimento moral, a concepção de maturidade é extraída do estudo das vidas de homens e reflete a importância da individuação no seu desenvolvimento". (GILLIGAN. p. 29).

A formação da identidade de gênero ocorre num contexto de progressivo relacionamento desde que "as mães tendem a vivenciar suas filhas como mais parecidas com elas, e delas inseparáveis". Por isso mesmo, as meninas, ao se identificarem como femininas, sentem-se como suas mães, com isso fundindo a experiência de apego com o processo de formação da identidade. Por outro lado, "as mães vivenciam seus filhos como o contrário masculino", e os meninos, ao se definirem como masculinos, separam suas mães de si mesmos, assim diminuindo "o seu amor primário e o senso de vínculo empático". (GILLIGAN. p. 17-18).¹⁰

Culturalmente se sabe que é a mãe quem cuida e zela pelos filhos, principalmente nos primeiros anos de vida¹¹. Embora o pai hoje tenha bem mais participação nesse cuidado, ainda é a mãe a dona do jeitinho na hora de acalantar, alimentar e ajudar as crianças em seus aprendizados diários. "Dado que para crianças de ambos os sexos o principal cuidador nos primeiros três anos de vida é tipicamente feminino, a dinâmica interpessoal da formação da identidade de gênero é diferente para meninos e meninas." (GILLIGAN. p. 17). De acordo com Gilligan, o desenvolvimento da personalidade é vivenciado de formas diferentes pela criança, dependendo do seu sexo. A partir do convívio com a mãe elas se percebem como femininas ou masculinas e constroem sua identidade de forma a se apegarem mais ao laço materno - no caso das meninas, ou se separarem desse vínculo - no caso dos meninos. Ou seja, as meninas por se identificarem com a mãe em relação ao gênero, não sentem a necessidade de se separarem dela no decorrer do desenvolvimento de sua identidade. Já os meninos, como não se identificam com a mãe quanto ao gênero, sentem-se diferenciados e buscam naturalmente a separação, primordial para o desenvolvimento da masculinidade. "Uma

¹⁰ Gilligan baseia-se nos estudos de Nancy Chodorow (com apóio nos estudos de Robert Stoller) sobre as diferenças gerais que caracterizam a personalidade e papéis femininos e masculinos. (GILLIGAN, p. 17).

¹¹ Ver Chodorow em Gilligan. (op. cit.. p. 17).

vez que a masculinidade define-se através da separação enquanto a feminilidade define-se através do apego, a identidade de gênero masculina é ameaçada pela intimidade ao passo que a identidade de gênero feminina é ameaçada pela separação.” (GILLIGAN. p. 18).

Fica claro para Gilligan, diante de suas pesquisas, que a maneira de ver e viver a vida é diferente para homens e mulheres da infância à idade adulta. As meninas tendem a observar suas mães, querem ser tão fortes e maravilhosas quanto elas quando crescerem. Já os meninos não se reconhecem na mãe, a identificação deles é com o masculino, provavelmente com seu pai¹². Daí surgem as diferenças de desenvolvimento entre os sexos. A interação da menina com sua mãe tende a crescer com o passar do tempo pelas semelhanças que vão sendo descobertas durante a convivência de ambas, deixando-as ainda mais unidas e dependentes uma da outra. Com os meninos acontece o contrário, eles com o tempo vão se distanciando de suas mães pela falta de semelhanças entre eles, assim desenvolvem-se com tendência a independência e individuação.

Partindo desse entendimento, Gilligan expõe que as mulheres na idade adulta apresentam dificuldade em se separar das outras pessoas por terem se desenvolvido estando sempre apegadas e dependentes emocionalmente de suas mães. Assim como, os homens constroem seus caminhos individualmente, desassociados e independentes dos outros, por terem desde cedo sentido a necessidade de separação, começando pelo desapego de suas mães. Mas isso não torna as mulheres com menor capacidade de desenvolvimento durante a vida ou mais fracas, como pensou Freud. Ao contrário, “a fraqueza moral das mulheres, manifesta na aparente difusão e confusão de julgamentos, é assim inseparável da força moral das mulheres, um excessivo interesse em relacionamentos e responsabilidades”. (GILLIGAN. p. 27).

O modelo idealizado de adulto, pelos estudiosos do comportamento humano em geral, é aquele em que se chega à maturidade com “a capacidade para pensamento autônomo, claro poder decisório e ação responsável”. (GILLIGAN. p. 27). Mas essas características são mais facilmente encontradas nos homens do que nas mulheres. Grande parte das pesquisas realizadas por conceituados estudiosos e interpretadas agora por Gilligan, aborda a idade adulta como a fase em que a separação, a individualidade, o trabalho, são quesitos chave para se viver corretamente em comunidade, deixando em

¹² Ver Chodorow em Nel Noddings. (NODDINGS. 2003. p. 127).

segundo plano as relações afetivas de amor e cuidado e a interdependência – tão importantes e presentes na vida da maioria das mulheres.

Quando se começa com o estudo das mulheres e se extraem constructos desenvolvimentais a partir de suas vidas, o esboço de uma concepção moral diferente da descrita por Freud, Piaget e Kohlberg começa a surgir e esclarece uma definição diferente de desenvolvimento. Nessa concepção, o problema moral surge de responsabilidades conflitantes e não de direitos em disputa, e exige para sua solução um modo de pensar que é contextual e narrativo em vez de formal e abstrato. Essa concepção de moralidade como envolvida com a atividade de cuidado centra o desenvolvimento moral em torno da compreensão da responsabilidade e dos relacionamentos, assim como a concepção de moralidade como equidade vincula o desenvolvimento moral à compreensão de direitos e regras. (GILLIGAN. 1982. p. 29).

Esses pesquisadores deixam subentendido que as mulheres não alcançam a maturidade pelo seu posicionamento de preocupação com os outros e necessidade deles durante a vida, o que as tornam, segundo eles, infantilizadas e confusas para enfrentar as adversidades de uma vida adulta socialmente ativa. Construindo uma distorcida idéia de maturidade, onde nesta maior fase da vida o primordial é o respeito às regras, à justiça e a individuação, esses estudiosos, negam a importância dos afetos e das relações interpessoais de cuidado e responsabilidades durante a idade adulta. “Os estereótipos sugerem uma divisão de amor e trabalho que lega expressivas capacidades às mulheres enquanto coloca aptidões instrumentais no domínio masculino...esses estereótipos refletem uma concepção de idade adulta que é em si desequilibrada.” (GILLIGAN. p. 27).

As mulheres, por muito tempo, acreditaram que realmente eram incapazes de assumir responsabilidades fora de seu ambiente familiar. A sociedade incorporou as idéias machistas, trazidas por pesquisas equivocadas, e naturalmente a mulher passou a se conhecer por meio de uma educação masculinizada. Com o tempo, o conflito entre o conhecer-se e o reconhecer-se começou a surgir. Os sentimentos, pensamentos e vontades não correspondiam com o que os outros diziam e esperavam delas, a personalidade própria aparece e elas não se reconhecem nas idéias masculinas. Ficam acuadas em se mostrarem diferentes do estabelecido como regra em seu comportamento e agem em favor da expectativa alheia. Pela falta de segurança em seus próprios sentimentos e o receio de julgamento, as mulheres hesitam em ser elas mesmas. No íntimo, talvez ainda duvidem de sua capacidade de pensamento e sentimentos próprios.

“As mulheres vêm a questionar a normalidade dos seus sentimentos e a modificar seus julgamentos em respeito à opinião de outros¹³.” (GILLIGAN. p. 26).

As diferenças entre homens e mulheres existem para um poder acrescentar a vida do outro o que há de melhor em si, para uni-los na construção da sociedade e de um mundo melhor. No entanto, essas diferenças têm prejudicado o desenvolvimento de ambos, contribuindo para o distanciamento dos sexos em vez da união. Grande parte dos homens se coloca no comando das regras do “jogo” da vida, por entenderem que são mais fortes, inteligentes, justos e mais capazes que as mulheres em lidar com questões morais. Estas, na maioria, aceitam sua subordinação à sociedade machista, duvidando de sua força e de suas potencialidades, desde sempre diminuídas pelo mesmo homem que ela cuida, acompanha, dá amor e sente responsabilidade. “Mas, enquanto as mulheres têm assim cuidado dos homens, os homens têm, em suas teorias do desenvolvimento psicológico, assim como nos seus arranjos econômicos, tendido a presumir ou desvalorizar aquele cuidado.” (GILLIGAN. p.27).

Por que não aproveitamos o modo particular que homens e mulheres têm de ver a vida e nos unimos na edificação de uma humanidade mais leve e interessada no bem de todos? Isto só acontecerá quando os homens compreenderem que as mulheres contribuem muito para o equilíbrio e harmonia das relações humanas com sua capacidade de envolvimento, sensibilidade e empatia. No mesmo momento em que as próprias mulheres valorizarem sua personalidade, reavaliarem sua postura passiva diante do poder masculino na sociedade e tomarem a frente da sua vida, sem permitir que a restrição e imposição masculinas sejam seu guia. “A descoberta agora celebrada por homens de meia-idade da importância da intimidade, relacionamentos e cuidado é algo que as mulheres têm conhecido desde o início. O desenvolvimento moral das mulheres delinea uma linha crítica do desenvolvimento psicológico nas vidas de ambos os sexos.” (GILLIGAN. p. 28).

O homem, desde a infância, percebe em si a necessidade de separação¹⁴, de não ligar-se às outras pessoas de forma a afetar-se por elas. Segundo Gilligan, a independência masculina, manifesta na falta de apego aos relacionamentos, proporciona ao gênero uma maior tendência a distanciar-se da sensibilidade e aproximar-se do julgamento em seu desenvolvimento moral. Por isso ao sexo masculino é associada a visão de moralidade como sendo o estabelecimento de regras e direitos humanos, aos

¹³ Gilligan faz referência ao pensamento de Virgínia Woolf.

¹⁴ Fato observado por Chodorow e utilizado por Gilligan como suporte para seu estudo.

quais não há intervenção de sentimentos de cuidado e afeição pelo outro, há apenas a justiça a ser feita a cada pessoa como um direito ou um dever seu. O julgamento moral é formal, reto, onde só o fato importa, atingindo igualmente todas as pessoas. Essa interpretação da vida faz o homem se colocar à parte do todo, como se o isolamento lhe afastasse do perigo para ele existente nas relações sociais de afeição e amor.

Torna-se claro assim por que uma moralidade de direitos e não interferência pode parecer assustadora às mulheres em sua potencial justificação de indiferença e desinteresse. Ao mesmo tempo, torna-se claro por que, de uma perspectiva masculina, uma moralidade de responsabilidade parece inconclusiva e difusa, dado o seu insistente relativismo contextual. Portanto os julgamentos morais das mulheres elucidam o padrão observado nas descrições das diferenças desenvolvimentais entre os sexos, mas oferecem também uma concepção alternativa da maturidade pela qual essas diferenças podem ser avaliadas e traçadas as suas implicações. A psicologia das mulheres, que tem sido consistentemente definida como distintiva em sua maior orientação no sentido dos relacionamentos e interdependência, implica um modo mais contextual de julgamento e um diferente entendimento moral. Dadas as diferenças nas concepções das mulheres do eu e da moralidade, as mulheres trazem ao ciclo da vida um diferente ponto de vista e organizam a experiência humana em termos de diferentes prioridades. (GILLIGAN, p. 32).

A mulher, diferente do homem, desenvolve-se com a necessidade de envolvimento com as outras pessoas. Liga-se ao todo de modo a afetar-se e ter cuidado com seu semelhante. O seu comprometimento com os outros, muitas vezes passa a ser maior do que consigo mesma. Isto porque entende a vida humana como uma rede de relacionamentos interdependentes, onde todos devem se preocupar com todos para o bem geral, sendo essa preocupação expressa em forma de responsabilidade e proteção.

A sensibilidade às necessidades dos outros impulsiona as mulheres a pensar na humanidade e a cuidar dela para evitar que o distanciamento entre as pessoas transforme o viver em algo triste, isolado, e assim sujeito ao perigo da violência. A moralidade feminina traz a importância dos relacionamentos e comunicação, da responsabilidade com o bem-estar das pessoas, do cuidado em não fechar os olhos diante da angústia do seu semelhante, em não tratar a vida como um jogo de regras e julgamentos frios. “O ideal de cuidado é pois uma atividade de relacionamento, de atender e corresponder a uma necessidade, tomar conta do mundo mantendo a teia de conexão de modo que ninguém seja deixado sozinho.” (GILLIGAN, p. 73).

O significado de responsabilidade difere entre homens e mulheres. Os primeiros enxergam responsabilidade como “uma limitação de ação, um freio à agressão”. (GILLIGAN, p. 48). Para as mulheres, “responsabilidade significa resposta,

uma ampliação ao invés limitação de ação. Assim, essa responsabilidade conota um ato de cuidado em vez de freio à agressão”. (GILLIGAN. p. 49). Ou seja, a forma de entender o ato de responsabilizar-se faz o comportamento do sexo masculino ser diferente do sexo feminino. De acordo com Gilligan, a responsabilidade para o homem existe primeiramente para consigo mesmo, só depois passa a senti-la por outras pessoas e consiste em limitar ao máximo a violência, por meio de regras de convívio. Esse sentimento de responsabilidade desperta nele a necessidade de estipular normas sociais para resguardar a individualidade e proteção de todos, já que as ações de uns podem causar dano a outros.

Já em relação às mulheres, Gilligan fala que responsabilidade é entendida por elas como cuidado, agir de forma a não falhar com outras pessoas, estando presente sempre que elas precisarem mesmo que para isso contrarie a si mesma. A maneira de ver a sua vida interligada a dos outros e vice-versa, acende na personalidade feminina o desejo de cuidar de toda a humanidade – começando pelos mais próximos, pois é como se estivesse cuidando de si mesma. “As mulheres surgem como exceção à regra dos relacionamentos, ao demonstrar um amor não misturado ao ódio, um amor que surge não da separação, mas de um sentimento de conexão, um laço primário entre o outro e si mesmo.” (GILLIGAN. p. 58).

Durante a vida, a mulher estabelece relações sociais de amizade e coleguismo, acreditando que os relacionamentos humanos diminuem a distância entre as pessoas, afastando delas a solidão e o desamparo. Vê no isolamento o perigo da agressividade, pela falta de segurança que existe na vida das pessoas que buscam a separação e a diferenciação. Desta forma, homens e mulheres “estão preocupados em evitar o dano, mas constroem o problema de modos diferentes – ele, vendo o dano surgir da expressão de agressão, ela, de uma falta de resposta”. (GILLIGAN. p. 49).

A violência, causadora de dano nas relações humanas é, para a personalidade masculina, uma consequência da intimidade, da vida compartilhada e mesclada do eu com o outro. Muitos homens, segundo Gilligan, acreditam que quanto mais envolvidos com outras pessoas, mais sujeitos estão a agredir e a serem agredidos, e isso se explica pelo modo perigoso como vêem os relacionamentos. “O perigo que os homens relatam em suas histórias de intimidade é um perigo de armadilha ou traição, sendo pegos num relacionamento sufocante ou humilhados por rejeição e engano.” (GILLIGAN. p. 53). Como na vida humana não pode deixar de existir os relacionamentos, em favor da própria preservação da espécie, o sexo masculino tentando se livrar de um perigo cai em

outro, ao buscar uma separação que o isola do restante das pessoas. Assim isolado, sente uma falsa segurança que o impede de prosseguir em seus relacionamentos íntimos, tornando as relações sempre substituíveis e perigosas. “Embora a agressão tenha sido construída como instintual e a separação concebida necessária para sua limitação, a violência na fantasia masculina parece ao invés surgir de um problema na comunicação e numa falta de conhecimento sobre relacionamentos humanos.” (GILLIGAN. p. 56).

Para muitas mulheres, observa Gilligan, o perigo de agressão surge da separação, da ausência de relacionamentos. “O perigo que as mulheres retratam em seus relatos de realização é o perigo de isolamento, um medo de que se destacando ou sendo postas à parte pelo sucesso serão deixadas sozinhas.” (GILLIGAN. p. 53). As mulheres se sentem amedrontadas com a possibilidade de sucesso profissional e pessoal, porque vêem nisso uma diferenciação que as classificam como mais aptas ao progresso que outras pessoas, o que provavelmente, em sua concepção, as afastarão das relações sociais de cuidado e afeto. Pois, juntamente com esse destaque, surge uma nova maneira de serem vistas e tratadas pela sociedade, dificultando seu convívio com as outras pessoas, seja pela inveja e ciúme que estas sentem, seja pelo sentimento de inferioridade e comparação ou pelo medo de serem hostilizadas. A partir daí, as mulheres bem sucedidas se revoltam e sentem medo do desamparo e da separação advindos do seu sucesso e anunciadores da solidão. E, embora saibam que são merecedoras de honras, preferem o anonimato ao prestígio, visto que só assim preservarão os seus relacionamentos sociais e sua inclusão no todo das relações.

Se a agressão está ligada, como as mulheres percebem, à ruptura da conexão humana, então as atividades de cuidado, como suas fantasias sugerem, são atividades que tornam o mundo social seguro, ao evitar o isolamento e evitar a agressão em vez de buscar normas para limitar sua extensão. Sob esse prisma, a agressão aparece não mais como um impulso desregrado que deve ser contido, mas ao contrário, como um sinal de ruptura de conexão, signo de uma falha de relacionamento. (GILLIGAN. p. 54).

No mesmo tempo em que a mulher que se destaca em alguma habilidade tem sentimentos negativos como medo, raiva e insegurança, as outras pessoas também tidas como diferentes - por não possuírem tais habilidades - também sofrem com os mesmos sentimentos, pela comparação e diminuição em relação ao exemplo perfeito. Desta forma, para Gilligan¹⁵, o perigo da agressão, do desrespeito e violência surge visto pelas

¹⁵ Gilligan utiliza-se da teoria de Martina Horner de que as mulheres têm medo do sucesso na atividade competitiva por acharem que ele produz conseqüências negativas em suas vidas. (GILLIGAN. p. 25).

mulheres como resultado da individuação, na maioria das vezes, causada pelo sucesso profissional.

Na visão da maioria das mulheres, a diferenciação entre elas e as outras pessoas a partir do seu destaque profissional, pode acarretar sérios problemas nos seus relacionamentos com tendência a ser isolada, a agredir e ser agredida. Por acreditar que os relacionamentos produzem afeto e felicidade e que a separação produz desafetos, agressões e intrigas é que a mulher busca a preservação dos relacionamentos humanos e sua inclusão nas relações responsáveis de cuidado, solidariedade e amor.

A mulher “articula uma ética da responsabilidade que provém de uma consciência da interconexão. Percebendo o relacionamento como principal em vez de derivado de separação. Vendo a vida como mantida por atividades de cuidado, baseada num laço de apego mais do que num contrato de acordo”. (GILLIGAN. p. 68). A visão que, a maioria das mulheres tem desde cedo da necessidade de uma ética que faça as pessoas se unir em favor do bem comum é aflorada na idade adulta - quando suas idéias deixam de ser vigiadas e censuradas por si mesma e passam a ser aceitas e a fazer sentido em sua nova percepção de bondade e de cuidado. Desta forma, a ética do cuidado toma corpo como resultado das transições da vida da mulher pela infância, adolescência e maturidade, onde em cada fase a compreensão do eu e do outro vai sendo modificada pelas experiências vividas e as prováveis indagações causadas por elas.

Com isso, o cuidado alvo de preocupação para grande parte das mulheres, transforma-se de cuidado exclusivo para consigo mesma para cuidado primeiro para com os outros – demonstrando certo extremismo e confusão mental que se estende da adolescência à juventude. Já na idade adulta, as mulheres percebem esse extremismo e detectam o erro em seu posicionamento diante de suas vidas. De acordo com Gilligan, as mulheres avaliam sua passagem do egoísmo para o auto-sacrifício e descobrem que até então não haviam se responsabilizado por si mesmas. Como então poderiam responsabilizar-se pelos outros? “A fim de se estar apta a cuidar de outro, deve-se estar apta principalmente a cuidar de si mesma de forma responsável.” (GILLIGAN. p. 87). Essa mudança de pensamento é uma das atitudes femininas características da maturidade.

“O crescimento desde a infância à idade adulta, concebido como uma passagem do egoísmo à responsabilidade” (GILLIGAN. p. 87) liberta aos poucos a mulher de seu entendimento de inferior aos outros em suas necessidades. Permite a ela ver-se incluída entre aqueles a quem deve cuidar, ajudar e responsabilizar-se. Com tal

amadurecimento, a mulher não mais idealiza ter uma postura “correta” e “bondosa” para agradar aos outros, mas uma postura em que haja respeito aos seus limites e às suas verdades, assegurando o poder que tem em assumir responsabilidades por si e por seus próprios pensamentos e vontades.

“O repetitivo emprego pelas mulheres das palavras egoísta e responsável ao falar de conflito e opção morais, coloca as mulheres à parte dos homens estudados por Kohlberg e aponta para uma compreensão diferente do desenvolvimento moral.” (GILLIGAN, p. 84). O estudo de Gilligan atesta que na adolescência o predomínio do auto-interesse nas atitudes e pensamentos é comum às mulheres, sendo entendido mais tarde por elas como egoísmo. Nesta fase ainda não existe o reconhecimento da importância da interdependência e interação entre o eu e os outros, mas sim a importância em assegurar o bem para si, para seu mundo particular de visão egocêntrica. Para as adolescentes a palavra responsabilidade entra no contexto apenas de suas vidas, já que se sentem desconectadas do mundo, preferindo ficar sozinhas como se isso as livrasse da dor e sofrimentos causados pelos outros e os quais não conseguem suportar.

Donas de uma fragilidade que as deixam sempre em apuros, as mulheres na adolescência afastam-se das pessoas para protegerem sua própria sobrevivência. A maneira que elas encontram de cuidar de si e evitar o dano em suas vidas é no distanciamento das pessoas, já que não conseguem se defender de outra forma. Desse modo, colocam no outro a responsabilidade dos seus atos como se fossem vítimas do mundo, incapazes de saber se sair dos conflitos resultantes das relações sociais. Vêm-se como egoístas e auto-suficientes quando na verdade são confusas, frágeis e dependentes. “É a linguagem da consciência do eu e da responsabilidade, que define o problema moral como o da obrigação de exercer o cuidado e evitar o dano.” (GILLIGAN, p. 84).

Passando da adolescência e caminhando para a idade adulta a mulher vivencia um período de transição em que nem concorda mais com o seu pensamento anterior (adolescente) nem consegue alcançar um pensamento maduro sobre a existência humana. Nesse intervalo põe em xeque sua visão anteriormente egoísta sobre cuidado e responsabilidade. “A questão transitória é a do apego ou conexão com os outros” (GILLIGAN, p. 87) que a mulher passa a enxergar como inerente ao fato de se estar viva. Quando percebe que a vida é feita de ligações interdependentes o seu foco de responsabilidade e cuidado muda de si primeiramente para os outros. Com isso, afirma

Gilligan, a mulher deixa de lado o cuidado próprio e estabelece como primordial o cuidado às outras pessoas na intenção de não magoar seus semelhantes e nem decepcionar os mais próximos com atitudes inesperadas por eles. Assim, a mulher acredita que a negação de suas verdades e propósitos em função do bem geral (no qual não se inclui) é uma maneira de expressar sua bondade e se afirmar como protetora e cuidadosa. “A voz feminina convencional surge com grande clareza, definindo o eu e proclamando seu valor com base na sua capacidade de cuidar de outros e protegê-los.” (GILLIGAN, p. 90).

Na tentativa de fazer o bem, a mulher constrói um conflito entre o amor próprio e o amor ao outro que acaba por prejudicar a todos os envolvidos em vez de melhorar a convivência. Ao tomar para si a responsabilidade pelo outro ela se exime da responsabilidade por si própria, colocando-a nas mãos dos outros e esperando que estes assumam tal compromisso. Melhor dizendo, a mulher quando se compromete com o cuidado e o bem-estar das pessoas ao seu redor, não levando em consideração se isso lhe traz um bem, na verdade está esperando que essas pessoas também cuidem dela e a protejam de forma a não saírem prejudicadas e feridas. “Infantis na vulnerabilidade de sua dependência e conseqüente medo do abandono, afirmam que desejam somente agradar, mas em paga por sua bondade esperam ser amadas e cuidadas.” (GILLIGAN, p. 78).

Para Gilligan, o auto-sacrifício feminino revela um confuso entendimento de moralidade e bondade e a falta de confiança em si mesma. Ao interromper o curso de suas vontades, desejos e crenças para satisfazer o ideal de outras pessoas, a mulher evita se responsabilizar por suas ações e sofrer com as conseqüências de decisões não acertadas, como se o não decidir por suas convicções a aliviasse da angústia e da culpa pelo erro. Mas, embora responsabilize os outros por suas atitudes, a mulher tem dentro de si ciência do que queria ter feito e não fez por se vê incapaz de assumir suas verdades e responsabilizar-se por elas. Assim, o sofrimento continua existindo, num dilema existencial entre o eu e o outro, onde não há como conciliar o interesse de ambos se a mulher não mudar seu conceito de bondade e procurar ser honesta consigo mesma. “O conflito entre o eu e o outro constitui assim o problema moral decisivo para as mulheres, suscitando um dilema cuja solução exige a conciliação entre feminilidade e idade adulta.” (GILLIGAN, p. 82).

Na idade adulta, a maioria das mulheres acorda da falsa idéia de relacionamentos e ligações que exclui a si mesma de seus cuidados e responsabilidades.

De acordo com Gilligan, nesta fase a mulher se desfaz da insegurança provinda do receio de desagradar às pessoas e fala com sua própria “voz”, consciente do seu valor e da sua capacidade em assumir sua vida, embora reconheça a importância dos relacionamentos e do cuidado com seus semelhantes. A maturidade proporciona à mulher conhecer-se melhor, descobrir que fragilidade e fortaleza, perdas e ganhos, são comuns na existência humana e devem ser utilizadas ao nosso favor e não para nossa destruição. “O cuidado torna-se o princípio escolhido de um julgamento que continua psicológico em sua preocupação com relacionamentos e respostas, mas se torna universal em sua condenação de exploração e dano.” (GILLIGAN. p. 85).

A concepção de bondade na maturidade feminina muda de “fazer o que os outros esperam que eu faça” para “fazer o que acredito ser melhor e mais honesto para mim e para os outros”. A visão de feminilidade como sacrifício e anulação para ser bondosa a todos (menos a si) é desfeita e em seu lugar surge a verdade e honestidade como formas do cuidado feminino, este agora, com sua inclusão. “O critério de julgamento passa assim de bondade para verdade, quando a moralidade da ação é avaliada não com base no que parece aos olhos dos outros, mas em termos de realidade de sua intenção e consequência.” (GILLIGAN. p. 93). O aperfeiçoamento do pensamento feminino e de sua moralidade só é possível graças aos relacionamentos, às desavenças e contradições percebidas e vividas por meio das relações íntimas e sociais.

Quando se vai convivendo com as pessoas e construindo ligações de amor e afeto com elas, percebe-se que o “não causar dano”, segundo Gilligan, é praticamente impossível devido às naturais diferenças entre o eu e o outro. Alguém, em dado momento de uma relação, vai sair prejudicado, sentir-se injustiçado ou ferido, e essa responsabilidade a mulher não tem que tirar para ela, já que é um fato natural na existência humana. Com esse amadurecimento feminino surge um novo modo de ver o mundo e de agir em relação a ele. “A responsabilidade pelo cuidado inclui portanto tanto o eu como o outro, e a obrigação de não causar dano, liberta das limitações convencionais, mantém o ideal do cuidado ao mesmo tempo que encara a realidade da escolha.” (GILLIGAN. p. 106).

O que na juventude pensava ser cuidado e responsabilidade era na verdade descuido e irresponsabilidade. Gilligan vê que, se para a mulher ser boa e cuidadosa com os outros, assegurando a responsabilidade que se tem por eles, é necessário que ela minta, dissimule e, portanto, engane as mesmas pessoas que diz ter cuidado, algo de errado há nesse cálculo. Ao passo que também há erro quando, ao mesmo tempo,

engana-se e finge para si mesma que as suas próprias decisões correspondem às dos outros, negando a sua verdade e sendo desonesta com todos, inclusive e principalmente consigo mesma. Onde está a mulher bondosa, responsável e cuidadosa que afirma ser? Está na imaginação da sociedade machista e preconceituosa, que a mulher só reconhece quando chega à idade adulta e livra-se da frustração da juventude - de não ser exatamente como esperavam que ela fosse.

2.2 Ética do cuidado x Ética da justiça

Assim, um entendimento da psicologia dos relacionamentos humanos progressivamente mais adequado – uma diferenciação cada vez maior do eu e do outro e uma compreensão crescente da dinâmica da interação social – dá corpo ao desenvolvimento de uma ética do cuidado. Essa ética, que reflete um conhecimento cumulativo dos relacionamentos humanos, progride em torno de uma visão central, de que o eu e o outro são interdependentes. (GILLIGAN, p. 85).

Mulheres e homens constroem diferentes visões sobre a vida. Ela, centrada no cuidado e responsabilidade para com todos; ele, na individualidade e igualdade também para todos. Mas, considerando a tese de Gilligan, ambos desejam o mesmo: que a justiça seja igualmente feita a todas as pessoas, que ninguém seja prejudicado, excluído ou deixado sozinho. O que muda é a forma como cada um reivindica esses direitos. A mulher busca a solução nos relacionamentos cuidadosos de afeto, compaixão, amor e renúncias, apostando numa ética da responsabilidade. “As meninas e mulheres têm a tendência de focar em respostas apropriadas a indivíduos particulares em relacionamentos concretos – o que Gilligan chama de uma ética do cuidado.” (FURROW, 2007, p. 74). O homem encontra a saída na justiça social dos direitos humanos, na preservação da individualidade e igualdade dos direitos e na não violência, proclamando uma ética da justiça. “A conclusão de Gilligan é a de que os meninos e homens têm a tendência de focar em uma ética da justiça, preocupada primariamente com a aplicação de regras morais que especifiquem direitos e obrigações.” (FURROW, p. 74). No entanto, apesar da diferente construção de mundo e humanidade entre os sexos, homens e mulheres vivem na esperança de ver o bem-estar das pessoas como fato assegurado, seja por meio da justiça ou também por meio do cuidado.

Por uma ética da justiça, Gilligan quer dizer uma perspectiva moral que está baseada em um sistema de regras o qual se requer que os agentes morais utilizem em situações particulares para garantir um tratamento honesto e igual. Nesse sistema de regras, os traços de pessoas que são levados em conta, são os traços que todos compartilham – nossas preocupações éticas surgem porque todas as pessoas exibem traços gerais de personalidade. Os traços que fazem com que um indivíduo seja único não são relevantes. Devemos tratar a todos com o mesmo respeito e consideração, independente de nosso relacionamento com eles, ou das peculiaridades da personalidade deles. (FURROW¹⁶, p. 74-75).

Gilligan faz entender que a ética da justiça, mais facilmente adaptável a maioria dos homens, é uma ética de poucas ou travadas emoções. O que prevalece nesta ética é o direito de todo ser humano a um tratamento digno - sem exclusões, particularidades ou violência, que o puna ou absorva dos desvios às regras gerais de moralidade. Os sentimentos positivos de afeto, amor e compaixão, tornam-se, de algum modo, negativos no exercício dessa ética. Pois, o desvio da atenção de um fato em análise – como, por exemplo, um assassinato - por sentimentos de piedade ou solidariedade compromete o julgamento justo da pessoa em questão. Mas sabemos também que para haver tal justiça, os sentimentos positivos colocados antes como negativos em julgamentos – afeto, amor e compaixão – foram exercitados nas entrelinhas da justiça.

Ora, se sabemos que matar é um ato cruel, desumano e covarde, o juiz (pessoa humana) designado para exercer julgamentos morais de acordo com as leis, poderia então utilizar-se da imoralidade do fato, que é assassinar alguém, para expressar seus sentimentos negativos de ira, revolta e indignação, e humilhar e ferir moral e/ou fisicamente a pessoa em julgamento. No entanto, surgem neste momento os sentimentos de compaixão e afeto que pareciam não existir, e contribuem para que quem julga não ultrapasse os limites da lei e incorra no erro da violência em seus atos. Embora, segundo Furrow¹⁷, o comportamento adequado de postura não agressiva não possa ser atestado firmemente como resultante de um sentimento de empatia e cuidado ou se, na verdade, provém de um equilíbrio íntimo para preservar a sua reputação em relação à sociedade ou se é realmente em respeito à moralidade e às leis impostas às relações sociais e indiferentes a sentimentos. Independente do motivo da ação, o importante para a ética da justiça é que a justiça igualitária e pacífica seja feita.

¹⁶ Dwight Furrow baseia-se nos estudos de Gilligan, sobre as diferenças de desenvolvimento moral entre homens e mulheres para discorrer sobre a ética do cuidado e a ética da justiça.

¹⁷ Furrow assemelha a ética da justiça à ética deontológica e ao utilitarismo, comparando-os posteriormente à ética do cuidado.

Por outro lado, a ética do cuidado considera as nossas responsabilidades no interior dos relacionamentos como os elementos morais mais importantes. Assim, as questões morais são demarcadas como questões que ocorrem dentro de relacionamentos particulares e que só podem ser tratadas como um participante de um relacionamento. Uma vez que estamos em relacionamentos não com pessoas que têm somente os traços gerais e abstratos de personalidade mas com pessoas particulares com suas situações únicas como membros de um relacionamento. Isto quer dizer que o nosso raciocínio não pode ser imparcial, porque ele deve colocar ênfase especial em nossos envolvimentos mais profundos nos quais temos interesse especial. As pessoas com as quais temos um relacionamento de cuidado têm prioridade. (FURROW. p. 75).

A ética do cuidado, comum à dimensão feminina, deixa florescer os sentimentos e emoções humanas e mescla-os com a moralidade no intuito de proteger, cuidar e ser solidária a todas as pessoas. Com certa abertura à sensibilidade, essa ética não só admite como defende a influência dos sentimentos no agir moral. A ética do cuidado promove o encontro do dever moral com a responsabilidade moral por meio dos relacionamentos, com respeito à importância destes no desenvolvimento e aperfeiçoamento de nossas vidas. Para essa ética, de acordo com Furrow, o modo como tratamos as nossas relações sociais deriva da maneira que nos relacionamos com as pessoas mais próximas a nós, como pais, irmãos, parentes e amigos.

Assim sendo, se construímos relacionamentos íntimos baseados no afeto, empatia, compaixão e amor, desenvolvemos uma maior tendência a nos relacionarmos com sensibilidade com as pessoas que não são de nosso convívio, e isso é espontâneo, correspondendo naturalmente a uma resposta ao olhar carente do outro, já que reconhecemos esse olhar tantas vezes lançado a nós por pessoas familiares. É a partir da responsabilidade sentida pelas pessoas queridas do nosso dia-a-dia que vemos a importância de estendê-la aos mais distantes, diminuindo a diferença entre os “outros” e os “semelhantes”.

Essa visão nova de moralidade que a ética do cuidado nos dá, contribui muito para o aprofundamento dos relacionamentos pessoais, diminuindo a culpa de nos preocuparmos primeiramente e principalmente com as pessoas a quem temos um grau maior de afeição e intimidade. “Uma vez que grande parte de nossas vidas está devotada a algum tipo de relacionamento, a ética do cuidado está ancorada na experiência concreta e não em entidades abstratas tais como o bem comum ou lei moral.”

(FURROW. p. 90). Ao contrário da intimidação à parcialidade, a ética do cuidado defende seu uso devido nos relacionamentos particulares.

Desta forma, se estivermos diante de um impasse moral entre ajudar um amigo ou um estranho que estão se afogando, o que será correto fazer? Ajudar o estranho, pois o deixando em segundo plano seria dar maior importância aos afetos particulares e diferenciá-los? Ou ajudar o amigo, que compartilha conosco a nossa vida diária e existe entre nós uma afeição mútua e uma maior necessidade de resposta, deixando o estranho morrer já que ele não participa da nossa vida diretamente e a falta dele não afetará o nosso viver? Segundo Furrow, embora pareça ser difícil responder a um impasse moral, quando colocamos um dilema e questionamos verdadeiramente o que gostaríamos de fazer, o primeiro impulso é dar maior atenção àqueles sentimentos de amor, afeto e cuidado recíprocos, construídos através do tempo empregado no relacionamento. “Em uma amizade, você se preocupa com uma pessoa em particular, não porque ela seja um ser humano, mas porque é uma pessoa em particular, única. Você não considera os interesses dela como sendo iguais aos de outras, mas parte do que significa ser uma amiga.” (FURROW. p. 76).

Na análise de Furrow, para a ética da justiça os relacionamentos humanos, particularmente os íntimos, não devem afetar as decisões morais. A moralidade existente é referente a todos, com a obrigação de ser cumprida, sem distinção para amigos, parentes ou conhecidos. A partir da observação do ser humano através do tempo, um ideal de comportamento foi construído e estipulado como correto para todo e qualquer indivíduo - baseado em características comuns à humanidade em geral. Uma ética que afastasse das pessoas a desigualdade, a injustiça e a violação dos seus direitos individuais necessitava se fazer presente na orientação para o comportamento social ainda sem parâmetros e de interesses, perspectivas e vontades distintas.

Para uma ética da justiça, derivamos a justificação de como devemos tratar alguém a partir de um princípio moral imparcial. Tal princípio desempenha um papel tão importante, porque ele responde a características que todos nós, enquanto pessoas, compartilhamos. Nós derivamos o princípio moral universal de generalizações universais a respeito do ser humano e, daquele princípio universal, derivamos regras morais específicas, que devemos aplicar a circunstâncias particulares. Este tipo de raciocínio é frequentemente referido como “de cima-para-baixo, porque ele começa com generalizações universais, as quais então são aplicadas a casos particulares. (FURROW. p. 76).

Assim, a ética da justiça nasce para a convivência entre os seres humanos ser pacífica, de modo que ninguém seja prejudicado em benefício de outro, que não haja diferenças entre o eu e o outro e que os impulsos e desejos próprios de cada um não ultrapassem os limites de sua individualidade. Para Furrow, dessa ética imparcial e universal - onde agimos de acordo com o demarcado socialmente em respeito à nós e aos outros, na sua maioria desconhecidos - tiramos o exemplo para saber agir com as pessoas mais próximas a nós. Ou seja, a ética da justiça estabelece um padrão de comportamento ideal e esse padrão empregamos em nossos relacionamentos afetivos e particulares, sem que estes tenham a participação ativa na construção da moralidade estabelecida como regra, e nem o direito à sua violação. Ao contrário, os relacionamentos são estruturados com base na moralidade já antes adquirida por meio de conclusões gerais sobre o comportamento humano.

A imparcialidade entre o agir com pessoas distintas e pessoas distantes, posta pela ética da justiça, na visão de Gilligan e Furrow, pode acabar afetando negativamente os relacionamentos e distanciando as pessoas. O que ocasiona cada vez mais o isolamento, a individualidade, a desconfiança e a falta de um afeto puro entre os seres humanos. O que tende a provocar, no futuro, um apoio maior a essa ética dita justa, já que a quantidade de solitários decepcionados com relacionamentos contribui para fortalecer um pensamento individualista - embora de ideais igualitários - sem o uso dos afetos.

Por outro lado, em uma ética do cuidado, justificamos ações recorrendo à dinâmica dos relacionamentos das pessoas particulares envolvidas, e resolvemos os problemas trabalhando dentro dos relacionamentos, e não por intermédio de julgamento imparcial e desengajado. Referimo-nos a este raciocínio como sendo “de-baixo-para-cima”, porque ele começa com a compreensão de casos particulares e chega a uma conclusão utilizando, primariamente, informação sobre aquele caso particular. Então, enquadramos o caso em termos de quais princípios gerais estão em jogo em uma ética da justiça. Enquadramos as questões em termos do que é importante em um contexto particular (especialmente um relacionamento) na ética do cuidado. (FURROW. p. 76).

Apostando em uma ética justa para as pessoas que amamos e devotamos nosso interesse, a ética do cuidado vem defender a importância dos relacionamentos no desvendar de um modo benéfico de agir para com todas as pessoas, sem faltar com as pessoas queridas do nosso convívio. O que a ética do cuidado desvela é que damos pouca atenção às pessoas que gostamos em prol de pessoas que nem conhecemos para podermos ser éticos e “justos” com o todo social. Mas, não seria mais justo apoiar e

cuidar de um amigo quando ele espera uma resposta de nós em vez de agirmos com indiferença às suas necessidades? “Quanto mais buscamos a imparcialidade, tanto menos atenção damos aos nossos envolvimentos e comprometimentos mais profundos.” (FURROW. p. 77). É pensando no aperfeiçoamento da nossa ética social atual que a ética do cuidado propõe juntar-se a ela. São dos nossos relacionamentos afetuosos com os mais próximos que devemos retirar o exemplo para sabermos agir com os mais distantes do nosso interesse. Isso parece ser uma idéia inteligente para conciliarmos a preservação de nossas relações afetivas com o cuidado apropriado a outras pessoas.

O que é exposto por Gilligan e Furrow nos faz compreender que dentro dos relacionamentos particulares ficamos mais sensíveis ao que nosso semelhante deseja e espera de nós. Sentimos a hora de falar, a hora de calar, de concordar, de discordar, de ficarmos juntos, de sairmos de perto. Sentimos um impulso para não descuidarmos de nossas atitudes em relação ao objeto do nosso afeto, pois reconhecemos no semblante de uma pessoa querida suas reais necessidades e sua espera pela acolhida amiga. Desta forma, tornamo-nos conhecedores das fragilidades, desejos e expectativas humanas por meio dos relacionamentos que construímos durante a vida. Conhecemos e aprendemos a respeitar as diferenças e peculiaridades que cada pessoa apresenta em seu comportamento, por termos estado presentes ativamente em sua vida de maneira a perceber suas características particulares e únicas.

Com essa elucidação, percebemos que a ética do cuidado busca a força e a sensibilidade dos relacionamentos afetuosos da convivência para extrair deles uma moralidade mais verdadeiramente humana e cuidadosa para todas as pessoas. Acreditando que a diferença entre todas as pessoas, e a diferença entre o momento em que cada qual se encontra em sua vida particular faz existir a necessidades de uma maior abertura ética para o cuidado e a reavaliação da ética universal existente. “A preocupação com a imparcialidade, justiça e obrigação surge a partir do relacionamento e de suas particularidades, não a despeito desses traços contextuais.” (FURROW. p. 86).

Furrow ressalta que a ética do cuidado não pretende excluir a imparcialidade e a justiça das relações sociais. O que ela deseja é que os relacionamentos afetivos existam não só com os mais próximos, mas que estendamos o nosso carinho e preocupação ao humano, que nos relacionemos de forma amigável e, se possível, prazerosa mesmo com quem não temos intimidade numa atitude de respeito e

tolerância à individualidade de cada um. Até quando não admiramos alguém ou quando esse alguém é indiferente a nós, é aconselhável fazermos um exercício de boa convivência procurando minimizar as diferenças e investir no bom senso de que também temos nossas particularidades que podem não agradar algumas pessoas. Assim, com um cuidado extensivo às pessoas mais distantes de nossa empatia reaprendemos a ver a justiça e a lidar com a imparcialidade de maneira mais verdadeira e honesta.

Assim sendo, uma ética do cuidado não pode ignorar ou subordinar considerações a respeito de justiça, honestidade e imparcialidade. Em muitos casos eles devem estar a frente e no centro. A diferença entre uma ética do cuidado e outras teorias morais não é que uma ética do cuidado minimize a importância da justiça e da imparcialidade. Ao invés disso, uma ética do cuidado vê a justiça e a imparcialidade dentro do contexto de relacionamentos. (FURROW. p. 86).

Quando tentamos enxergar em um outro, em particular, as causas que movem suas ações, o julgamento identificador do certo e errado adquire identidade e personalidade. Deixa de ser um julgamento para todos igualmente e passa a avaliar em particular casos semelhantes de desrespeito à moralidade. Dentro dos nossos relacionamentos encontramos situações limites que se fossemos julgar de fora, sem conhecer um pouco a vida da pessoa analisada, julgaríamos imparcialmente desconsiderando fatos que se agregam e levam determinada pessoa a cometer um ato que fere a moralidade estabelecida. Muitas injustiças são cometidas por não haver esse olhar diferenciador na ética vigente.

A regra geral de comportamento impede a análise de cada caso detalhadamente e particularmente, primando pela igualdade de direitos e deveres para todas as pessoas. Só que ao buscar a igualdade, segundo Furrow, a justiça nega a realidade da diferença e unicidade de cada indivíduo - suas angústias, limitações e fragilidades. Ignora a dificuldade que existe em relacionar “o que é certo para mim” com “o que é certo para o outro”, que nós, influenciados pela sociedade, entendemos como um problema de moralidade quando essas certezas se chocam. “Nunca devemos agir imparcialmente ou segundo um senso de obrigação, sem prestar a devida atenção àqueles traços de nossas circunstâncias que um princípio imparcial não lograria identificar como sendo relevante.” (FURROW. p. 86).

A ética do cuidado traz uma questão interessante à nossa realidade: não basta não sermos agressores, temos que, além disso, agirmos com responsabilidade para

com todos, principalmente os mais próximos. Além de saber utilizar cuidadosamente nosso direito de ação para que ele não fira o direito de nosso semelhante, para Furrow, devemos também procurar diminuir a distância emocional que nos separa de um outro que não está distante fisicamente de nós. “Todos os seres humanos estão ligados à realidade via vários estados de sentimentos e, portanto, para que possamos entender os outros, devemos entender os seus sentimentos também. E isto requer que busquemos uma conexão emocional.” (FURROW. p. 88). Inserir o cuidado nos relacionamentos de maneira a mostrar preocupação pela vida das pessoas é um ideal de comportamento projetado pela ética do cuidado. Mas esse ideal é difícil de ser seguido puramente, sem falsidades ou interesses próprios. O egoísmo humano ainda é uma barreira a ser vencida para que a nossa realidade social melhore e siga em direção à integridade e dignidade humanas.

Tendemos a querer violar a moralidade social em benefício próprio ou de pessoas que gostamos, nos achando merecedores de exceções à regra geral. Sempre encontramos alguém que se vê em situações nas quais se coloca acima dos deveres e direitos do cidadão. Aonde quer que estejamos, esbarramos em um “egoísta” ou “merecido” (como costumamos falar), que busca livrar-se de algumas obrigações sociais. Para estes, a igualdade e a imparcialidade referentes a todos os casos e a todas as pessoas são tratadas com natural desprezo, quando o que está em jogo é “salvar a sua pele” de algum provável prejuízo ou dano. “Nossa perspectiva é parcial no que diz respeito a nossos próprios filhos, os filhos de nossos vizinhos, nossos próprios objetivos e projetos.” (FURROW. p. 104).

Até que ponto podemos agir primeiramente em favor de nossos interesses pessoais sem sermos violadores da moralidade? É correto conosco seguirmos as regras sociais quando elas nos maltratam e ferem a solidez dos nossos relacionamentos particulares? Essas questões são reavaliadas pela ética do cuidado para que possamos pensar quais os valores que estão sendo considerados importantes e servindo de suporte nas relações sociais durante todos esses anos.

Muitas vezes quando violamos uma regra de comportamento não a fazemos por egoísmo, por acharmos que merecemos mais atenção que os outros. De acordo com Furrow, agimos por um impulso de defesa inato ao ser humano. Quando vemos um perigo iminente em relação a nós ou a quem amamos, sentimos um medo que nos leva a fugir daquela ameaça. No entanto, nesse processo pode acontecer de machucarmos ou prejudicarmos alguém, de mentirmos, de enganarmos algumas

pessoas, pois o foco que temos no momento de um desespero pessoal é na solução menos dolorida para nós mesmos e para as pessoas do nosso convívio. Na visão de Furrow, o que a ética do cuidado vem a acrescentar à ética da justiça é a influência e o valor das nossas emoções no nosso agir moral. “Uma pessoa que não tenha a capacidade de sentir emoções morais não poderia compreender toda a importância das ações morais. As emoções nos permitem apreender traços de uma situação que, de outra forma, são inacessíveis.” (FURROW. p. 89).

Qual a solução que a ética do cuidado daria para o caso de uma mãe que se vê diante de policiais armados em busca de seu filho que participou de um grande assalto? Por impulso do cuidado natural e amor ao filho, sentimentos de total relevância para a ética do cuidado, essa mulher, movida pela emoção e sentimentos, provavelmente mentiria e esconderia seu filho pensando em protegê-lo da tristeza e solidão dos presídios, assim como, em proteger a si mesma do sofrimento pela ausência do filho. Mas a ética do cuidado ao mesmo tempo em que reconhece o nosso impulso natural para cuidar de nós e de quem amamos, esclarece que necessitamos refletir sobre como estamos agindo, para não sermos injustos e irresponsáveis com as pessoas amadas e também com o todo social. Segundo a ética do cuidado, devemos pensar se o que estamos fazendo trará benefícios ou malefícios para as pessoas que nutrimos afeto e, posteriormente, para as pessoas em geral. No caso dessa mãe que entende que o filho cometeu um grave erro, se ela fosse agir pela ética do cuidado, embora com profunda dor, entregaria o filho pensando primeiramente na sua recuperação, em tirar ele da marginalidade e fazê-lo rever o seu comportamento diante da vida. A provável segunda razão para o ato sensato da mãe é o cuidado com a sociedade, evitando, assim, que outras pessoas sejam vítimas dos erros e desajustes de seu filho. A atitude de entregar o filho à polícia, nesse caso, corresponde ao que se faria também sob a ótica da ética da justiça, mas possivelmente o prioritário motivo da ação seria fazer a justiça social baseada nos direitos humanos. Mas a ética do cuidado também defende, em casos extremos, a parcialidade das ações. Este não seria um caso extremo para uma mãe? Será que a ética do cuidado, dando abertura a parcialidades não está contribuindo com o desrespeito, a mentira e a desigualdade entre as pessoas? Será que não está deseducando as pessoas para o convívio social?

Está certo que a ética do cuidado não defende a conivência e imparcialidade de pais, amigos e familiares às irresponsabilidades das pessoas amadas, mas, como ela mesma diz, somos dotados de uma sensibilidade que nos faz ter um cuidado

instantâneo e impulsivo aos nossos afetos íntimos, como conseguiremos equilibrar, então, o desejo de cuidar e proteger a nós e às pessoas queridas com o desejo de sermos justos, responsáveis, igualitários e assim mantermos nossas obrigações morais?

Pensamento e ação morais, para a ética do cuidado, são inseparáveis das emoções, não há como decidirmos ser imparciais quando alguém a quem admiramos e nutrimos afeto necessita de nossa ajuda, em uma situação extrema, e para isso temos que ignorar certas normas de comportamento. Segundo Furrow, nesses casos, se a parcialidade pelas pessoas queridas não acontece naturalmente, é porque não temos tanto zelo por quem pensamos ter, e então, precisamos rever nossos sentimentos e relacionamentos. É engano dizer que queremos o bem de todos igualmente, com a mesma proporção afetiva e amorosa. É claro que as pessoas da nossa convivência diária, familiares e amigos, despertam em nós um sentimento mais profundo de dedicação, respeito, obrigação e uma necessidade maior de atenção e cuidado. E quando essas pessoas juntamente a outras desconhecidas estão correndo perigo, naturalmente estendemos a mão primeiramente a quem temos um grau de afinidade e empatia desenvolvidos. “Não obstante a intuição de que todos os seres humanos têm igual valor, aparentemente somos inconsistentes no que diz respeito a esta intuição. Na prática não somos igualitários.” (FURROW. p. 104).

Mas, lembra Furrow, ao mesmo tempo em que devemos nos dedicar com mais presteza às pessoas com as quais estreitamos os laços afetivos, continuamos com obrigações morais para com todas as outras pessoas que nos relacionamos temporariamente durante a vida em encontros casuais que não criam um vínculo afetivo e emocional prolongado. “Um encontro eventual com outra pessoa é o suficiente para estabelecer um relacionamento que impõe uma obrigação.” (FURROW. p. 106). A estas pessoas, devemos o respeito e o cuidado aos seus direitos e à sua vida - mantendo um olhar ampliado às suas necessidades, com o uso também das emoções -, e o cumprimento de nossas obrigações ao todo social para que não haja aí uma falha em nosso comportamento e um real egoísmo e merecimento.

“As obrigações engajam a nossa vontade – elas restringem o que moralmente podemos ou não fazer, independente de nossos desejos.” (FURROW. p. 94). Na visão de Furrow quando recorremos à parcialidade para contornar fatos pequenos, do dia-a-dia, que não envolvem sérios riscos para nós nem para os nossos relacionamentos, estamos sim sendo egoístas, infringindo as normas sociais em benefício próprio sem

razão de ser, e portanto, errados em pensar que temos o direito à exceção. Nessa hora estamos desrespeitando tanto a ética da justiça como a ética do cuidado. Exemplo desse desrespeito pode ser dado quando aquele ou aquela dona de casa que mora em um edifício e apesar de estar ciente de todas as obrigações referentes a essa morada, não paga o seu condomínio, mesmo sabendo que seus vizinhos vão ter que arcar com sua parte. Existem também aqueles que não querem entrar em filas, esperar o sinal de trânsito abrir e até os que pagam por um diploma universitário. São vários os tipos de benefícios que algumas pessoas querem usufruir, violando as regras e negando suas obrigações para com a sociedade em geral. E a partir dessas violações atingem pessoas inocentes que cumprem com suas obrigações morais e que compreendem a importância da responsabilidade social para um convívio sadio e justo para todas as pessoas.

A diretiva de que devemos promover bens tais como a justiça social é importante, mas não está baseada em uma obrigação. Temos a obrigação de tratar justamente as pessoas que encontramos, e é certamente louvável e importante que demandemos que todos sejam tratados justamente. Mas isto é porque uma boa pessoa deve ter qualidades de caráter que a permita ter interesse pela vida dos outros. A apatia a respeito do tratamento dos outros, fora de um relacionamento como aqui definido, é uma falha moral, mas é uma falha de caráter, não uma falha em honrar uma obrigação. (FURROW. p. 115).

Partindo das colocações de Furrow vemos que a ética do cuidado tenta provar que se dedicamos cuidado aos nossos relacionamentos particulares e nos esforçamos para agir afetuosamente também com relacionamentos que não são estáveis em nossa vida, caminhamos para o bem agir não apenas preocupados com obrigações morais - já que quando nos relacionamos com alguém que temos um sentimento de amor, cuidado, zelo e responsabilidade não necessitamos ser obrigados pelas normas a respeitar, ser solidário ou fiel a esta pessoa. Naturalmente cuidamos de quem compartilha conosco de uma relação afetiva, de respostas positivas às nossas emoções. Assim, se apostarmos na extensão dos nossos afetos e do nosso sentimento de responsabilidade às pessoas que cruzam nossa vida, estabelecendo com elas relação durável ou não, chegaremos ao ideal de uma ética do cuidado.

“A ética do cuidado, de fato, recomenda que devotemos energia e atenção para a manutenção de relacionamentos. Mas esta recomendação não se baseia em uma obrigação; baseia-se em nosso modo fundamental de existir no mundo.” (FURROW. p. 115). Não precisamos estar assegurados somente pela obrigação da justiça ou das regras sociais de que nossa individualidade, dignidade, igualdade, paz e segurança

serão mantidas, mas antes disso, o cuidado existente nos relacionamentos íntimos e perpassados aos relacionamentos mais distantes contribuem efetivamente para a manutenção de nossos direitos e necessidades.

Há momentos para todos nós em que cuidamos muito naturalmente. Simplesmente cuidamos; nenhum esforço ético é exigido. *Querer e dever* são indistinguíveis nesses casos. Eu quero fazer o que eu e os outros podemos julgar que devo fazer. Mas pode haver uma exigência de cuidar? Certamente não pode haver nenhuma exigência para o impulso inicial que surge como um sentimento, uma voz interna dizendo *eu preciso fazer algo*, em resposta à necessidade do objeto do cuidado. (NODDINGS. 2003. p. 107).

A análise de Furrow em relação ao cuidado e à ética do cuidado assemelha-se à de Noddings, principalmente no que diz respeito à influência imediata das emoções no agir humano. Ambos dizem que o sentimento de cuidado obtido quando alguém que amamos pede nossa ajuda é um sentimento que flui naturalmente de dentro de nós. Não existe conflito entre o que quero fazer e o que devo fazer. A resposta ao pedido de ajuda é imediatamente impulsionada pelo valor que determinada pessoa tem para mim. Nesses casos, a ética nem chega a ser questionada primeiramente, a emoção relacionada à proteção do objeto do cuidado surge com uma força superior e anterior aos questionamentos éticos. Percebemos, a partir disso, que o desejo em preservar o bem das pessoas com quem convivemos prazerosamente independe de obrigações morais. Ele nasce de um sentimento de entrega, de troca, compaixão e responsabilidade enraizados no nosso íntimo por meio de relacionamentos de forte envolvimento emocional e afetivo.

No entanto, existem casos em que se ajudarmos ao outro próximo, prejudicaremos a nós mesmos. Noddings fala que a resposta ao outro em nós, nesse caso, não é tão imediata, pois o sentimento de sobrevivência pessoal clama por nossa atenção. Visto que, se ficamos fracos ou doentes física e/ou psicologicamente não temos forças nem confiança suficientes para cuidar e proteger a nós mesmos, muito menos teremos como cuidar dos outros. “Como o cuidado é uma relação, uma ética construída sobre ela naturalmente diz respeito ao outro. Como estou definida na relação, não me sacrifico quando me dirijo ao outro como cuidadora.” (NODDINGS. p. 129).

Noddings e Furrow expõem exemplos parecidos para justificar o direito e até a precisão de nos afastarmos de relacionamentos que de algum modo estão nos

diminuindo, entristecendo, nos fazendo mal. Exemplo semelhante aos deles é aquele em que se alguém a quem queremos muito bem resolve nos insultar por achar que o nosso cuidado com ele é invasivo e sem propósito, se essa pessoa não consegue enxergar que precisa de apoio e se torna agressiva conosco, nessa hora é justo recuarmos para não nos enfraquecermos e perdermos a capacidade cuidadosa de auxílio. “Para que uma pessoa tenha cuidado em relação à outra, não podemos requerer que ela mantenha todos os seus relacionamentos, mesmo chegando a ponto de destruir outros aspectos de sua vida.” (FURROW. 2007. p. 145). Na verdade, o afastamento é em cuidado primeiramente com a preservação da nossa saúde, conseqüentemente em cuidado também à saúde de quem necessita da nossa atenção e carinho. Quando decidimos preservar a nossa harmonia interior não estamos negando interesse à pessoa que nos fere, estamos tentando manter a nossa capacidade de cuidar, proteger e resguardar a nós mesmos e ao outro. “O cuidado preserva tanto o grupo quanto o indivíduo e, como já vimos, limita a nossa obrigação para que ela possa ser realisticamente cumprida.” (NODDINGS. 2003. p. 131).

2.3 Nel Noddings: a ética do cuidado e a valorização do feminino e dos afetos

Acho que uma ética construída sobre o cuidado é característica e essencialmente feminina – o que não significa dizer, é claro, que ela não possa ser compartilhada pelos homens, da mesma forma que não poderíamos dizer que os sistemas morais não podem ser abraçados pelas mulheres. Mas acredito que uma ética do cuidado surge a partir da nossa experiência como mulheres, assim como a abordagem lógica tradicional dos problemas éticos se origina mais obviamente da experiência masculina. (NODDINGS. p. 21).

Quando procuramos uma definição para a ética do cuidado recorremos ao comportamento feminino, como cidadã e como amiga, para abstrairmos dele o algo mais que diferencia as atitudes e sentimentos da mulher do comportamento idealizado e estabelecido socialmente. Com estudos mais aprofundados e fundamentados sobre o desenvolvimento humano, a imagem feminina modifica-se para a própria mulher e para a sociedade em geral. Analisando as colocações de Gilligan e Noddings entendemos que, a partir de uma percepção adulta de moralidade o espírito feminino se descobre possuidor de uma ética natural e espontaneamente diferente da ética social vigente, mas tão importante quanto esta. Com essa descoberta a ética do cuidado flui para as relações,

a mulher passa a se comportar de maneira honesta consigo e com os outros, valorizando os seus próprios sentimentos e pensamentos de forma a não mais sentir necessidade de esconder de si e das pessoas queridas quem é verdadeiramente. “Quando a distinção entre ajudar e agradar isenta a atividade de tomar cuidado do desejo de aprovação por outros, a ética da responsabilidade pode tornar-se uma âncora escolhida por vontade própria da integridade pessoal e da força.” (GILLIGAN. 1982. p. 183).

Para Gilligan, a atitude feminina de cuidado consigo mesma dá a mulher uma segurança de si que antes não existia e que a deixava em suas relações com uma sensação de inferioridade e insatisfação. Observando as colocações de Gilligan entendemos que quando a mulher tira o foco do outro e traz para a relação (incluindo a si), ela compreende que a vida só se faz satisfatória quando há relacionamentos de trocas verdadeiras e justas. Essa maturidade feminina proporciona uma mudança no comportamento da mulher e também do homem, visto que a maneira que o homem vê a mulher muda na medida em que ela mesma se vê e se aceita diferente, assim “a experiência das mulheres fornece uma chave para compreender verdades centrais da vida adulta”. (GILLIGAN. p. 184). E quando o homem enxerga a mulher de forma diferente, começa então a rever seu comportamento em relação a ela, partindo daí para uma revisão geral nos seus conceitos e valores. “O ilusório mistério do desenvolvimento das mulheres reside no seu reconhecimento da permanente importância do apego na vida humana. O lugar da mulher na vida do homem é proteger esse reconhecimento.” (GILLIGAN. p. 33).

Notamos, com a elucidação de Gilligan, que as mulheres têm grandes chances de transformar a estreita visão de vida dos homens, por meio de relacionamentos honestos e cuidadosos. Preocupados com a individualidade, igualdade e justiça, eles, muitas vezes, percebem-se distantes dos próprios relacionamentos particulares quando levados pelas mulheres na maturidade a refletir sobre como tratam os assuntos relacionados à família e aos amigos. Nessa hora, reconhecem que estão falhando quando não participam ou não compartilham da dor e da alegria das pessoas queridas como deveriam. Segundo Gilligan, visando o bem geral, o homem muitas vezes prejudica quem mais ama sem perceber, por querer manter-se no controle do bem e do mal, da justiça e injustiça referente a todas as pessoas.

De acordo com Gilligan, as mulheres descobrem ao longo da vida que os relacionamentos criam laços afetivos entre as pessoas, essenciais na manutenção do bem-estar, da alegria, da cooperação, do cuidado e igualdade de todos. Furrow

concordando com Gilligan acrescenta que são dos relacionamentos que surgem as necessidades humanas e delas a ética para ordená-las. Assim como Boff diz que se pertencemos a um mesmo mundo e nele vivemos todos reunidos, somos seres de relações e participações mútuas, “devemos ser lembrados da nossa conexão fundamental, da nossa dependência um do outro”. (NODDINGS. 2003. p. 70).

Como bem lembra Noddings e Boff, estamos todos a todo momento interferindo e/ou modificando a vida do outro, participamos da realidade das pessoas ativamente, quer aceitemos isso ou não. Essa interação é entendida como fato pela maioria das mulheres desde o começo dos tempos, quando mesmo inferiorizadas e postas como submissas pelos homens elas se mantêm cuidadosas, prestativas, atenciosas e solidárias a seus maridos e família, assim como atentas a quem precise de seu auxílio. “Embora subordinadas ao homem em posição social, as mulheres são ao mesmo tempo centralmente imiscuídas com eles na intimidade e relacionamentos intensos de sexualidade adulta e de vida familiar.” (GILLIGAN. 1982. p. 180).

O que existe na alma feminina que faz com que mesmo diante da opressão e da indiferença do outro a mulher ainda seja cuidadosa e solícita? Há uma tendência a seguir a sabedoria inata cuidadosa, uma harmonia natural entre natureza e espírito que a torna sensível ao humano e a todas as formas de vida. “Isso é, em parte, resultado da construção de estruturas psicológicas profundas no relacionamento mãe-filho.” (NODDINGS. 2003. p. 127). Ou seja, Noddings acredita que a mulher sente a importância da participação responsável, respeitosa e cuidadosa no mundo, porque traz no íntimo o desejo de cuidar e proteger quem ama, e esse desejo ocorre, em grande parte, pela mulher ter na memória uma referência positiva de amor e cuidado maternos.

Estou consciente de que o reconhecimento da possibilidade de fatores biológicos fortes enfraquece a minha afirmação fundamental de que a eticidade está enraizada – e construída – sobre o cuidado natural. Se é verdade que as mulheres têm um acesso mais fácil e mais direto ao cuidado por meio de fatores biologicamente facilitadores, isso não implica que os homens não tenham acesso, mas poderia ajudar a explicar por que os homens intelectualizam, abstraem e institucionalizam aquilo que as mulheres tratam direta e concretamente. (NODDINGS. p. 166).

Com essa relevante afirmação de Noddings que é também afirmada por Gilligan, fica claro que os homens - embora também tragam em seu espírito o cuidado inato e a tendência para agir em favor do bem de todos os seres -, a maioria deles, não tem a sensibilidade acentuada que as mulheres têm para agir em favor do cuidado

natural pela falta do acréscimo, em seu ser, do cuidado provindo de fatores biológicos. Melhor dizendo, grande parte dos homens, naturalmente, são displicentes ao cuidado, uns mais que outros, porque quando crianças, segundo Gilligan, os meninos não compartilham da companhia materna com a mesma intensidade de trocas e semelhanças que as meninas vivenciam, e isso pode enfraquecer consideravelmente seu alcance ao cuidado natural, como afirma Noddings.

Uma solução inteligente para diminuir a distância que separa homens e mulheres desde a infância - a qual deixa os meninos com uma percepção de cuidado inferior à percepção das meninas, é colocada por Noddings quando diz: “Gostaria de sugerir que os homens trouxessem suas melhores qualidades humanas e masculinas para a experiência da paternidade”. (NODDINGS. p. 165). O que ela propõe é que os homens busquem em suas memórias sentimentos bons de cuidado armazenados durante a vida e utilizem-nos para engrandecer seus cuidados de pai. A partir disso, eles proporcionam aos seus filhos homens uma sensibilidade à imagem do cuidado que até então é privilégio das mulheres, já que, de acordo com Noddings, os meninos têm o pai como referência para seu desenvolvimento pelas semelhanças que dividem. Contudo, lembra Noddings, essa mudança de comportamento do homem na paternidade pode se espelhar fortemente no comportamento das mulheres como mães, pois os homens tendem a melhorar suas relações com os filhos “simplesmente entendendo, apreciando e sentindo junto com suas esposas”. (NODDINGS. p. 165). Toda essa dedicação em favorecer o encontro dos filhos com o cuidado natural é fundamental para a humanidade evoluir em favor da ética do cuidado.

No entanto, como diz Boff, o cuidado humano está lá, no íntimo de cada um de nós, esperando ser colocado em prática e imergir nos relacionamentos próximos, perpetuando-se para as relações sociais. Esse nosso cuidado inato propõe uma nova maneira de ver a moralidade e de construir a ética. Idealiza uma justiça que inclui um olhar atento e parcialmente prioritário, uma igualdade que valoriza o cuidado e o afeto aos íntimos e a junção da obrigação para com os direitos do indivíduo com a responsabilidade para com os relacionamentos - particularmente os de trocas prazerosas do nosso convívio.

Uma moralidade mais sensível à realidade das pessoas, mais próxima do ideal da natureza humana é construída baseada no cuidado. Inspira-se, de acordo com Gilligan e Noddings, no amor humano mais primitivo – o amor de mãe, e propaga a sensação de ligação, dependência e respeito entre as pessoas. Essa moralidade faz surgir

a ética do cuidado, uma ética provinda da sensibilidade feminina, “ainda que sua fonte e seu enfoque sejam o outro, não é uma ética severa, submissa ou covarde. Ela é energética, elástica, orgulhosa. É uma ética orgulhosa com um coração humilde e cauteloso”. (NODDINGS. p. 140).

Com abertura para os relacionamentos afetuosos e uma disposição natural para cuidar a mulher encontra na sua essência uma moralidade mais complexa e justa do que aquela que segue por intermédio da vida dos homens. Para Gilligan e Noddings, a moralidade feminina respeita a dignidade e integridade do humano considerando suas particularidades e limites, busca a justiça e a igualdade a partir de análises do todo íntimo e social de cada pessoa, levando em consideração seus relacionamentos particulares, além de empenhar maior dedicação àqueles que estão ligados pela afeição. “As mulheres, em geral como deontologistas do ato, apresentam razões para seus atos, mas as razões apontam para sentimentos, necessidades, condições situacionais e para sua percepção do ideal pessoal e não dos princípios universais e suas aplicações.” (NODDINGS. p. 126).

A ética do cuidado, segundo Noddings, transparece na participação da natureza feminina na moralidade. Essa ética surge da manifestação do eu feminino para fora de si em busca de uma forma real de se fazer presente e participativo na vida do outro, com o intuito de cuidar e resguardar a integridade da vida humana. De acordo com Gilligan, para essa força protetora que emerge de dentro da mulher continuar viva e se ampliar ela necessita dos relacionamentos, da vida interligada e interdependente. Desta maneira, a ética do cuidado descobre a importância que os relacionamentos têm na propagação do bem-estar das pessoas, contribuindo grandemente para a diminuição da violência e da hostilidade nas relações humanas.

É como se a “nova” ética viesse à tona para acordar os homens para a realidade do mundo, retirando eles da dormência e do isolamento. Trazendo-os, segundo Noddings, efetivamente para junto de suas relações particulares de maneira a torná-las profundas. A ética até então trabalhada pela maioria dos homens nega a sensibilidade e a ternura compartilhadas pelas pessoas íntimas em prol de uma vida equilibrada entre o sossego individual e a imparcialidade coletiva.

Baseado em Gilligan e Noddings podemos inferir que o surgimento da ética do cuidado tende a balançar a rispidez masculina e seu falso moralismo em pregar o que não realiza - como a justiça para todas as pessoas. No entanto, a mulher possivelmente continuará, mais que os homens, semeando o cuidado nas relações, sendo o exemplo de

pessoa responsável e afetuosa que nutre o bem querer pelas pessoas, por ser dona de uma sensibilidade acentuada que lhe confere uma resposta às emoções superiormente diferente da resposta masculina. “A sensibilidade às necessidades dos outros e a presunção de responsabilidade por cuidar levam as mulheres a atender outras vozes que não as suas e a incluir em seu julgamento outros pontos de vista.” (GILLIGAN. 1982. p. 27).

É a mulher, para Gilligan, que continuamente acende no homem o desejo de resposta e integração por mostrar a ele no dia-a-dia o quanto é importante cuidar especialmente de quem está próximo, dedicando mais tempo, energia e atenção àqueles que participam diretamente da nossa vida. A mulher “gera experiência que ilumina uma realidade comum a ambos os sexos: o fato de que a vida você jamais a vê toda, que as coisas não vistas sofrem mudanças através do tempo, que há mais de um caminho para a satisfação, e que os limites entre o eu e o outro são menos claros do que às vezes parecem”. (GILLIGAN. p. 184).

Mas o caminho do cuidado, traçado pelas mulheres nos relacionamentos, só consegue atingir os homens e fazê-los repensar seu comportamento com vistas a mudanças e ajustes em suas relações, porque, como fala Noddings e Boff, o homem também tem em sua essência, o cuidado, o afeto e o sentimento de responsabilidade pelo bem das pessoas. “Estou dizendo que o cuidado natural – algum grau do que cada um de nós tem sido dependente durante nossa vida afora – é o estado natural que inevitavelmente identificamos como bom. Essa bondade é sentida e guia o nosso pensamento de maneira implícita.” (NODDINGS. 2003. p. 70-71). Essas emoções estão guardadas dentro do homem em sua forma mais primitiva e natural, muito embora eles não as expressem naturalmente às pessoas queridas, pois “somos livres para afirmar ou rejeitar o impulso de cuidar”. (NODDINGS. p. 72).

Partindo das colocações de Noddings entendemos que, visando cumprir princípios moralmente impostos por eles mesmos, a maioria dos homens trabalha em si, habitualmente, seus sentimentos durante a vida para externá-los de uma forma que sua força, seu controle e imparcialidade diante da vida em comunidade sejam mantidos. Para Gilligan, esse comportamento masculino tende a ocasionar o distanciamento das pessoas queridas e certa frieza em seus relacionamentos. Opondo-se, assim, ao comportamento idealizado pela ética do cuidado, que defende a atenção prioritária aos relacionamentos próximos pela necessidade de respostas positivas que eles nos demandam. Mas, apesar disso, a ética do cuidado evidencia que os homens tanto quanto

as mulheres são capazes de promover cuidados e responsabilidades dentro dos relacionamentos.

A ética do cuidado é possível de acontecer também na vida dos homens. “Quero construir uma ética baseada no cuidado e vou sustentar que há uma forma de cuidado natural e acessível a todos os seres humanos.” (NODDINGS. p. 45). A diferença é que, de acordo com Noddings e Gilligan, as mulheres, em sua maioria, são sensíveis a essa ética, acreditam e trabalham em favor do comportamento cuidadoso sempre dentro de relacionamentos, particularmente os íntimos. Já os homens, na maioria dos casos, tendem a oprimir os sentimentos naturais de cuidado em favor de um comportamento que seja justo, olhando mais para a totalidade do que para suas relações diárias – subestimando os relacionamentos, e isso acontece por ser eles menos sensíveis e perceptivos que as mulheres às questões da natureza humana, isso muito devido à falta de apego às suas mães na infância, como afirma Gilligan. “Podemos rejeitar o que sentimos, o que vemos claramente, mas correndo o risco de nos separar não apenas dos outros, mas do nosso self ideal.” (NODDINGS. p. 72).

A ética do cuidado é uma ética que estabelece “vínculo entre relacionamento e responsabilidade”. (GILLIGAN. 1982. p. 186). Ao nos relacionarmos criamos expectativas recíprocas de confiança e amabilidade que vão aumentando na medida em que nos tornamos íntimos. Esperamos ser cuidados, defendidos e protegidos por quem divide conosco diariamente uma relação sadia e afetuosa de amizade e/ou parentesco. No entanto, a história humana tem nos mostrado que é muito comum esse cuidado não acontecer, que algumas vezes precisamos chamar a atenção do outro próximo para a nossa dor ou para os nossos alívios. O estudo de Gilligan nos mostra que embora as pessoas estabeleçam relações particulares durante a vida, elas estão cada vez mais desvinculando os relacionamentos do sentimento de responsabilidade. E isso parece acontecer com mais facilidade no agir masculino.

Na verdade, estou afirmando que o impulso de agir em benefício do outro presente é em si inato. Está latente em cada um de nós, esperando o desenvolvimento gradual em uma sucessão de relações de cuidado. Estou sugerindo que a nossa inclinação para a moralidade – e o interesse nela – derivam do cuidado. No cuidado, aceitamos o impulso natural de agir em benefício do outro. (NODDINGS. 2003. p. 110).

Os relacionamentos propiciam ligações profundas que contribuem para aliviar as tristezas, os problemas e a violência entre as pessoas, assim como, para propagar

entre elas as alegrias, o cuidado, as vitórias e as boas lembranças. Quando nos relacionamos temos a oportunidade de colocar em prática nossos sentimentos mais humanos e verdadeiramente bons como a compaixão, o amor e o zelo. A ética do cuidado dá ênfase aos relacionamentos alertando as pessoas para o outro que está ao lado, para aquele alguém que desperta com sua presença uma sensação de confiança, de reciprocidade, ternura e um impulso maior nosso para cuidar. “A empatia, compaixão, vergonha, raiva, culpa e afetos mais sutis, tais como um vago sentimento de confiança ou desconfiança, ansiedade, etc. estimulam o nosso sentido do que é moralmente relevante.” (FURROW. 2007. p. 160).

Noddings deixa entender que o cuidado se expressa e se desenvolve por meio dos relacionamentos afetuosos e que a partir desse exercício construímos a moralidade. Ou melhor, temos o ímpeto de cuidar e quanto mais exercemos esse cuidado nas nossas relações particulares de afeto, mais aprendemos a tratar devidamente as pessoas em geral e, portanto, mais próximos da moralidade estamos. Segundo Noddings, trazemos em nós a propensão para fazer o bem por termos guardado na memória emoções positivas relacionadas às boas atitudes e sentimentos. Mas para termos acesso a essas lembranças e respondermos também positivamente a elas necessitamos estimular constantemente a razão – para trazê-las à tona -, para que quando os nossos impulsos naturais para cuidar não forem suficientes para o agir imediato, tenhamos o auxílio da reflexão para tal ato. “Por isso, na base do comportamento moral está a percepção ou o sentimento. Mas, além disso, há o compromisso de permanecer aberto a esse sentimento, de lembrar-se dele e de colocar o próprio pensamento a seu serviço.” (NODDINGS. 2003. p. 121). Assim, ela expõe que quando a ética natural (cuidado natural) está enfraquecida devemos nos esforçar, com o uso do pensamento reflexivo, para exercer a ética ideal (baseada em direitos, deveres e obrigações de cada pessoa), e “a motivação para tal auto-reflexão, que frequentemente pode ser dolorosa e difícil, é simplesmente o desejo de relacionamento e o reconhecimento da importância dele para nosso crescimento”. (FURROW. 2007. p. 158).

Agora percebemos como a união da ética do cuidado à ética da justiça pode contribuir fortemente para a melhoria das relações e para um futuro próspero à humanidade. Os homens, lembrando o estudo de Gilligan, defendem a individualidade, a separação, e ao mesmo tempo querem a justiça em medidas igualitárias. Comparando com a ética surgida da moralidade feminina fica evidente o descompasso do pensamento dos homens em relação à vida humana e sua rede de ligações. Primeiramente, se

fossemos todos negar a importância dos relacionamentos íntimos e partir para uma vida isolada, negaríamos assim automaticamente o amor e a união do homem/mulher e todas as propagações desse amor – filhos, netos, sobrinhos, pai, mãe, parentes, o que acarretaria um verdadeiro caos na humanidade e possivelmente seu fim. Segundo, como podemos pensar em justiça e igualdade se não tivermos relacionamentos de grande valor afetivo?

De acordo com Gilligan, se não construímos vínculos afetivos com as pessoas por acharmos que nossa individualidade é mais importante e nos asseguram equilíbrio, e que os relacionamentos só são interessantes se superficiais e descartáveis – como pensam muitos homens, estamos tirando o direito do outro de querer relacionar-se e conseqüentemente de contar com nosso cuidado e responsabilidade. Estamos nos indispondo à troca, ao auxílio, ao cuidado, indo contra a nossa própria natureza. Assim, tentando construir uma ética sólida, o homem se descobre, a partir da visão adulta de moralidade, agindo contra seus princípios de justiça e igualdade. “A consciência de múltiplas verdades leva a uma relativização da igualdade no sentido de equidade e ensaja uma ética da generosidade e do cuidado.” (GILLIGAN. 1982. p. 178).

Será que os homens, cada um deles, pregam a individualidade só para si? E a justiça, para quem? Olhando para as atitudes masculinas dá para pensar que eles ao contrário do que dizem, proclamam o egoísmo. Porque eles não abrem mão das mulheres em sua vida e nem da construção de uma família; não dispensam agrados e cuidados dos amigos, como também esperam sempre de suas mães uma resposta imediata aos seus apelos. E o que esses homens pretendem dar em troca aos cuidados dos outros próximos, individualidade, não reciprocidade? Para Gilligan, é isso mesmo que eles têm feito, não todos, mas a maioria dos homens comporta-se há décadas - de geração em geração - como solitários dentro de relacionamentos que deveriam ser de afeto e cumplicidade recíprocos. “Enquanto as mulheres tentam mudar as regras para preservar o relacionamento, os homens descrevem os relacionamentos como facilmente substituídos.” (GILLIGAN. p. 55).

Muitos homens, segundo Gilligan, acreditam que estão interados e envolvidos em suas relação particulares, se vêem como participantes ativos e atentos nos seus relacionamentos mesmo à distância, eles não se observam como egoístas. É nessa hora que o despertar feminino é fundamental. A mulher madura quando dentro de uma relação desse tipo – injusta e desigual para ela – pode ajudar o homem a enxergar sua displicência em não cuidar de seus relacionamentos, mostrando-lhe seu desconforto,

angústia e insatisfação por não ser cuidada em vez de calar-se. Pois “as mulheres acham-se idealmente situadas para observar o potencial na conexão humana para cuidado como para opressão”. (GILLIGAN. p. 180). Dessa maneira é possível a mulher libertar aos poucos o homem da armadilha feita por ele mesmo, de sufocar seu cuidado pelo que lhe é íntimo para deixar prevalecer o cuidado com as ações justas ao todo social.

A maioria dos seres humanos valoriza uma diversidade de bens e muitos desses bens estão em conflito, ou são mutuamente incompatíveis. Por exemplo, posso valorizar o meu emprego e a minha família, mas para tirar o “máximo” de meu emprego implicaria em substancial comprometimento de tempo e energia devotado à família. Assim, para tirar satisfação tanto do emprego quanto da família, devo encontrar um equilíbrio que me permita apreender a riqueza de ambos, sem que isso demande que eu maximize o meu desfrute de qualquer um dos dois. (FURROW. 2007. p. 138).

Noddings afirma assim que a ética do cuidado, provinda da sensibilidade feminina, é familiar também ao espírito masculino, necessitando apenas ser desvelada e aceita pelos homens. Só que, considerando as colocações de Noddings, para a possibilidade de revelação do cuidado masculino se tornar fato, as mulheres têm que se dispor continuamente e cautelosamente a mostrar aos homens o trajeto natural de suas emoções, fazendo-os entender que a vida se realiza e se completa quando nos envolvemos em relações que nos impulsionam a agir em favor do bem, para nós e para o nosso afeto próximo, e, somente depois disso, temos condições de pensar na totalidade, já que, segundo Noddings, por mais que desejemos, não conseguimos ser solícitos e cuidadosos com todos ao mesmo tempo. “Como cuidadora, não estou buscando justificção para minha ação; não estou em pé diante de algum tribunal. O que busco é me completar no outro – a sensação de ser objeto do cuidado e, espero, o compromisso renovado do objeto do cuidado de voltar e agir como cuidadora nos círculos dentro dos quais está inserido.” (NODDINGS. 2003. p. 124).

Mas, entendemos, a partir do estudo de Noddings, que toda essa dedicação feminina em favor da acomodação da ética do cuidado na moralidade masculina só tem fundamento e eficácia se os homens por eles mesmos trabalharem seu espírito para agir conforme sua natureza, começando a realizar, então, uma tarefa contrária a qual vêm fazendo há tempos. Contudo, para Noddings, esse esforço que toda mudança requer tem que contar com dois aliados: o pensamento reflexivo e a vontade própria. “Embora eu seja atraída para o outro, sou também quem inicia e escolhe meus atos. Posso agir de

acordo com aquilo que é bom na minha natureza mais profunda ou posso buscar evitá-lo.” (NODDINGS. p. 130).

Noddings identifica que pouco adianta a paciência e o desejo da mulher em esclarecer a realidade da interdependência entre as pessoas e a importância do cuidado nas relações, se o homem não pára para olhar abertamente seu comportamento nem sente vontade de agir diferente. Se mesmo quando diante de situações que evocam uma resposta imediata e positiva para com as pessoas queridas – não neutralidade no agir, correspondendo às expectativas dos mais próximos -, o homem não acorda para uma reavaliação do seu comportamento imparcial e nem sente um desejo forte de fazer diferente, provavelmente o exemplo e a dedicação femininas, nesse caso, não irão provocar mudanças nele. “Tudo depende, então, da vontade de ser bom, de permanecer em uma relação de cuidado com o outro.” (NODDINGS. p. 134).

Noddings em sua argumentação põe abaixo os princípios da ética masculina, particularmente quando diz que “se temos um desejo forte de ser morais, não o rejeitaremos,¹⁸ e esse forte desejo de ser moral deriva, refletidamente, do desejo mais fundamental e natural de estar e permanecer relacionado”. (NODDINGS. p. 110). Melhor dizendo o que Noddings constatou, quando existe em nós indisposição em agir em favor do nosso impulso natural em benefício das pessoas do nosso convívio, estamos mostrando desinteresse à moralidade, pela indiferença que aí demonstramos ao cuidado, afeto e responsabilidade. “Ao sustentar e aumentar o cuidado, uma ética do cuidado conserva muitos valores tradicionais, mas nenhum deles apenas por si mesmo. Em vez disso, conserva-os como uma exigência do cuidado.” (NODDINGS. p. 139).

Mesmo acreditando sermos seguidores da moralidade e eticamente corretos, reagimos negativamente, muitas vezes, aos sábios impulsos naturais que nos levam a cooperar e proteger o que nos é próximo, elucida Noddings. Evidenciando aí nossa hostilidade à dependência recíproca de todos os ciclos de vida. Hoje, segundo Furrow, a ideia de moralidade enraizada no pensamento da maioria das pessoas é aquela de uma vida obediente às leis, às regras sociais, as quais tendem a tornar as pessoas estranhas umas às outras, preocupadas somente em escapar ilesas das relações socialmente estabelecidas e comumente causadoras de danos. “Visto que o agir moral é dependente de nossa capacidade de ingressar em relacionamentos e de os sustentar” (FURROW.

¹⁸ O que sentimos.

2007. p. 165), quando nos distanciamos das pessoas e conseqüentemente das relações que estabelecem vínculos e participações, estamos nos negando a ser morais.

Em uma época em que nos preocupamos bem mais com a igualdade e com a justiça do que com a conexão e a cooperação, quase certamente acharemos mais fácil juntar-nos aos homens em suas maneiras tradicionais do que induzi-los a se juntar a nós. Além disso, sentimo-nos justificadas buscando a igualdade, mas, muito naturalmente, somos temerosas e inseguras quando ousamos questionar as instituições e os costumes dos quais fomos excluídas. (NODDINGS. 2003. p. 152).

A ética do cuidado já poderia ter saído do imaginário feminino e se unido à ética social atual, melhorando nosso convívio e a nossa vida. Mas, depois de tanto tempo de restrições e obediências, as mulheres, como revela Noddings, acomodaram-se à “ética dos homens”, aprenderam a seguir o caminho estipulado como indiscutivelmente correto através das autoridades masculinas, ao ponto de calar suas idéias e trancá-las em seu íntimo com receio do erro e do julgamento repressor dos homens. Para Gilligan, embora as mulheres desejem uma mudança positiva em suas vidas - no modo como são interpretadas e tratadas, elas se esquivam do debate revelador dos seus ideais com a sensação de incerteza da validade dos seus pensamentos e sentimentos. “Estivemos observando a capacidade ética diminuída, a maneira como ela é livremente escolhida no mal, como as pessoas recorrem a ela sob intolerável pressão externa e como ela é induzida por nossas instituições e costumes.” (NODDINGS. p. 153).

A verdade é que, de acordo com Gilligan e Furrow, aos poucos a mulher adquiriu hábitos masculinos, pela educação e cultura, e foi deixando de lado a sua natureza – com toda particularidade de sensações, percepções e desejos. A vida social, cada vez mais, incorpora nela uma correspondência positiva à moralidade masculina de separação. Grande parte das mulheres segue dividida entre o que sente e pensa e o que os outros esperam que ela sinta e pense. E assim, sempre levadas pela tendência do comportamento generalizadamente masculino, as mulheres, em sua maioria, diz Gilligan, opta por se comportar de maneira a não chocar e decepcionar as pessoas com suas verdades, e vão adaptando-se ao movimento da vida dos homens. “Entre os mais urgentes problemas da agenda da pesquisa sobre o desenvolvimento adulto está a necessidade de delinear nos próprios termos das mulheres a experiência da sua vida adulta.” (GILLIGAN. 1982. p. 185).

A atitude de ceder ao que dita as regras sociais sem contestação, tem levado a mulher a cooperar com a moralidade machista e a desvalorizar sua personalidade própria, assim como, a importância dos relacionamentos, do cuidado recíproco e da atenção ao que lhe é familiar. Em vez de clarear para os homens o estado nebuloso e complicado como eles as vêem, as mulheres estão, para Gilligan, preferindo concordar com eles e desconfiar de si. Acompanhando-os em suas marchas rumo à justiça cega ao cuidado e às particularidades de cada um. “Meu argumento, então, é que os homens precisam aprender a cuidar, e as mulheres precisam aprender a se manter como cuidadoras por meio de um fortalecimento geral da auto-imagem.” (NODDINGS. 2003. p. 163).

O pensamento de Noddings esclarece que o comportamento desviante do cuidado que algumas mulheres têm adquirido das relações sociais, torna-se crescente com as mudanças de papéis e obrigações da mulher dentro da sociedade e, principalmente, dentro do contexto familiar. A mulher de uns anos para cá tem sentido a necessidade de incorporar a inflexibilidade e firmeza masculina como forças para arcar com as tensões emocionais que o trabalho fora de casa provoca nela e ao qual ela definitivamente aderiu. Mas, segundo Noddings, na busca pela força masculina por meio do trabalho fora do lar, a mulher revela a necessidade de afirmação e uma imagem de si diminuída, pois “muito pouco valor público é atribuído ao trabalho doméstico. É o trabalho público, remunerado, que é valorizado”. (NODDINGS. p. 162). E, muitas mulheres, para Noddings, sentem-se desvalorizadas, enfraquecidas e moralmente dependentes quando não participam da vida pública por meio do trabalho, e como consequência disso “seu cuidado real pode praticamente desaparecer”. (NODDINGS. p. 162).

É muito provável que a mulher de hoje tenha menos paciência, dedicação e preparo para educar seus filhos e proporcioná-los uma quantidade significativa de lembranças cuidadosas. Vemos que elas têm se distanciado consideravelmente da família, como naturalmente já fazem os homens, em prol do trabalho social. O que para Noddings é prejudicial para o desenvolvimento moral das futuras gerações, pois, acredita ela, o cuidado materno juntamente com o cuidado humano natural é essencial na realização efetiva da ética do cuidado no mundo. “O encorajamento contínuo que uma menina recebe para se concentrar em seus momentos de cuidado mais ricos e ternos, a companhia constante de um modelo de cuidado feminino, são muito poderosos na produção da mulher como cuidadora.” (NODDINGS. p. 164). Com a filiação das

mulheres à “ética dos homens”, a ética do cuidado fica ainda mais longe de se fazer real, e assim deixamos para trás ideais engrandecedores do espírito humano, reorganizadores da harmonia e qualidade da vida.

No entanto, por outro lado, de acordo com Noddings, a auto-imagem e aceitação elevadas na mulher, provindas da inserção no trabalho público, proporcionam ao longo do tempo uma força maior dentro dela e o reconhecimento de sua identidade. Esses aspectos positivos geram na mulher a coragem para expor seus pensamentos e vontades, como também, um maior discernimento sobre o que de fato faz parte de sua natureza. Vendo por este lado, Noddings expõe que é positiva a ida das mulheres ao mundo do trabalho social. Mas, o que ela quer mostrar é que a mulher não necessita sair do seu cotidiano da vida doméstica para sentir o seu valor e se fazer valorizada, ela não deve usar o trabalho social como meio de alcance ao cuidado, embora possa aproveitar-se da alegria que esse trabalho lhe traz para levar maior satisfação à sua vida particular e vice-versa.

Minha pesquisa sugere que homens e mulheres podem falar linguagens diferentes que presumem ser a mesma, utilizando palavras semelhantes para codificar experiências díspares do eu e dos relacionamentos sociais. Como essas linguagens partilham de um vocabulário moral superposto, estão propensas a uma criação defeituosa sistemática, criando falsificações que impedem a comunicação e limitam o potencial de cooperação e cuidado nos relacionamentos. Ao mesmo tempo, porém, essas linguagens articulam-se uma com a outra de maneiras decisivas. Assim como a linguagem das responsabilidades fornece imagens como as de uma teia dos relacionamentos para substituir o ordenamento hierárquico que se dissolve com o advento da igualdade, também a linguagem do direito sublinha a importância de incluir na rede do cuidado não apenas o outro mas também o eu. (GILLIGAN. 1982. p. 185)

Gilligan nos explica que os homens em sua moralidade igualitária e separatista podem não ter realmente consciência que uma ética limitada a esses princípios é fatal na vida das mulheres. Assim como as mulheres podem também não compreender que uma moralidade baseada em interdependência e relacionamentos afetivos é bastante surpreendente para os homens. O que Gilligan diz que precisa ficar claro para ambos os sexos é que o modo como eles vivenciam as situações corriqueiras ou mais complexas do dia-a-dia é naturalmente diferente, e é assim porque homens e mulheres trazem em si percepções próprias de humanidade e vida, e a partir dessas percepções constroem seus valores e personalidades distintas, com características particulares. “O diálogo entre equidade e cuidado não apenas oferece uma compreensão melhor das relações entre os

sexos como dá também ensejo a uma compreensão mais abrangente do trabalho adulto e das relações familiares.” (GILLIGAN. p. 186).

Porém, apesar da moralidade masculina e feminina parecerem contraditórias, elas se ajustam a um mesmo propósito e caminham para um lugar comum, contudo sendo estranhas uma a outra. A explicação para isso está justamente no diferente sentido de vida que é experimentado pelo homem e pela mulher, o qual modifica a visão de cada um sobre a realidade. Mas, se bem percebermos, como fala Gilligan, a moralidade masculina leva a mulher a valorizar o seu cuidado próprio quando os homens focalizam a igualdade entre as pessoas como elemento básico para a construção de uma ética. Como também, a moralidade feminina faz o homem ver que os relacionamentos constroem ligações de apego e interdependência, e que essas ligações são primordialmente necessárias para concretizar o ideal da igualdade entre as pessoas e para tornar a ética efetiva. “Na representação da maturidade, ambas as perspectivas convergem para a compreensão de que assim como a desigualdade afeta adversamente ambas as partes num relacionamento desigual, também a violência é destrutiva para todos os envolvidos.” (GILLIGAN. p. 186).

O estudo da ética do cuidado dá vida aos desejos dos homens e das mulheres, mostrando a eles que tanto uma ética guiada pela separação tende a incentivar o egoísmo, como uma ética guiada pelos relacionamentos pode cair na armadilha do altruísmo destrutivo e prejudicial. Como Boff nos sugere, é necessário haver o equilíbrio entre o bem que fazemos a nós e o bem que fazemos aos outros para que possamos continuar operando na vida como fortes cuidadores, atentos ao próximo, a nós mesmos e a todas as formas de vida.

A ética do cuidado, portanto, é uma ética justa e fiel aos relacionamentos humanos, reconhece a interdependência de tudo na natureza e o valor das pessoas que fazem a nossa vida repleta de trocas significativas. Ela propõe que sejamos mais atentos ao movimento da vida, que coloquemos compaixão, solicitude e humildade no nosso agir e que tenhamos mais disposição para refletir sobre as questões do nosso dia-a-dia.

A abertura nas relações para a ética do cuidado propicia um encontro entre o eu e o próximo, digno e integral, considerando as particularidades das nossas vidas como fatores determinantes para o nosso agir. A ética do cuidado não é uma ética que julga, é uma ética que acolhe, participa e reage ao apelo humano de modo a facilitar o nosso desejo natural de cuidar e ser cuidados.

CONCLUSÃO

O cuidado é anterior ao homem, é ele que constrói o nosso ser e lhe insere a capacidade de pensar, sentir, preocupar-se, responsabilizar-se, qualificando-nos como humanos. Sem o cuidado perdemos nossa essência, nosso valor, nossa sabedoria inata. Somos formados pelo cuidado, no entanto podemos ser deformados pelo descuido – se assim optarmos, pois ambos são inerentes a nossa natureza. Todos nós, homens e mulheres, trazemos no íntimo desde o nascimento o impulso para cuidar e o desejo de sermos cuidados, assim como também, trazemos o descuido que pode nos levar por um caminho que diverge da prática do cuidado e do bem querer das pessoas. Cabe a nós decidirmos aceitar o cuidado natural e desenvolvê-lo – agindo em favor dele, ou rejeitá-lo – agindo contra ele e em favor do descuido, seu contrário.

O cuidado humano inato precisa dos relacionamentos para nascer, crescer, desenvolver-se e multiplicar-se. São nas relações, principalmente as afetuosas do dia-a-dia, que temos a oportunidade de exercitar o que temos de bom no íntimo. Ou melhor, é o cuidado enraizado no nosso espírito que nos impulsiona para o crescimento, o desenvolvimento e para a reprodução do bem, e essas etapas são vividas, ultrapassadas e perpassadas para gerações subseqüentes graças aos nossos relacionamentos cotidianos e a aprendizagem e superação que eles nos proporcionam. Sem as relações de amizade, coleguismo e bem-querer entre as pessoas a vida humana tende a estagnação, ao não desenvolvimento - o que provavelmente acarretaria seu fim. O isolamento provocador do desamor, do desafeto e da solidão é uma forma sutil e ao mesmo tempo avassaladora de negação ao cuidado natural presente em cada um de nós. Isto porque quanto menos nos relacionamos menos nos dispomos ao outro, à troca e ao crescimento, e mais distantes ficamos da conservação dos ideais de amor, afeto, paz, solidariedade, justiça que buscamos ao longo de toda vida para nos sentirmos dignamente vivos.

Com o desenvolvimento do cuidado em nós apreendemos o seu valor e passamos a conhecer a diferença existente entre uma vida baseada no agir com cautela, zelo e responsabilidade e uma vida desregrada - de atitudes egoístas, irresponsáveis e desrespeitosas. Entendemos, com a prática do cuidado, que a manutenção da dignidade e integralidade humanas depende das nossas atitudes cotidianas, diariamente temos a oportunidade de melhorar nossas relações, o ambiente no qual estamos inseridos, a nossa vida e a vida das pessoas com as quais nos relacionamos. Quando reconhecemos o nosso poder em promover transformações positivas nas relações humanas, íntimas e

sociais, e o quanto a participação do cuidado em nossos pensamentos e ações modifica a percepção que temos de nós, do outro e de todos os seres, compreendemos o estrago que a negação desse cuidado causa à nossa vida e a vida harmoniosa de toda a natureza.

A responsabilidade em equilibrar as emoções positivas e negativas conflitantes em nosso ser é inteiramente nossa, e demandam uma atenção especial. Não estamos livres de cometer injustiças, irresponsabilidades e descuidos na vida, mas também não somos livres para agir sem um olhar atento às nossas ações e comportamentos e sem um comprometimento com o respeito ao outro e à natureza em sua totalidade. O cuidado que temos em nos proteger de algum possível dano deve ser, se não naturalmente (“ética natural”), obrigatoriamente (“ética ideal”), perpassado às demais pessoas que estão a nossa volta. Embora não possamos nos responsabilizar por todos e nem cuidar de todos, devemos nos esforçar em tornar o ato de pensar e sentir com o outro um hábito, o que com a prática e o tempo possibilita mudanças significativas nos nossos relacionamentos particulares, no nosso comportamento diante de nós e da sociedade em geral.

A partir do momento em que nos observamos, avaliamos o que sentimos e o que fazemos rotineiramente, damos-nos conta do quanto somos frágeis, limitados e dependentes de um ciclo de vida equilibrado. Estamos o tempo todo cercados por pessoas que de alguma forma cooperam para o ritmo de nossa vida se manter estável, basta uma só dessas pessoas rebelar-se – cometendo algum ato negativo e inesperado, para desestruturar toda a nossa vida e a vida de quem está próximo a nós. O mesmo acontece com os nossos atos, eles inevitavelmente atingem outras pessoas que provavelmente se sentem lesadas e injustiçadas – se forem atos negativos como o desrespeito, egoísmo e a violência -, ou sentem-se bem e alegres – se forem atos positivos como a solidariedade e a compaixão. Assim como pode existir entre as pessoas o hábito de cuidar, a falta de cuidado pode se tornar cíclica e viciosa se nos acostumarmos a viver na insensatez do descuido.

É necessário promovermos um encontro em nosso ser entre a razão e a emoção no intuito de não cometermos enganos e injustiças por meio de um comportamento desordenado e impulsivo. Embora exista dificuldade em alinhar o nosso raciocínio e reflexão com os nossos sentimentos, evitando os excessos tanto para o racional quanto para o emocional, é primordial buscarmos esse equilíbrio para vivermos e convivermos com os outros e com todas as espécies de vida da natureza conscientes da importância da interdependência, do respeito, da união, da responsabilidade, do cuidado e da afetividade para a plenitude da vida, para seu desenvolvimento, sua qualidade e solidez.

Leonardo Boff nos apresenta dois modos da humanidade se estruturar no mundo: o modo-de-ser-trabalho e o modo-de-ser-cuidado. Ambos se mesclam e se complementam no espírito humano formando um ser que é capaz de construir, modificar, destruir, solidificar, cooperar, proteger, cuidar, interagir e dominar. O trabalho e o cuidado são essenciais à vida. O primeiro nos possibilita a ousadia necessária para a construção e desconstrução do que nos é dado pela natureza – sem precisarmos destruí-la ou alterá-la drasticamente – na preservação da nossa sobrevivência e dignidade. O segundo nos fornece a sabedoria de atender aos nossos chamados internos para ação e pensamentos pacíficos, responsáveis, cautelosos e com vistas ao bem-estar geral.

O que vem acontecendo nas últimas décadas é a supervalorização do trabalho em detrimento ao cuidado. O trabalho, cada vez mais, deixa de ser utilizado como um meio de desenvolvimento sadio e de interação entre as formas de vida para elevar-se à dominação, distanciando-se da construção sensata e necessária, e caminhando para a intervenção destrutiva da natureza. A natureza e todos os seres passaram a viver como reféns ou meros objetos nas mãos de algumas pessoas que acreditam ter o poder e o direito sobre o curso de toda a vida sobre a terra. Enquanto isso, o cuidado fica esquecido no íntimo de cada um, negligenciado em favor do deleite ao consumo, à superficialidade e ganância. No entanto, precisamos ter consciência que quando damos as costas ao cuidado, estamos negando a nossa própria existência e humanidade, estamos matando o nosso maior poder que é o de aperfeiçoar a vida e contribuindo para o fim da bondade, do bom senso, abrindo um maior espaço para o aparecimento da violência e intolerância entre as pessoas.

O estímulo ao ser-trabalho e ao ser-cuidado, dentro de cada um de nós, tende a ser diferente, dependendo do gênero. Juntas, a dimensão do masculino (*animus*) e a dimensão do feminino (*anima*) que compõem o nosso ser dirigem nossas ações, sentimentos e comportamentos ao longo da vida. A dimensão do masculino corresponde ao ser-trabalho e tende a pulsar mais fortemente no homem, é ela que nos impulsiona para realizar sonhos, planejar novos projetos, desejar e concretizar mudanças. A dimensão do feminino corresponde ao ser-cuidado e se encaixa melhor à mulher, essa dimensão nos faz refletir sobre as nossas atitudes, responsabilidades, é ela que nos direciona para buscarmos relacionamentos afetuosos que nos motivam a proteger e cuidar da nossa vida e da vida do nosso semelhante.

O ser-trabalho, quando acentuado no espírito humano, pode provocar um comportamento agressivo, insensível, dominador e egoísta, esse excesso da dimensão do masculino flui melhor e é mais bem aceito no homem, por se assemelhar a sua natureza independente e desapegada. Da mesma forma, o ser-cuidado quando se desenvolve muito mais que o ser-trabalho dentro de nós, pode ocasionar sensibilidade em demasia - prejudicando nossa conduta diante da vida -, dependência paralisante e um altruísmo cego ao nosso próprio valor. Já esse excesso da dimensão do feminino é mais característico na mulher, também por ser mais bem aceito e adaptável a ela, devido às semelhanças entre a natureza feminina (cuidadosa e protetora) e a *anima*.

Temos que nos esforçar para equilibrar o *animus* e a *anima* dentro de nós na tentativa de não ultrapassarmos os nossos limites, evitando assim o aprisionamento do humano ao poder insensato, dominador e destruidor da dignidade, harmonia e aperfeiçoamento da vida. Como também não devemos parar de dar movimento a nossa vida, para que o auxílio e cuidado ao outro não paralise ou obscureçam os nossos próprios projetos e desejos. Apesar de, nos dias de hoje, o ser-trabalho ser bem mais alimentado que o ser-cuidado na maioria das pessoas - pela necessidade que temos de corresponder positivamente aos apelos do mercado de trabalho, do consumo social generalizado e da superficialidade dos relacionamentos – ainda desejamos e acreditamos em uma mudança de comportamento que reavalie o que é verdadeiramente importante em nossa existência.

Buscamos inspiração na antiga fábula mito do cuidado – adaptada pelo sábio Higino, para aprofundar nossos conhecimentos sobre o cuidado, na tentativa de abstrair sua origem mais primitiva, sua real constituição, e principalmente, a sua relação com o ser humano e natureza. A fábula de Higino, como é também conhecida, utiliza-se de algumas figuras mitológicas como representações fortemente enérgicas e participativas na corporificação do cuidado e na constituição do humano.

Partindo dos ensinamentos da fábula do cuidado passamos a enxergar a grandiosidade da essência humana e a maestria com que fomos feitos. Descobrimos que o cuidado foi quem primeiramente iniciou a nossa construção, usando o barro para nos dar forma – por isso o nome homem (*húmus*). Depois de ser esculpido com terra, pelo cuidado, o corpo recebe o espírito do sopro de júpiter (céu), a orientação no tempo do sábio Deus Saturno, e um guia para a vida inteira – que é o próprio cuidado. Assim, de acordo com a fábula de Higino, fica evidente que o homem se compõe de terra, céu, cuidado e sabedoria.

O céu e a terra existentes no homem e na mulher é que desenvolvem respectivamente a dimensão do masculino e a dimensão do feminino dentro de cada um. O progresso, a vida pacífica e duradoura de toda a natureza depende do equilíbrio dessas duas dimensões na alma humana. O espírito (céu) e o corpo (terra) formam um homem ativo, capaz de superar limites, desbravar o desconhecido e saber discernir o construtivo do destrutivo. A junção da dimensão céu com a dimensão terra dá vida a um humano sábio e cuidadoso, que precisa do raciocínio e reflexão para administrar harmoniosamente sua sabedoria e seu cuidado, evitando assim os excessos e descuidos destruidores dos ciclos da vida.

O céu, gerador do animus, quando valorizado e desenvolvido mais que a terra no nosso ser, tende a provocar, em ambos os sexos, uma busca incessante ao poder e uma sensação de superioridade e independência das outras vidas, e esse comportamento dá vazão ao fortalecimento dentro de nós do ser-trabalho dominador e dominante. O mau uso da força, movimento e energia que adquirimos da dimensão céu nos remete ao erro da posse da natureza, da individualidade e da separação do feminino do masculino.

É a porção terra, desencadeadora da anima, que nos possibilita a leveza espiritual, a sensibilidade ao cuidado e o sentimento de amor e afeto. Contudo, também corremos o risco de nos apegarmos muito à dimensão terra e lhe dar um espaço superior ao necessário em nosso ser, contribuindo para a elevação demasiada do ser-cuidado, o que ocasiona uma vida improdutiva. Disso pode decorrer em nós uma quietude ou falta de ação paralisante do movimento da vida, um comportamento exageradamente zeloso que nos impede de prosseguirmos e uma passividade diante dos conflitos existenciais e sociais que tanto prejudicam o aperfeiçoamento da natureza humana.

A sabedoria nos estimula a seguir o nosso guia (o cuidado), observando durante a vida o que ele nos ensina e nos faz sentir. É o cuidado que nos mostra o caminho à dignidade, ao respeito e responsabilidade. É ele que nos faz refletir em busca de respostas sensatas aos nossos dilemas mais complexos, como também é ele que abre nossos olhos para a vida real - com suas redes de ligações, interdependências e necessidade de relações afetuosas, justas e igualitárias. Sem o cuidado perdemos a medida entre o excesso e a falta, entre o bem e o mal e alimentamos o desequilíbrio interno das dimensões em nosso ser.

Podemos, então, dizer que a dimensão do masculino nos é dada pela porção céu (espírito) que recebemos na nossa formação, e é essa dimensão que gera o ser-trabalho no homem e na mulher. Porém, o homem, na maioria dos casos, no seu

desenvolvimento cria uma relação mais estreita com o ser-trabalho, porque sente uma inclinação forte aos apelos do poder, da individualidade e independência adquiridos do animus. E isso se deve a fácil adaptação da natureza masculina à separação, o que a faz durante a vida, evitar naturalmente criar vínculos e apegos à pessoas e relacionamentos. Assim, o homem mantém um distanciamento do outro que ao longo do tempo promove uma falta de afeto, de solicitude e envolvimento com seu semelhante, como também, uma tendência ao desinteresse e distância às emoções fortalecedoras do cuidado.

Já a dimensão do feminino insere-se no humano pela porção terra (corpo) participante também da formação do homem e da mulher. A dimensão do feminino é responsável pela construção do ser-cuidado nos dois gêneros, mas é fortalecido com maior frequência e espontaneidade na mulher durante seu desenvolvimento. E isso acontece por ela ser sensível ao que o ser-cuidado preza: o amor, a solicitude, o apego e a interdependência. A natureza feminina sente um forte desejo de estar relacionada, de partilhar suas emoções, forças e fraquezas, de cuidar e ser cuidada, porque a alma desperta nela sua semelhança à Mãe terra acolhedora, protetora, cuidadosa e geradora de vida. Assim, a mulher durante seu desenvolvimento procura estabelecer relações afetuosas que criem laços profundos e duradouros, na intenção de manter seu poder de cuidar e proteger a vida.

A natureza do homem e da mulher se assemelha a natureza que nos cerca - ambas são regidas pelas forças do céu e da terra. Contudo, a natureza humana com o uso dessas forças faz nascer um diferencial entre o humano e o restante da natureza: o raciocínio e o sentimento. A razão e emoção nos foram proporcionadas para andarem juntas, unidas, na edificação de um humano capaz de saber aperfeiçoar a vida que lhe foi dedicada. No entanto, nos aventuramos a separá-las, diminuindo assim a capacidade de integração e lucidez humanas. O que era para ser uma diferença positiva na elevação dos ideais de aperfeiçoamento e qualidade de todo ciclo de vida, torna-se, nas nossas mãos, a cada dia, uma arma poderosa para submissão do todo aos princípios egoístas, auto-suficientes e insensatos de parte da humanidade.

A terra que está na natureza feminina e masculina é a mesma que “pisamos”, maltratamos e subestimamos, apesar de, contraditoriamente, muitas vezes nos pegarmos contemplando-a. A natureza que nos integra é a mesma natureza que podemos ver fora de nós, mas ainda não entendemos isso. Não somos só parte da natureza, somos ela na sua totalidade. É muito provável que a humanidade ainda demore décadas para

reconhecer o que há séculos nos está posto: a natureza e o humano são o mesmo, se a primeira for destruída, inevitavelmente o segundo não sobreviverá.

O desenvolvimento do cuidado em cada ser, homem ou mulher, depende da importância e estímulo que cada qual dá a ele e da disposição de ambos em segui-lo. E para a abertura ao cuidado acontecer o uso conjuntamente atento do pensamento, reflexão e emoção é indispensável. A razão quando separada da emoção e colocada por nós como determinante na solução de conflitos e na busca de justiça e igualdade, pode ocasionar na humanidade uma falta de sensibilidade em suas decisões e certa desvalorização das pessoas queridas de seu convívio. A mesma desarmonia acontece quando agimos somente movidos pela emoção, por meio de impulsos cegos ao valor de cada pessoa, da integralidade e dignidade de todo ser.

Como a maioria dos homens tende a agir em favor da dimensão do masculino, deixando o cuidado aos relacionamentos de lado, conseqüentemente o número de descuidos cometidos por eles no decorrer da vida é bem maior do que os cometidos pelas mulheres – que, na sua maioria, são sensíveis ao valor e importância das relações. A realidade atual nos mostra a violência destruidora dos lares, das amizades e da cordialidade entre as pessoas, e percebemos que, muitas dessas agressões são cometidas pelo sexo masculino. Isso se deve à visão de vida de muitos homens, que separa o eu do outro como meio de preservar sua independência e fortaleza, colocando-se diante da vida como ser superior aos demais.

Durante muito tempo as diferenças de desenvolvimento e comportamento entre os sexos foram subestimadas e reduzidas a uma falha/falta no desenvolvimento das mulheres, ficando as características masculinas padronizadas como ideais e superiores às femininas. E isso devido ao erro de estatísticas tendenciosas e mal interpretadas por psicólogos e psicanalistas do sexo masculino – entre eles Freud, Piaget e Kohlberg.

O modo preconceituoso e machista com que os homens viam as mulheres - colocando-as como seres inferiores, dependentes e incapazes de se desenvolver integrados ativamente à sociedade – fez com que o sexo feminino ficasse estigmatizado como frágil e, portanto, limitado em seu desenvolvimento, por um longo período. Essa visão estabeleceu para a sociedade e para própria mulher uma educação que desvaloriza e diminui a capacidade feminina de desenvolvimento integral e atuação social.

As diferenças entre os sexos passaram a ser motivo de humilhação para as mulheres e submissão delas às regras impostas pelos homens. Como a grande maioria

das mulheres não se adapta a um comportamento sem apego e independente - por trazerem uma ligação forte com o cuidado inato e, como observou Gilligan e Noddings, por terem se desenvolvido fortemente apegadas às suas mães, elas são postas à margem da sociedade, como se o desejo de estarem relacionadas as tornassem impotentes para tomar decisões acertadas diante da vida social, desencadeadora de impasses e dúvidas.

No decorrer do seu desenvolvimento entre infância, juventude e maturidade, a mulher vai construindo sua personalidade e aumentando o seu poder de discernimento sobre o que de fato pensa, sente e deseja e o que provém da educação masculinizada recebida desde os seus primeiros dias. Passa da fase do egoísmo (infância e primeira adolescência) para a fase do auto-sacrifício (adolescência e juventude) e posteriormente, na idade adulta, atinge a fase da responsabilidade amadurecida – a qual a desperta para a ética do cuidado. Nesta última fase, a mulher entende que para ser boa não necessita abrir mão dos seus ideais em prol do bem-estar das outras pessoas (com o prejudicial auto-sacrifício), percebe que quando deixa de assumir as suas verdades e vontades está agindo falsamente, descuidando de si e das pessoas queridas do convívio. Na maturidade, a mulher se conhece e se respeita, incluindo a partir de então o cuidado e responsabilidade primeiramente à sua vida, sem é claro deixar de colocar atenção nas suas relações.

As pesquisas de Kohlberg e sua formulação dos seis estágios que explicam, obscuramente, o desenvolvimento moral de homens e mulheres durante a infância, adolescência e idade adulta, foram determinantes para enraizar na educação social a idéia de que a mulher com seu cuidado atento, sua responsabilidade e afeto às pessoas, particularmente e primordialmente as íntimas, está apta a administrar as relações no seu lar, mas necessita da ajuda masculina para saber se relacionar fora do ambiente familiar. Essas conclusões precipitadas prejudicam até hoje o desenvolvimento das mulheres e o reconhecimento delas da possibilidade de serem adultas sem comprometerem sua feminilidade. Como a maioria das mulheres não reconhece seus desejos, sentimentos e pensamentos na educação formada pelas convicções masculinas, acabam acreditando que realmente são incapazes de assumir responsabilidades no âmbito social, e permanecem caladas na frustração e insegurança que o receio de julgamento masculino as impõe.

Ficou estabelecido que a mulher estaciona seu desenvolvimento no terceiro estágio da escala do desenvolvimento moral de Kohlberg. Esse estágio é atingido na adolescência e caracteriza-se pelo comportamento ajustado ao que o outro espera de

nós, inibindo as nossas próprias vontades, e nos acomodando às regras estabelecidas. As mulheres não atingem os estágios finais dessa escala pela dificuldade delas em fazer julgamentos e se desprenderem dos seus afetos, relacionamentos e altruísmo.

A explicação para a injustiça de Kohlberg com as mulheres está na sua visão masculina de moralidade, a qual eleva o poder do indivíduo, dando-o prioridade para agir e julgar conforme o estabelecimento de leis, regras e contratos sociais imparciais e de difícil mudança. Com isso, os relacionamentos e a responsabilidade que eles nos demandam - principalmente os particulares, ficam em segundo plano, relegados ao acaso dos julgamentos que nem sempre finalizam com a verdade e justiça alcançadas.

Tendo como referência os estudos de Gilligan, aprendemos que o desenvolvimento da personalidade difere entre os gêneros desde a infância, possivelmente porque, como já vimos em Boff, a maioria dos homens tende a alimentar a dimensão do masculino em seu ser e a maioria das mulheres tende a alimentar a dimensão do feminino também dentro de si. Isso ocasiona de um lado o ser-trabalho de personalidade independente e egoísta e de outro o ser-cuidado de personalidade dependente e altruísta. Ambos fortalecidos separadamente, eles podem criar uma distância muito grande entre as ações, pensamentos e sentimentos masculinos e femininos, o que compromete a efetivação da ética social feita pelos homens, mas que abarca a todos, homens e mulheres.

Gilligan e Noddings, com base em Chodorow, têm uma explicação complementar a de Boff no que diz respeito à formação da nossa personalidade e moralidade. Elas acrescentam que o convívio da criança com sua mãe nos primeiros anos de vida é determinante para a formação de sua personalidade. Em consequência da troca entre mãe e filho surge o apego (das meninas) ou a natural necessidade de separação (dos meninos) - para conservação e desenvolvimento de sua masculinidade. Disso resulta uma relação cada vez mais forte e apegada das mães com as filhas mulheres criando um vínculo de atenção e cuidados recíprocos, o que alimenta o ser-cuidado no espírito feminino. E ao contrário disso, os filhos homens não se apegam às suas mães, pela falta de semelhanças e trocas entre eles desde a infância, gerando no homem uma procura pela separação, independência e individualidade no curso da vida, incentivando o desenvolvimento do ser-trabalho em seu espírito.

Fica evidente, então, que a facilidade que a mulher tem em se envolver e a necessidade de proteger, cuidar e relacionar-se durante a vida, ela, em parte, resgata da memória afetiva que traz da infância, quando o cuidado e proteção foram despertados

em seu ser pelo amparo zeloso e fiel da referência feminina materna. Toda essa lembrança de emoções positivas ligadas à interdependência torna a mulher sensível às emoções e necessidades alheias. Porém, a sensibilidade ao outro pode deixar a mulher vulnerável a esquecer de si ou anular-se em favor do bem-estar de seu semelhante querido. É preciso que a mulher busque ter consciência do seu valor e mantenha as suas verdades e desejos claros nas suas relações para que no cuidado ao outro não descuide de si e anule seu poder de perpetuar o bem.

A falta do apego à mãe pode ocasionar na vida do homem adulto uma menor sensibilidade ao cuidado natural, distanciando ele dos sentimentos de amor e compaixão. Para evitar que a percepção do cuidado seja diminuída nos homens é importante que os pais estejam tão presentes e participativos na vida de seus filhos como as mães estão, proporcionando também ao filho homem a sensação de uma relação recíproca de confiança, ternura e interdependência.

Agora, partindo dessas colocações, conseguimos perceber a confusão feita por Kohlberg ao insinuar que as mulheres não atingem a maturidade, acreditando que a necessidade de ligação sentida por elas as paralisam na adolescência. Contrariando a equivocada interpretação de Kohlberg ao comportamento feminino, as mulheres provam que o interesse em cuidar e ser generosas com os semelhantes, ao invés de ser um ato infantil, representa uma maturidade com vistas a um futuro digno, pacífico, igualitário e promissor para toda vida.

A maneira diferente como homens e mulheres vêem a vida, ele enxergando como separação e ela como união, faz surgir duas formas de entender a moralidade humana e dois caminhos para o encontro da ética social. O homem, na sua maioria, como dá vazão aos chamados do ser-trabalho, promove dentro de si o desenvolvimento da ética da justiça buscando os ideais de igualdade, justiça e individualidade para todos, sem a participação ativa dos afetos. A ética da justiça incorpora o comportamento imparcial nas relações, no qual as emoções devem permanecer quietas para não atrapalhar a precisa análise dos direitos e deveres do indivíduo na comunidade.

A ética da justiça tende fortemente a abalar as relações particulares, as quais não esperam ser tratadas com imparcialidades. Essa ética estimula a desvalorização das pessoas queridas por nós, colocando os relacionamentos particulares como subordinados às obrigações morais generalizadas. E tudo isso desencadeia uma frieza e desconfiança entre as pessoas que acaba por isolá-las, comprometendo o desenvolvimento e o aperfeiçoamento da vida humana.

Na maioria dos casos, a mulher na maturidade tem uma visão de vida interligada, na qual a proteção e o cuidado são indispensáveis à plenitude da existência, engrandecendo em si o ser-cuidado e desenvolvendo no íntimo a ética do cuidado, da responsabilidade, que não é taxativa nem totalmente imparcial. As mulheres almejam, como os homens, alcançar o ideal da igualdade e justiça para todas as pessoas, mas diferentemente deles fogem da individualidade (que, para muitas delas, torna a teoria masculina contraditória), buscando a interdependência e os relacionamentos íntimos responsáveis para concretizar o desejo de perpetuar o afeto e o cuidado entre as pessoas de forma justa e igualitária.

A ética do cuidado admite a participação ativa dos afetos nas decisões morais, o que faz com que essa ética acrescente a responsabilidade moral às obrigações morais já impostas. Assim, a ética do cuidado vê os relacionamentos como meio de proporcionar às gerações futuras uma vida aperfeiçoada, na qual as ações não dependerão somente de obrigações morais, mas juntamente delas estará a vontade de praticar o bem que cada pessoa terá adquirido de suas relações afetivas particulares. Isso porque a convivência afetuosa diária nos ensina a reconhecer com sensibilidade as necessidades humanas e respeitá-las.

Como as idéias masculinas, desde o começo dos tempos, sempre foram as ouvidas e proclamadas como ideais, a ética da justiça tornou-se a ética utilizada na sociedade para garantir o bom comportamento social do homem. E, como as mulheres pouco falam sobre seus sentimentos e desejos mais profundos, e também pouco são ouvidas quando ousam falar, a ética do cuidado provinda de suas experiências de vida ainda é utopia e motivo de dúvidas sobre sua funcionalidade e eficácia, inclusive entre muitas mulheres.

Um obstáculo encontrado para a edificação de uma ética que some os valores da ética do cuidado aos valores da ética da justiça é a maneira diferente que homens e mulheres enxergam a responsabilidade e a violência, e conseqüentemente a forma diversa com que ambos lidam com elas. Na ética do cuidado encontramos uma forma pessoal de julgar a violência e a responsabilidade. Para ela, o certo e o errado não vêm de um comportamento estabelecido igualmente para todos, mas nasce da análise particular de cada caso, avaliando o estado em que cada pessoa se encontra no momento de um ato de agressão ou irresponsabilidade. Pois esta ética reconhece que o humano é construído pelo cuidado, e que mantém em si o impulso natural de cuidar de si e das pessoas que lhe despertam amor e afeto, e às vezes, em casos extremos, ele precisa

violiar a moralidade - ferindo algumas pessoas, para poder preservar sua vida ou/e a vida de quem ama. Mas a ética do cuidado apesar de ser compreensiva às necessidades das pessoas, não é uma ética irresponsável e que defende a total parcialidade das ações, ao contrário é uma ética humilde às fragilidades humanas e justa as nossas particularidades.

A ética da justiça já vê a violência e responsabilidade de forma impessoal, negando as limitações e angústias de cada indivíduo, acreditando estar contribuindo para a igualdade de direitos e deveres entre as pessoas. Para ela, o julgamento do certo e errado independe das condições que cada pessoa se encontra na hora de cometer uma violência e/ou irresponsabilidade, analisando todos os casos conforme um mesmo padrão de comportamento moral.

A maneira de a maioria dos homens se posicionar diante da vida como independente das relações, mantendo certa distância até mesmo dos seus relacionamentos particulares - pois para eles estes podem ser sempre substituídos quando passam a atrapalhar seus planos pessoais – faz com que eles vejam a responsabilidade também como independente dos relacionamentos. Ou seja, quando o homem pensa em responsabilidade ele associa ter essa responsabilidade para consigo mesmo, já que se observa separado do todo da natureza. Depois disso, é que pode passar a sentir responsabilidade por outras pessoas. Para o homem, ser responsável é evitar agredir, procurar não agir com violência, e para conter a agressão que a falta de responsabilidade causa, ele estabelece regras de convívio, normas que minimizem a violação dos direitos e da individualidade de cada pessoa.

Partindo da idéia masculina de que agir com responsabilidade é agir procurando evitar qualquer forma de violência, e que mesmo pensando assim eles, em sua maioria, insistem em se manter isolados, inclusive de suas famílias, constatamos uma confusão mental nos homens com pinceladas de contradição. Ora, se a maioria dos homens se nega a envolver-se com os problemas e satisfações de sua vida familiar cotidiana, para que possa manter o controle e a segurança da realização dos seus objetivos pessoais, eles estão sendo indiscutivelmente violentos e egoístas com as pessoas que os amam e que se dispõem a viver ao seu lado lhes dando atenção, carinho e compreensão, como também estão semeando a desigualdade entre as pessoas.

Quando pesquisamos o que para o homem causa a violência, fica evidente a superficialidade das idéias, de grande parte deles, sobre as relações humanas. A maioria dos homens vê a violência como fruto dos relacionamentos – principalmente os íntimos,

pela vulnerabilidade destes às traições, humilhações e desencantos, contribuindo para o surgimento da vontade de agredir e um forte motivo para ser agredido. Com isso, entendemos que o homem não percebe que está agindo com violência quando se isola num mundo à parte mesmo estando dentro de relações. Ao contrário, ele acredita que mantendo distância dos envoltimentos de troca, fica mais fácil manter distante também a violência, visto que para ele um necessariamente provoca o outro. Esse atrapalhado pensamento masculino juntamente com a natural necessidade de separação no homem, impede que os relacionamentos afetivos entre homens e mulheres sejam frutíferos para ambos, e na maioria das vezes planta a frustração, a tristeza e o desamor entre eles.

A visão de responsabilidade e violência da maioria das mulheres é exatamente oposta a da maioria dos homens. Como a mulher se desenvolve apegada às outras pessoas, envolvida em relacionamentos afetivos que busca cuidar e proteger, ela passa a se sentir responsável pelas pessoas queridas de seu convívio – chegando às vezes a descuidar da responsabilidade a si própria, o que pode diminuir sua capacidade cuidadora. A mulher entende que ter responsabilidade é cuidar dos relacionamentos – já que acredita ser o mesmo que cuidar de si, pois não se vê separada deles -, é se manter atenta e presente sempre que o outro próximo demonstrar que precisa de amparo, para que não decepcione quem lhe deposita confiança, diminuindo, assim, o vínculo afetivo da relação.

Com uma idéia de vida interdependente, na qual a responsabilidade nasce com os relacionamentos, a mulher, na sua maioria, desenvolve uma aversão à solidão e ao isolamento, como se eles significassem uma agressão à vida e uma maneira de enfraquecê-la. Por isso, as mulheres associam a violência ao não estar relacionadas. A maior causa da violência na visão das mulheres é a diferenciação que as elevam à categoria de superiores aos demais. Ou seja, as mulheres, em sua maioria, vêem o sucesso, principalmente os relacionados ao destaque profissional, como algo negativo para elas e para as outras pessoas que não foram capazes de receberem-no. Isso pelo fato de acreditarem que ele desencadeia entre as pessoas, bem sucedidas e não bem sucedidas, uma distância que tende a aumentar, segregando-as. E na luta pela igualdade - como se ela assegurasse a manutenção da vida relacionada e amparada - as mulheres se rendem à agressão e ao desrespeito.

Embora homens e mulheres construam moralidades próprias a cada sexo, eles são formados pelas mesmas dimensões, sendo capazes, assim, de convergirem em favor de uma mesma ética. Ambos os sexos podem adaptar-se tanto a ética da justiça, como já

fazem as mulheres, quanto à ética do cuidado, como também desejam alguns homens. Para tanto é preciso o interesse em cooperar na luta por um mundo melhor, com vistas ao bem sem subestimar o valor único de cada pessoa e a ligação interdependente de toda vida. Contudo, uma visão unificada e aperfeiçoada de moralidade só é possível com o reconhecimento por parte dos homens da importância da sensibilidade, empatia e envolvimento para a harmonia das relações humanas, e também o reconhecimento por parte das mulheres do seu valor, do direito de guiarem suas vidas com suas próprias personalidades e interesses.

Defensores do cuidado atento nas relações como Leonardo Boff, Carol Gilligan e Nel Noddings, acreditam que uma ética ideal reúne traços da ética da justiça e da ética do cuidado. Da primeira, conservamos a importância da justiça igualitária que inclui e valoriza o “eu” nas relações, no entanto, sem fazê-lo ser superior e independente do “outro”. Da segunda, mantemos a relevância dos relacionamentos afetuosos que inclui e valoriza o “outro” nas relações, vendo esse “outro” como igual e não superior ao “eu”.

A iluminação dos diferentes entendimentos de igualdade, responsabilidade e violência, provindos da moralidade de homens e mulheres, mostra-nos que precisamos da união de nossas experiências de vida para desvendar os mistérios e necessidades humanas, no caminho ao encontro de uma ética igualitária, responsável, pacífica e justa aos desejos de ambos os sexos. O homem durante a vida dá o exemplo de independência, o que acaba despertando a mulher para cuidar de si, para lutar pelos seus ideais e por seu espaço na sociedade, elevando sua auto-estima e o auto-respeito. Já a mulher com o seu apego ao outro, desperta o homem para a realidade da interdependência, para a necessidade do cuidado e respeito com o semelhante e para a importância da atenção prioritária e zelosa ao que lhe é íntimo.

Com a explicação da psicologia sobre as diferenças de desenvolvimento e comportamento entre homens e mulheres, surge uma questão interessante: para a ética do cuidado deixar de ser idealizada e finalmente conseguir se unir, naturalmente, à ética social vigente com eficácia, faz-se necessário repensar a educação dada às crianças e jovens em seus lares e escolas. Percebemos que é com uma educação de qualidade – sem preconceitos, ciente das particularidades de cada sexo, enfática na importância da atenção e respeito ao outro e a si mesmo, e certa da ligação dependente de toda a vida – que conseguimos tornar a atitude de cuidar um hábito e, como consequência disso, a

ética do cuidado poderá surgir espontaneamente nas relações, deixando aos poucos de ser utopia e passando a fazer parte da realidade da nossa vida.

A ética do cuidado, extraída das experiências das mulheres, insere nas complexas discussões sobre moralidade a relevância da construção de uma ética que venha a valorizar o papel da compaixão no comportamento humano, particular e social - dando uma atenção especial e prioritária às pessoas que esperam de nós a acolhida e despertam um cuidado recíproco -, em vez de apenas nos determos, como acontece com a ética atual, em evitar a violência por meio de regras gerais baseadas nos direitos humanos. Assim, em vez de apenas procurarmos evitar o mal – com um comportamento seguidor da lei e dos bons costumes, a ética do cuidado nos propõe, além disso, o incentivo ao hábito de praticarmos o bem – por meio de um comportamento atento e envolvido com o que se passa ao nosso redor, com o uso dos afetos, da responsabilidade, acolhida, solicitude e do cuidado.

Visto as tendências de comportamento relativas a cada sexo, percebemos que a ética da justiça realmente acolhe mais as expectativas masculinas de ser ético do que às femininas. Mas isso não será em benefício da nossa vida pacífica? Quem garante que a junção da ética do cuidado à ética da justiça não traria transtornos ainda maiores à nossa convivência? Pois se os estudos comprovam a inclinação da maioria das mulheres em agir parcialmente, levando em consideração os afetos e relacionamentos, poderíamos dizer que a inclusão de particularidades em decisões éticas provocaria um aumento da violência e do desrespeito entre as pessoas, já que cada qual tem um modo singular de analisar os fatos e de senti-los. Até mesmo entre as próprias mulheres existe uma diferença de sensibilidade, que se fossemos demarcar um equilíbrio não chegaríamos a um consenso justo. No entanto, vale a pena ressaltar a importância de desenvolvermos no íntimo a sensibilidade moral, procurando enxergar com clareza o que torna a vida mais leve, justa e aperfeiçoada, e com isso aplicar no dia-a-dia, nos relacionamentos com as pessoas, práticas que dignifiquem nossa existência.

Um grande dilema ético surgido no estudo da ética do cuidado é o de como encontrar um meio termo entre agir com justiça e com cuidado, sabendo manter a imparcialidade que a justiça requer e ao mesmo tempo a parcialidade que os relacionamentos afetuosos demandam, sem por algumas vezes infringir a ética social descuidadamente, ou não atender em tempo aos chamados de quem espera por nossa ajuda. E ainda, como encontrar um meio termo válido para “mim” e não prejudicial ao

outro, já que temos percepções e sensibilidades diferentes, principalmente se tratando das diferenças entre homens e mulheres?

Muitas vezes nos desesperamos com fatos ocorridos em nossos relacionamentos familiares e íntimos de forma a perder o cuidado com pessoas que também estão próximas a nós e necessitam de nosso cuidado e bom senso. Ficamos propensos a ser negligentes com os outros se colocamos o foco e toda nossa energia em um fato importante que de repente surgiu em nossa vida particular, nos desestruturando, e fazendo-nos agir sem o cuidado devido aos relacionamentos menos próximos. Acreditamos poder desviar de algumas obrigações corriqueiras, inclusive faltar ao trabalho, para dar uma atenção prioritária a um fato particular para nós doloroso e urgente. Mas, e se existir outra pessoa no nosso ambiente de trabalho que passa por uma situação semelhante, mas contorna o fato ocorrido para não precisar faltar ao trabalho, pois sabe que é imprescindível sua presença já que aquele colega teve que faltar. Como administrar a ética do cuidado numa situação como esta? Se na ética do cuidado o julgamento do limite do permitido e do não permitido é dado analisando cada caso e suas particularidades, como chegar a um consenso de ação justa e cuidadosa?

Seria maravilhoso se conseguíssemos sentir uma emoção positiva de partilha e compaixão por todas as pessoas que por vezes nos relacionamos, e fossemos sempre cuidadosos e atenciosos com quem está perto de nós e precisa de amparo, mas sabemos que nossa sensibilidade e empatia não despertam para todos, isso até para resguardar o nosso equilíbrio interior e a nossa paz de espírito, necessários para a nossa própria sobrevivência. A verdade é que a natureza humana age com sabedoria, reconhecendo as limitações e fragilidades do seu “eu”. Não conseguiríamos viver muito tempo se todas as sensações das pessoas que cruzam o nosso caminho despertassem em nós uma emoção similar e imediata. Como poderíamos entrar em um shopping para nos divertirmos e fazermos compras se em frente à sua porta de entrada esbarramos em pedintes famintos e tristes pedindo o nosso “auxílio”, se não fossemos capazes de separar a nossa dor da dor do outro? Ficaríamos todos tristes, desolados e diminuídos, o que não contribuiria em nada nem para a nossa existência nem para a vida de quem sofre.

A ética do cuidado reconhece as limitações humanas, identifica a impossibilidade de cuidarmos e sentirmos por todos que de alguma forma nos relacionamos. Contudo, essa ética nos estimula a procurar sermos sensíveis ao outro em suas fragilidades e necessidades, buscando a referência do amor natural que sentimos

por quem divide conosco o cuidado e o respeito no dia-a-dia. Ou seja, apesar da ética do cuidado admitir que nós, homens e mulheres, temos limitações e devemos respeitá-las até mesmo para preservarmos o auto-respeito – tão importante na construção da moralidade e da ética, ela ao mesmo tempo alimenta uma ilusão sobre a capacidade humana de doar-se, de auxiliar e comprometer-se, a qual idealiza bem maior do que na realidade sabemos ser capazes.

O que a ética do cuidado diria para uma jovem mulher que vê seu amado marido, de repente e tragicamente, perder seu poder de raciocínio, discernimento e troca, ficando paralisado em seus movimentos e atitudes? Será que é justo com o marido a esposa sair de perto dele nessa hora tão difícil para assegurar o cuidado consigo mesma e manter sua força para continuar na vida como cuidadora? Será também que é justo com a esposa esperarmos que ela continue numa relação na qual não reconhece mais a pessoa que amava, não tem mais a reciprocidade no cuidado e nem a troca afetiva? No momento em que a dor da perda do outro se mistura com a dor da nossa própria perda, qual solução a ética do cuidado aponta? Possivelmente a ética do cuidado diria para a esposa preservar o cuidado próprio, e se para isto fosse necessária a separação, que ela a concretizasse de uma maneira “cuidadosa”. Vemos casos semelhantes a este no nosso dia-a-dia e constatamos que quase sempre as pessoas que deixam seus parceiros, nessas condições, são criticadas e julgadas como insensíveis, traiçoeiras e sem amor. Até que ponto a ética do cuidado é sensata e quando ela passa a ser contraditória?

Na realidade da vida esses dilemas éticos e afetivos não são tão simples de serem resolvidos em nosso íntimo. Pois podemos nos livrar da culpa por abandonar uma pessoa que é muito importante para nós no intuito de preservarmos o nosso próprio bem, mas não necessariamente nos livramos da dor de termos sido abruptamente deixados de ser cuidados com o amor do nosso companheiro(a). Podemos sair de perto da situação dolorosa, no entanto, provavelmente, ela continuará dentro de nós nos impedindo de cuidarmos e de sermos cuidados por algum período, para algumas pessoas esses tempo se torna infinito.

A ética do cuidado prioriza o cuidado aos relacionamentos íntimos, mas tem ressalvas: só se estes forem recíprocos no cuidado, se não, não temos que permanecer como cuidadores ativos nestas relações. Que ética afinal a ética do cuidado defende? A “ética” do toma-lá-dá-cá? E ao mesmo tempo ela defende a importância do cuidado e atenção às pessoas que vez ou outra nos relacionamos, visando melhorar a qualidade

dos relacionamentos e o aperfeiçoamento da vida futura. Mas, se as pessoas com as quais nos encontramos em algum momento, concretizando um relacionamento para a ética do cuidado, não são cuidadosas conosco? Parece-nos que a ética do cuidado cai aí em uma contradição. Pois se temos que ter respeito e dar a devida atenção a quem cruza o nosso caminho, priorizando as pessoas íntimas, isso quer dizer que embora alguém aja descuidadamente conosco temos que manter firme ao menos o respeito para com essa pessoa. E o nosso cuidado próprio, também defendido como primordial pela ética do cuidado, onde fica?

A ética do cuidado poderá deixar de ser utopia no dia em que todos nós formos reeducados, de maneira a nos respeitarmos e valorizarmos naturalmente, sem que isso seja uma exigência imposta pelo outro ou uma resposta ao seu cuidado por nós, mas sim um cuidado que venha de dentro de nós espontaneamente e sem pressão. Para isso precisamos vencer os preconceitos, barreiras e descasos ainda existentes na educação atual, como também, tentar repensar a forma diferenciada como homens e mulheres são educados. Como vimos, não é nada fácil acreditar no possível encaixamento da ética do cuidado nas nossas relações sociais. Apesar das mudanças positivas serem benéficas ao aperfeiçoamento da humanidade é ilusão pensar em uma educação que atinja a todos os níveis sociais de maneira semelhante e que tenha os mesmos resultados na vida das pessoas. Como a própria ética do cuidado nos lembra somos singulares, únicos, não cabemos em generalizações. Na crítica à universalidade da ética vigente a ética do cuidado acaba caindo nos mesmos dilemas que aponta como furos na ética da justiça: o desejo que todos sejam tratados com igualdade, que se comportem de forma semelhante diante de fatos também semelhantes, e que a justiça consiga ser feita a todos sem descuidar do valor de cada pessoa.

BIBLIOGRAFIA

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco. In Os pensadores.** Tradução Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- BEAUCHAMP. Tom L. e CHILDRESS. James F. **Princípios de ética biomédica.** Tradução Luciana Pudenzi. São Paulo: Loyola, 2002.
- BOFF. Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra.** Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- BOTTERILL. George. CARRUTHERS. Peter. **A filosofia da psicologia.** Tradução Rui Alberto Pacheco. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- CAPRA. Fritjof. **O ponto de mutação.** Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CHANGEUX. Jean-Pierre. **Fundamentos naturais da ética.** Tradução Vasco Casimiro. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.
- FERRER. Jorge José. ÁLVAREZ. Juan Carlos. **Para fundamentar a bioética: teorias e paradigmas teóricos na bioética contemporânea.** São Paulo: Loyola, 2003.
- FURROW. Dwight. **Ética: conceitos-chave em filosofia.** Tradução Fernando José R. da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- GILLIGAN. Carol. **Uma voz diferente.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional.** Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HOUAISS. Antônio. VILLAR. Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- JONAS. Hans. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica.** Tradução Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- LA TAILLE. Yves de. **Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas.** Porto Alegre: Artmed, 2006.
- _____. **Formação ética: do tédio ao respeito de si.** Porto Alegre: Artmed, 2009.
- MORIN. Edgar. **Ensinar a condição humana. In Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2007.

- NODDINGS. Nel. **O cuidado: uma abordagem feminina à ética e à educação moral.** São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- PINHEIRO. Roseni. MATTOS. Ruben Araújo. **Cuidar do cuidado: responsabilidade com a integralidade das ações de saúde.** Rio de Janeiro: Cepesc – Abrasco, 2008.
- _____. **Cuidado: as fronteiras da integralidade.** Rio de Janeiro: Cepesc – Abrasco, 2006.
- RACHELS. James. **Elementos da filosofia moral.** Lisboa: Gradiva, 2004.
- REALE. Giovanni. **Corpo, alma e saúde: o conceito de homem de Homero a Platão.** Tradução Marcelo Perine. São Paulo: Paulus, 2002.
- SÁ. Antônio Lopes de. **Ética e valores humanos.** Curitiba: Juruá, 2007.
- SAVATER. Fernando. **Ética como amor-próprio.** Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- SIMMEL. Georg. **Cultura feminina; Psicologia do coquetismo. In Filosofia do amor.** Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- STEIN. Murray. **Jung: o mapa da alma – uma introdução.** Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2006.
- WALDOW. Vera Lúcia. **As relações de cuidado; O cuidado com o meio que nos cerca. In O cuidado na saúde: as relações entre o eu, o outro e o cosmos.** Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- _____. **Cuidado humano: o resgate necessário.** Porto Alegre: Saga Luzatto, 1999.

